

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Curso de Pós-Graduação em História

Área de Concentração: Arqueologia

**ARQUEOLOGIA E INFORMÁTICA: UMA PROPOSTA DE
EDUCAÇÃO PATRIMONIAL SOBRE OS SAMBAQUIS DO SUL
DE SANTA CATARINA**

Valdir Luiz Schwengber

Dissertação de Mestrado

Porto Alegre, Julho de 2002.

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ΕΠΙΓΡΑΦΕ

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos são às pessoas que direta e indiretamente contribuíram para a concretização dessa dissertação: professores, amigos, colegas e familiares. A todos, indistintamente, agradeço a colaboração.

À Lúcia e a Débora, com quem dividi meus sonhos, angústias e ausências;

Ao professor e orientador Klaus Hilbert pelo incentivo e apoio crítico na produção desse trabalho;

À colega Deisi, pelo apoio e troca de idéias.

À equipe do Núcleo de Pesquisa em Educação Patrimonial – NUPEP pela colaboração.

A equipe da Pós-graduação em História da PUC-RS, Carla, Adriana, Cláudio Carle, Márcia, Mírian e Gislene pelo apoio prestado durante o curso;

Aos professores e mestres que contribuíram na minha formação, Prof. Arno A. Kern, Prof. Pedro Inácio Schmitz, Prof. Antonio Lezama, Prof. Denis Vialou e Profª. Agueda Vialou.

Ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, pelo auxílio no acesso a processos que enriqueceram a pesquisa;

A Escola de Educação Básica Bertoldo Zimmermann, pela oportunidade de trocar experiências e aplicar o instrumento de pesquisa.

Aos acadêmicos, Alexandro Demathé, Heinrich Prost, Andréia Guarezi, Luciana Boschetto, Maria Aparecida N. O. Souza, pelo auxílio.

A professora Ivete pela correção ortográfica e gramatical;

A Marlene pela hospedagem e apoio durante todo o curso;

Aos meus familiares pelo incentivo, de forma especial, à minha irmã Janete, pela cumplicidade.

Aos meus pais pelo carinho, especialmente, à minha mãe Ermelinda (*in memoriam*) pelo exemplo de vida.

SUMÁRIO

LISTA DE GRÁFICOS.....	8
LISTA DE FIGURAS	9
INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1	
ASPECTOS SOBRE A FORMAÇÃO E OCUPAÇÃO DO LITORAL	15
1.1 A formação geomorfológica do continente sul-americano e suas implicações quanto a ocupação do território	15
1.2 A área de pesquisa e seus aspectos geográficos	21
1.3 Os sambaquieiros do litoral brasileiro	25
1.4 Debates sobre a origem dos sambaquis	27
CAPÍTULO 2	
OS SAMBAQUIS – ANÁLISE TEÓRICA DAS PESQUISAS NO SUL DE SANTA CATARINA	31
2.1. Pe. Rohr e a aplicação da lei 3924/61	32
2.2. Sub-projeto I: região de Laguna - Anamaria Beck	34
2.3 Padrão de assentamento e formação de sambaquis – Paulo de Blasis e Maria Dulce Gaspar	47
2.4 Destruição dos sambaquis	51

CAPÍTULO 3

A SOCIEDADE E SUA CONSTRUÇÃO CULTURAL 56

3.1. O papel da educação na sociedade	57
3.1.1 Novas abordagens e novas metodologias	59
3.2. Patrimônio, memória e identidade	64
3.3 A relação da comunidade de Mato Alto – Tubarão/SC com seus sambaquis	70
3.4. Metodologia de educação patrimonial e a preservação do patrimônio histórico ..	80
3.5. Legislação de preservação do patrimônio e a destruição dos sítios	84

CAPÍTULO 4

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL – UMA PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO 89

4.1. Os museus e a educação patrimonial	90
4.1.1 “Ossos para o ofício: proposta, execução, e avaliação de uma exposição temporária”	93
4.2. Palestras e oficinas.....	94
4.2.1 “Projeto Tambá- Ki - a importância da preservação de nossos sambaquis”	95
4.2.2 Sambaqui e arqueologia: uma atividade em sala de aula	99
4.3 Exposição itinerante: "Educação patrimonial, arqueologia e preservação dos sambaquis do sul de Santa Catarina – Brasil"	104
4.4. Hipermídia	106
4.4.1 Aprendizagem e a hipermídia	109
4.4.2 O desenvolvimento de aplicações hipermídia	111
4.4.2.1 Análise	111
4.4.2.2 Design	114
4.4.2.3 Execução	116
4.4.2.4 Operação	117
4.4.2.5 Monitoramento	118
4.4.2.6 Equipe de desenvolvimento	118
4.4.2.7 Demonstrações	118

CAPÍTULO 5

PROGRAMA “OS SAMBAQUIS DO SUL DE SANTA CATARINA” E

ATIVIDADES EDUCATIVAS 120

5.1 Estrutura de Navegação do <i>Software</i>	121
---	-----

5.2 Conteúdos desenvolvidos no software “Os Sambaquis do Sul de Santa Catarina”	123
5.3 Aplicação do programa “Os Sambaquis do Sul de Santa Catarina”	134
CONCLUSÃO	141
REFERÊNCIAS	142
ANEXOS	162

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01: Os sambaquis e a comunidade de Mato Alto – Tubarão/SC – Fonte: própria	72
GRÁFICO 02: Onde você aprendeu sobre os índios	73
GRÁFICO 03: O que você sugere para a preservação dos sambaquis?	74
GRÁFICO 04: Por quê você acha que devia ser dada mais importância aos sambaquis?	75
GRÁFICO 05: Os sambaquis são destruídos por:	76
GRÁFICO 06: Você conhece o trabalho de algum historiador ou arqueólogo na nossa região?	77
GRÁFICO 07: Os sambaquis estão sendo bem preservados e por quem?	78
GRÁFICO 08: Você conhece alguma lenda ou mito sobre os sambaquis?	78
GRÁFICO 09: Faixa etária dos entrevistados	79
GRÁFICO 10: Principais recomendações internacionais relativas ao patrimônio arqueológico	85
GRÁFICO 11: Alunos envolvidos na aplicação do <i>software</i>	135
GRÁFICO 12: Acerto das questões do Nível 1	136
GRÁFICO 13: Acerto das questões do Nível 2	137
GRÁFICO 14: Acerto das questões do Nível 3	138

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01: Mapa do Complexo Lagunar	21
FIGURA 02: Sambaqui Garopaba do Sul – Jaguaruna/SC – 2000	26
FIGURA 03: Mapa, de acordo com os três Sub-projetos	35
FIGURA 04: Sambaqui da Carniça – Laguna/SC	38
FIGURA 05: Sambaqui Congonhas I – Tubarão/SC	39
FIGURA 06: Escavação no Sambaqui Jaboticabeira II	48
FIGURA 07: Mapa do “ <i>Camacho Archaeological Project – CAP</i> ”	50
FIGURA 08: Sambaqui de Carniça – Laguna – SC	52
FIGURA 09 : Sambaqui Mato Alto II – Tubarão – SC	55
FIGURA 10: Sambaqui Mato Alto II – Tubarão – SC	71
FIGURA 11: Navegação do programa I	121
FIGURA 12: Navegação do programa II	122
FIGURA 13: Navegação do programa III	123
FIGURA 14: Sítios Pré-históricos	124
FIGURA 15: Sítios Históricos	124
FIGURA 16: Povos Sambaquieiros	125
FIGURA 17: Indústria Sambaquieira	126
FIGURA 18: Indústria lítica	127
FIGURA 19: O que é patrimônio cultural?	128
FIGURA 20: Atitudes de preservação	129
FIGURA 21: Pesquisa arqueológica	130
FIGURA 22: Pesquisadores – João Alfredo Rohr	130
FIGURA 23: Pesquisadores – Anamaria Beck	131
FIGURA 24: Pesquisadores – Equipe USP/MN/UFRJ	132
FIGURA 25: Jogos educativos	133

INTRODUÇÃO

Os sítios arqueológicos do tipo sambaqui e os debates em torno de sua origem e formação são tema de debate entre estudiosos e leigos desde um período mais remoto, o da criação da disciplina Arqueologia, que de forma sistemática, através do estudo da cultura material, busca elucidar muitas interrogações despertadas. As dificuldades financeiras e a falta de recursos humanos para estudar os sambaquis, de forma mais intensiva, obriga-nos a pensar, urgentemente, em medidas voltadas à preservação e conservação destes sítios. Por resguardarem valiosas informações sobre a história da ocupação do litoral brasileiro, passa a ser de interesse público a manutenção desses lugares que, se futuramente investigados, poderão responder a diversas indagações ainda sem respostas.

Portanto, a escola como espaço privilegiado para a formação das novas gerações, não pode ficar isolada, primeiramente, do debate em torno da importância do reconhecimento da história dos grupos para a formação da sua identidade cultural e, posteriormente, no papel de assumir uma postura ativa para o esclarecimento sobre a existência de sítios arqueológicos históricos e pré-históricos, a pesquisa e a difusão da consciência preservacionista.

“Educação Patrimonial consiste em provocar situações de aprendizado sobre o processo cultural e seus produtos e manifestações, que despertam nos alunos o interesse em resolver questões significativas para sua própria vida, pessoal e coletiva” (Horta, 1999: 8).

A realização de atividades educativas, alicerçada na metodologia da educação patrimonial, propicia a realização de um diagnóstico sobre a vinculação da escola com a questão patrimonial, bem como do nível de informações dos professores quanto a esta temática. É surpreendente a condição de apatia por parte da escola, preocupada com o desenvolvimento de conteúdos curriculares e a ignorância dos educadores sobre a história e o patrimônio cultural. Isso serve para reavaliar a postura e os compromissos das instituições universitárias, de forma especial, a universidade a que estamos vinculados, responsável por grande parte dos educadores da região.

Nas oportunidades criadas com os educadores para tratar da temática em torno da preservação do patrimônio arqueológico, a falta de material didático-pedagógico, adequado para a utilização no ambiente escolar, é citado como um dos entraves para inserir o tema nas discussões de sala de aula. Portanto, os objetivos desta dissertação de Mestrado, além de discutir a necessidade de preservação dos sítios arqueológicos do tipo sambaqui, centra-se, também, na produção de material didático-pedagógico para servir de suporte aos educadores na tarefa escolar de valorizar e difundir a consciência preservacionista.

O material produzido neste trabalho foge da convencional cartilha, exposição de fotos ou vídeo. Trata-se de uma produção hipermídia, ou seja, um *software* educativo que, de forma interativa, apresenta os principais conceitos referente aos sítios arqueológicos históricos e pré-históricos, sambaquis, pesquisa arqueológica, patrimônio

cultural, além de jogos, onde os usuários podem testar seus conhecimentos apresentados na etapa exploratória do programa.

A introdução crescente de computadores no âmbito escolar favorece a produção de novas alternativas de materiais para o uso educacional. A informática possibilita, além da variação de estímulos, uma forma interativa, agradável, instigante, que respeita o ritmo de cada usuário no processo de assimilação das informações apresentadas no *software*.

A delimitação geográfica da pesquisa, o litoral sul de Santa Catarina com enfoque a Tubarão/SC, responde pela área de interesse do Núcleo de Pesquisa em Educação Patrimonial – NUPEP/UNISUL. Ao atuar na preservação dos sítios arqueológicos do tipo sambaqui, vistoria sítios, realiza topografias e, especialmente, atende alunos das escolas com exposições, palestras, cursos de qualificação de professores, produção de material didático-pedagógico, promoção de eventos científicos e publicações científicas em seminários e congressos de Arqueologia, Educação, Turismo e Educação Patrimonial.

No primeiro capítulo, serão apresentados aspectos sobre a formação e ocupação do litoral sul-brasileiro, ressaltando-se a formação geomorfológica do continente sul-americano e suas implicações quanto à ocupação do território pelos grupos pesquisados nesse trabalho. Também delimita a área de pesquisa e seus aspectos geográficos, caracterização dos grupos sambaquieiros e os debates em torno de sua origem.

O segundo capítulo, ocupa-se de uma análise teórica das pesquisas em sambaquis no sul de Santa Catarina, evidenciando o papel do Padre Rohr e seus esforços na aplicação da lei 3924/61 no sentido de coibir o acelerado processo de destruição dos sítios. Recebe destaque a pesquisa realizada por Anamaria Beck, no

intuito de estudar a cultura material dos sambaquis de Santa Catarina, dividindo-o em estudo em três sub-projetos. O sub-projeto I: Região de Laguna foi privilegiada nessa pesquisa. As pesquisas coordenadas por Paulo de Blasis e Maria Dulce Gaspar, intitulado “Padrão de Assentamento e formação de sambaquis: arqueologia e preservação em Santa Catarina” estuda o litoral sul do Estado de Santa Catarina. A Lagoa do Camacho, de onde se origina o seu nome em inglês: *Camacho Archaeological Project – CAP*. Por fim, aborda-se um histórico da destruição dos sítios arqueológicos do tipo sambaqui e as principais causas.

O terceiro capítulo analisa a sociedade e sua construção cultural, evidencia o papel da educação na sociedade e a forma como as novas abordagens e metodologias vem transformando as perspectivas educacionais. Abrange a discussão de alguns conceitos como “patrimônio”, “memória” e “identidade”, estabelecendo uma relação da comunidade de Mato Alto – Tubarão/SC, pesquisada neste trabalho, com seus sambaquis. Em seguida, abordam-se metodologia de educação patrimonial e a importância da preservação do patrimônio histórico, além de justificar a base legal através da qual é garantida a preservação do patrimônio e a definição das implicações penais em caso de destruição dos sítios arqueológicos.

A Educação Patrimonial, através de uma proposta de preservação, é apresentada no quarto capítulo. Trata-se da importância dos museus na educação patrimonial, como um espaço de primazia, apresentando experiências. Recebem destaque o papel das palestras e oficinas – as atividades que inserem a Arqueologia no contexto da sala de aula e as exposições itinerantes. Aponta-se a hipermídia como uma alternativa para o desenvolvimento da educação patrimonial e suas contribuições para a aprendizagem, além da definição de um roteiro para o desenvolvimento de aplicação

hipermídia, que pode servir de referência à produção de material, tendo o computador como recurso didático.

O quinto e último capítulo expõem o programa “*Os Sambaquis do Sul de Santa Catarina*” e atividades educativas. É detalhada, nesta etapa, a estrutura do *Software*, orientando sobre a navegação, os conteúdos e sua disposição. Relata-se, finalmente, a experiência decorrente da Aplicação do programa “Os Sambaquis do Sul de Santa Catarina” na Escola de Educação Básica Bertoldo Zimmermann, na comunidade de Mato Alto – Tubarão/SC.

CAPÍTULO 1

ASPECTOS SOBRE A FORMAÇÃO E OCUPAÇÃO DO LITORAL

Compreender a ocupação do território sul-americano, de forma especial, no que se refere ao sul do Brasil, sugere o conhecimento de algumas características geográficas e geomorfológicas, importantes para o conhecimento dos paleoambientes, que através do estudo da cultura material, oferece importante suporte para o conhecimento de um passado mais remoto, ou que apresente limitada documentação. Interessam-nos as mudanças ocorridas durante o pleistoceno final e o holoceno para considerar as transformações de longa duração (clima, flora e fauna) ocorridas nesta região, contemporânea a ocupação humana da área abrangida neste estudo.

1.1 A formação geomorfológica e suas implicações quanto a ocupação do território

Uma visão elementar sobre o continente sul-americano, é que este é formado por uma sucessão de montanhas com incidência de picos de grande altitude na parte ocidental do continente e de terras baixas no interior a leste formando enormes redes hidrográficas que desembocam no Atlântico. Isto significa que as paisagens apresentam

diferenciações sensíveis de relevo e clima que tem um papel importante na pré-história sul-americana.

O Planalto das Guianas e o Planalto Brasileiro fazem parte da mesma unidade geológica, formado por rochas cristalinas, da Era Primária. Sobre esta base cristalina existe uma cobertura sedimentar de arenito e, no Brasil Meridional e áreas circundantes a ocorrência de fusões vulcânicas basálticas cobre as camadas anteriores, sendo esta a matéria-prima básica para a indústria lítica dos povos que habitavam este território.

Mais próximo ao Atlântico apresenta maior elevação, onde forma uma barreira montanhosa com relevos variados e pequenos planaltos de cobertura. Em direção ao interior, estas terras altas perdem altitude em direção ao interior em uma série de planaltos sucessivos, cortados pelos vales de grandes rios: São Francisco, Paranaíba, Tocantins, Araguaia, Paraná, Uruguai, Jacuí e outros de menor porte. Ao longo do Atlântico, o Planalto Brasileiro chega, por vezes, a costa, mas geralmente ele se destaca do oceano pelas suas escarpas e por uma planície litorânea estreita e muitas vezes coberta por lagunas. (Kern, 1991)

O Planalto Brasileiro é mais extenso da parte central ao norte do país e mais estreito ao Sul onde está mais próximo dos Andes. Sua formação apresenta grandes oscilações na paisagem, diferente do que se imaginava antes de serem realizados estudos mais minuciosos.

O planalto, ao sul do Trópico de Capricórnio, sofre os efeitos de sua proximidade com as montanhas andinas e das massas de ar polar que provêm do sul, bem como da corrente fria das Falklands. No extremo sul do Planalto Brasileiro, as terras altas cedem lugar às coxilhas e planícies, em áreas banhadas pelas redes fluviais do Rio Jacuí e Uruguai. (Kern, 1991)

A ocupação da região sul dava-se no litoral e no interior, destacando-se na paisagem litorânea, os Sambaquis. Pouco se sabe sobre o contato das populações do interior com os sambaquieiros e se este de fato ocorreu. Sabemos que, mais tarde, os grupos do interior ocuparam a faixa litorânea, testemunhado pelas constatações de estudos arqueológicos, porém, é difícil afirmar se permaneciam por temporadas curtas. (Duarte, 1968)

Podemos observar, nesta região, três ambientes distintos: estreita planície litorânea banhada pelo Atlântico, a Serra Geral, coxilhas e planícies (a partir do Sul do RS, envolvendo os pampas uruguaios e argentinos, que apresentam baixas elevações).

Essa longa evolução geomorfológica projetou as formas hoje conhecidas. Sendo, portanto, a base pela qual a flora e a fauna foi sendo estruturada, tornando-se o habitat para as sociedades que passaram a ocupar esta área.

A Serra Geral, a oeste da faixa litorânea do Atlântico, com altitudes às vezes superiores a 1.000m de altura, abrigou grandes grupos de coletores, caçadores e, mais tarde, horticultores. (Brochado, 1984; Hilbert, 1999; Kern, 1984, 1994; Monticelli, 1995; Reis, 1999; Ribeiro, 1980, 1999; Schmitz, 1991, 1999, dentre outros)

“A Encosta de Serra está repleta de grutas e abrigos sob rochas, abertos pela erosão na intersecção das camadas de basalto e arenito (...) Esta capa geológica infrabasáltica, submetida às enormes temperaturas dos derrames de rochas eruptivas, deu origem a uma das matérias-primas muito utilizadas pelos caçadores pré-históricos locais para a elaboração de suas indústrias líticas: o metaquartzito, ou arenito silicificado.”
(Kern, 1991:18)

Segundo Jacobus (*in. Kern, 1991*), estas regiões tipicamente de ambientes abertos, predomina a ocupação da Tradição Arqueológica Umbu, caracterizada por

possuir pontas-de-projétil e bolas-de-boleadeira, instrumentos de caça largamente difundidos. Dos vestígios da fauna encontradas em um sítio desta tradição em Osório/RS, destacou-se a presença de veado-mateiro, veado-campeiro, porco-do-mato, tatu-do-rabo-mole, ratão do banhado, gambá, bugio e outros.

A planície litorânea, ocupando uma faixa estreita em Santa Catarina, no Rio Grande do Sul, apresenta um alargamento no sentido sul, gerando grande incidência de lagoas e lagunas.

É uma das características marcantes do litoral catarinense, o contraste existente entre as amplas planícies costeiras e as regiões onde estão interrompidas pela presença de rochas cristalinas pré-cambrianas, próximo à linha da costa. No sul do Estado encontram-se feições sedimentares de maior expressão do litoral, destacando-se as que circundam o sistema lagunar do Mirim, Imaruí e Santo Antônio. A paisagem litorânea desta área geográfica é composta pelos depósitos eólicos formados em diversas gerações como: tufáceos, deltáicos, intralagunares, lagunares, cordões litorâneos, concheiros naturais e sambaquis (Gomes Júnior, 1987).

Esta área litorânea esteve sujeita a movimentos eustáticos do mar durante todo o Quaternário, em função da alternância de períodos glaciais e interglaciais (Suguio et al, 1985). Essas regressões do mar podem ser divididas em quatro ciclos, iniciando no Pleistoceno Inferior, com o último ciclo ocorrendo no Holoceno.

As alternâncias climáticas e a formação vegetal e animal são fortemente influenciadas por este quadro morfoestrutural. Em relação ao clima, nas terras mais baixas, a temperatura apresenta uma regularidade maior, com invernos amenos e verões quentes, enquanto nas regiões mais altas o verão é mais agradável e os invernos rigorosos, com ocorrência de neve nas áreas com altura acima de 300m de altitude.

Essa população que vivia nas planícies sedimentares do litoral, junto às lagoas, lagunas e desembocaduras dos rios - zonas ricas em peixes, moluscos e crustáceos que constituíam a sua principal fonte de alimentação. Utilizavam as cascas dos moluscos na construção de terraços para terem um lugar seco na planície alagadiça (Gaspar, 1991, Figuti, 1993, Afonso e De-Blasis, 1994).

O estudo zooarqueológico no sambaqui Jabuticabeira II, realizado por Levy Figuti e Daniela M. Kloker em 1999 (De-Blasis et al, 1999), apresenta entre os moluscos a predominância do berbigão (*Anomalocardia brasiliiana*), com abundante presença de marisco (*Mitella*) entre outros. Entre os crustáceos o siri (*Callinectes sp.*) foi o único a ser encontrado, não freqüente. No sítio encontrou-se grande quantidade de peixes, sendo a corvina (*Micropogonias furnieri*) predominante, o bagre (*Arídeos*) em abundância, o miraguaia (*Pogonias chromis*) e o Sargo (*Archosargus probatocephalus*) encontrado com freqüência, sem contar outros peixes em intensidade menor. Entre os mamíferos, apresentaram-se com freqüência o pecari (*Tayassu sp.*) e o rato-do-mato (*Murídeo*), outros em menor intensidade da mesma forma como os répteis.

A geografia do Sul do Brasil, em direção ao Uruguai, Argentina e Paraguai, claramente influi sobre a distribuição dos grupos que habitavam a região. A Depressão Central do Rio Grande do Sul estende-se para Santa Catarina e Paraná, e a oeste, pelo Paraguai e Argentina; representa um corredor que liga, em sentido sul, as sociedades do litoral ao leste e dos Andes a oeste.

Apesar da ocupação do território sul-americano, especialmente o Sul, ser bastante recente, não superior a 10.000 anos, ela foi afetada pela última glaciação que representa a transição do Pleistoceno para o Holoceno.

“O final da última glaciação é assim contemporâneo de períodos de níveis marinhos muito baixos (regressões) e de uma forte atividade das correntes frias, bem como uma baixa

sensível das temperaturas continentais. Ele corresponde a uma fase de clima mais seco e árido no conjunto do continente americano. As precipitações atmosféricas foram inferiores às atuais e as zonas climáticas sofreram diversas modificações, de uma região a outra. A fauna e a flora sofreram grandes pressões de mudança ambiental e as espécies foram obrigadas a migrar ou a permanecer isoladas em refúgios, segundo as condições particulares e locais.” (Kern, 1991:24)

As flutuações do nível relativo do mar no litoral sul do Brasil, estão associadas a variações climáticas, que podem ser divididos em sete estádios de formação:

“Estádio I – Sedimentação de Formação Barreiras; Estádio II – Máximo da transgressão Antiga; Estádio III – Sedimentação da formação continental pós- Barreiras; Estádio IV – Máximo da Penúltima transgressão; Estádio V – Construção de Deltas Lagunares; Estádio VI – Construção de Deltas intralagunares; Estádio VII – Construção de terraços marinhos holocênicos; (...) O abaixamento do nível do mar além dos terraços marinhos causou a gradual transformação de lagunas em lagoas e estas em pântanos salobros, e finalmente doces (Suguio et al, 1985:283).

A flora, devido às temperaturas mais baixas decorrente dos ventos frios e secos do Sul, apresentava uma vegetação subtropical restrita às encostas, onde a umidade era mais alta. A maior incidência de campos e estepes no Sul do Brasil, Uruguai e Leste da Argentina e Paraguai, não impôs obstáculos relevantes para um fácil acondicionamento nesta região.

A importância da paisagem no estudo da cultura material não representa apenas os recursos naturais, essenciais para sobrevivência dos grupos, pode indicar elementos substanciais à compreensão da ação humana no contexto analisado.

A área localiza-se nas bacias dos rios Tubarão e D'Una, principais contribuintes do Complexo Lagunar Sul Catarinense (formado entre outras pelas lagoas Santo Antônio, do Imaruí e do Mirim). A bacia do Rio Tubarão é a mais expressiva, drenando uma área de aproximadamente 5.640 km². (GRUPERH, 2001)

A cobertura vegetal, atualmente, é relativamente baixa, com 31%, em média, de vegetação primária e secundária e apenas 1% de área reflorestada. A vegetação da região está inserida na Formação Pioneira de Influência Marinha, denominadas “restingas”. Estas são formações vegetais distribuídas por terrenos arenosos do Quaternário recente, geralmente com algum teor salino, devido sua proximidade com o mar, sujeitos à intensa radiação solar e acentuada ação eólica (Leite & Klein In: IBGE, 1990).

Os ambientes circunscritos a esta formação são variados, com destaque: a faixa de praia, as dunas instáveis, as dunas fixas e as áreas aplainadas e plano-deprimidas além e os costões rochosos. A vegetação na faixa de praias constitui-se um ambiente pobre, tendo em vista a maior instabilidade e do elevado índice salino, onde se encontram, em geral, algumas espécies como as psamófitas halófitas rasteiras, tais como: espartina (*Spartina ciliata*), bredo-da-praia (*Philoxerum portulacoides*), macega-gráuda (*Senecio crassiflorus*), grama-rasteira-da-praia (*Paspalum distichum*), pinheiro-da-praia (*Remirea marítima*), salsa-da-praia (*Ipomea pescaprae*) (Leite & Klein In: IBGE, 1990).

Outro elemento presente nesta formação, são as dunas fixas, distribuídas por amplas áreas das planícies litorâneas, onde é menos intensa a ação eólica, sob proteção dos cordões dunares móveis e semifixos. É observada maior compactação e transformações estruturais das camadas de areia nestas dunas, com retenção de umidade

e metamorfização do pacote, para uma incipiente metamorfização e formação do solo. O processo de estruturação do solo está estreitamente vinculado à presença de uma cobertura vegetal também ainda incipiente, porém mais rica em espécies do que nas áreas anteriores. Diversas espécies arbustivas e arbóreas, constituindo capões que desempenham importante papel na estabilização das dunas. Pela maior importância fisionômica, destacam-se: a aroeira-vermelha (*Schinus terebinthifolius*), guaramirim-domiúdo (*Eugenia catharinae*), biguaçu (*Engenia umbelliflora*), guaramirim-da-folhamiúda (*Myrcia rostrata*), pau-de-bugre (*Lythraea brasiliensis*), capororoca-da-praia (*Rapanea parvifolia*), maria-mole (*Guapiraopposita*), entre outras (Leite & Klein In: IBGE, 1990).

É característico, o clima mesotérmico úmido, que alcança no verão temperaturas que oscilam entre 19° e 35°, com constantes ventos que sopram do norte. No inverno, possui baixas temperaturas e tempo com maior umidade, com ventos no quadrante sul, com uma precipitação anual de 1.200 mm.

A imensa planície paludosa, os brejos e os campos ainda hoje representam uma enorme área de riqueza alimentar. Em sua fauna, destacam-se: capivara, ratão-dobanhado, codornas, saracuras, pombas, aracuãs, urus e macucos, além de vasta concentração de fauna malacológica como *Anomalocardia*, *Donax*, *Strombus*, *Cardins*, entre outras.

É do Cenozóico a formação geológica presente nestas áreas. Referem-se ao Período Quaternário, as características predominantes nos depósitos de praias marinhas parcialmente recobertos por dunas litorâneas; depósitos gravitacionais de encosta (eluviões e coluviões) gradando para o sistema de leques aluviais e canais anastomosados além de depósitos de planície e canal fluvial sub-atuais a atuais diferenciados (Gomes Júnior, 1987).

Configuram no Sul do Estado de Santa Catarina, ambientes transacionais lagunares que estão representados pelos depósitos deltáicos intralagunares, pelos lagunares e pelos paludais/turfeiras. Os intralagunares estão relacionados a rios que deságuam nos corpos lagunares atuais, caso ilustrativo é o rio Tubarão que deságua no complexo lagunar, na microrregião de Laguna. São compostos por areias síltico-argilosas, silte e argilas com restos orgânicos vegetais (Gomes Júnior, 1987).

Os depósitos paludais são compostos de turfas heterogêneas intercaladas ou misturadas com areias. Estão relacionados à lagunas antigas que secaram em virtude do movimento de regressão marinha que provocou o abaixamento do nível do mar e que, posteriormente, sofreram o soterramento pelo avanço do cordão litorâneo holocênico, uma vez que o mar volta a subir, o que caracteriza o seu movimento de transgressão (Gomes Júnior, 1987).

Ao ambiente lagunar vários bens minerais estão relacionados, como as turfas, os diatomitos e os concheiros naturais. Este espaço possui suma importância para o estudo do Quaternário, uma vez que as datações em Carbono 14 possibilitam a reconstituição paleográfica da planície costeira já que *“O nível do mar em determinado ponto do litoral é, portanto, a resultante momentânea de interações complexas entre a superfície do oceano e do continente”* (Suguio et al. 1985).

A Formação Cananéia datada entre 130.000 e 75.000 anos atrás, conhecido como o último período interglacial, coincide com a penúltima transgressão marinha. Estes depósitos marinhos transgressivos da plataforma interna são geralmente caracterizadas por areias quartzosas, finas e médias, bem a moderadamente selecionadas com intercalações de silte. Trata-se de facies não aflorantes na região.

Por volta de 5.100 A.P. (Formação Santos), ocorreu a máxima transgressão holocênica, quando o nível do mar atingiu cerca de 5 m acima do atual, transformando os morros de granito em arquipélagos e as planícies em um imenso viveiro de moluscos

capaz de alimentar uma população pré-histórica muito grande (Kern, 1994:19). A estabilização do nível do mar, ocorreu por volta de 2.500 A.P., alcançando os padrões atuais. Do período de transgressão máxima, originam-se as formações de depósitos lagunares e paludais de turfas heterogêneas, intercaladas ou misturadas com areias, siltes e argilas plásticas. As lagoas de Garopaba do Sul, do Camacho e de Santa Marta, paralelas a costa, distantes 1,5 Km desta, formaram-se há \pm 4.000 anos em função da regressão marinha que deu origem à formação dos cordões litorâneos arenosos, isolando grandes quantidades de água, formando as lagoas citadas nesta faixa. (Farias, 2000)

Os aspectos naturais vigentes, em equilíbrio dinâmico, constituem a resultante da interação de diversos fatores intervenientes (físicos e biológicos), presentes e passados, em maior ou menor grau. Desta maneira, é possível a verificação das dinâmicas do comportamento humano, intimamente imbricadas com as dinâmicas que regem o ambiente natural, ao mesmo tempo que as alterações dos padrões de comportamento destes recursos incidem diretamente sobre o comportamento dos grupos que ocupam este espaço.

1.3 Os sambaquieiros do litoral brasileiro

A presença desses sítios na costa brasileira não é contínua e apresenta uma densidade maior em algumas regiões. Esses “montes” também não apresentam uniformidade quanto ao tamanho, variam de ocupações de curto período, muitas vezes confundidos com acumulações de areia, outras vezes, com destaque na paisagem chegando a aproximadamente 30 m de altura, como é o caso do Sambaqui Garopaba do Sul, em Jaguaruna/SC.



FIGURA 02: Sambaqui Garopaba do Sul – Jaguaruna/SC – Foto: Deisi Scunderlick Eloy de Farias

Esses sítios arqueológicos vinham sendo utilizados como fontes de matéria-prima para a construção civil e todo tipo de aterros: casas, pontes, estradas, etc., dada à compactação propiciada pelas conchas. Atualmente passam por fiscalização mais rigorosa, o que não evita sua destruição, apenas minimiza.

A temática em torno dos sambaquis sugere reflexões sobre origem, pesquisa, processo de destruição e legislação para preservação. No que se refere à primeira, serão discutidas as variadas correntes de pensamento inerentes à arqueologia sobre a origem desses sítios. A segunda trata das mudanças teórico-metodológicas nas pesquisas arqueológicas. A terceira, motivada, essencialmente, pela exploração econômica, passando pela indiferença de uns e a revolta de outros, serão analisados os aspectos que motivam a destruição nos diferentes momentos da história, possibilitando análise mais concisa sobre os fatores que limitam ou corroboram para a continuidade na devastação

deste patrimônio arqueológico, de forma especial, no sul de Santa Catarina. E, por último, a legislação visando a preservação do patrimônio arqueológico, nas diferentes instâncias.

1.4 Debates sobre a origem dos sambaquis

Popularmente conhecidos como concheiros, os Sambaquis – termo originado do tupi-guarani “*Tamba*” monte e “*ki*” conchas – foram temas de debate por um longo período, entre vários estudiosos que trocaram idéias a respeito da sua origem.¹ A discussão girava em torno de a origem ser *artificial* ou *natural*.

“Se considerado construído pelo homem, o sambaqui era caracterizado como “resto de cozinha”, fruto da indolência indígena diante dos restos de alimentos utilizados para a sua subsistência. Já os que defenderam sua origem natural, argumentavam que os movimentos marinhos e a ação eólica teriam formado os grandes acúmulos de conchas, ou ainda, que se originara com o Dilúvio Bíblico – daí explicam a grande quantidade de esqueletos humanos encontrados.”(Farias, 2000:14)

É importante lembrar que esta discussão era transpassada pela euforia do evolucionismo darwinista e o conservantismo da Igreja Católica, que advogava a criação divina do homem, ilustrando no dilúvio a explicação deste fenômeno. Da explicação bíblica, ainda hoje, parte significativa dos moradores da comunidade de Mato Alto, no município de Tubarão/SC compartilham (conferir no terceiro capítulo).

¹ Dentre eles, destacam-se: Silvio Fróes de Abreu (1928,1932,1940), Othon Henry Leonardos (1938), Antônio Ribeiro (1944), Antônio Serrano (1937, 1938, 1940, 1941, 1946, 1968, 1972), João José Bigarella (1949, 1951, 1952, 1954, 1959, 1962, 1966, 1971), Guilherme Tiburtius (1966), Antônio Teixeira Guerra (1950, 1951, 1955, 1962), Luis de Castro Faria (1952, 1955, 1959), Joseph e Anette Laming-Emperaire (1959, 1960, 1962, 1968) , João Alfredo Rohr (1961, 1962, 1966, 1968, 1969, 1971,

Isto demonstra a “queda de braço” também no campo ideológico para explicação sobre a origem e constituição desses sítios arqueológicos, tão bem integrados no meio ambiente. É impressionante que muitos dos entrevistados não tenham, “percebido” que aquelas elevações poderiam ser algo distinto de simples “morros” (conferir no terceiro capítulo).

Uma terceira corrente que busca explicar essas formações, defende nos sambaquis a ocorrência, tanto da causa natural, propiciada pela formação das elevações por fenômenos da natureza, quanto da interação dos grupos que habitaram este espaço, deixando ali vestígios da sua ocupação. Esta corrente é denominada *mista*.

Ihering (1907, in: Lima, 2000:287), amparado na idéia dos movimentos de regressão e transgressão marítimas, argumentava que:

“No fundo do mar teriam se formado naturalmente montes de conchas que, quando a costa tornou a levantar, ficaram na posição em que se encontram atualmente”.

Influenciado pelo naturalismo alemão, Hermann von Ihering estruturou, cientificamente, nos moldes europeus, o Museu Paulista, inaugurado em 1894. Em relação aos sambaquis, não admitia ser uma construção cultural dos antigos povos indígenas, chegando a defender publicamente o extermínio dos povos nativos brasileiros, em nome do progresso civilizatório. (Barreto, 2000)

Os *artificialistas*², interpretaram os sambaquis como sendo uma grande “lixreira”, onde os restos eram lançados. Tratava-se de uma análise comparativa a partir dos estudos nos “concheiros” da Dinamarca, os *kjokkenmoeddings*; ou ainda, a um

1973, 1974, 1977, 1978, 1984), Walter Fernando Piazza (1966, 1967, 1974, 1983), André Prous (1972, 1990, 1992) e outros.

² Grupo representado por Charles F. Hartt (1885), João Batista de Lacerda (1882, 1885), Alberto Loefgren (1893, 1908), Guilherme Schuch Capanema (1876), Domingos Soares Ferreira Penna (1876), entre outros (Lima, 2000:287).

grande cemitério ou monumentos fúnebres. Essas eram, portanto, algumas das diretrizes que orientavam os *artificialistas*.

Na discussão em torno da origem humana havia um caráter fortemente nacionalista na Europa do final do século XIX. Os poligenistas, como o francês Louis Agassiz, argumentavam em favor de criações humanas distintas, em contraposição aos monogenistas, como Humboldt, entendiam a origem única do Homem. No Brasil, essa tendência concentrou-se nos trabalhos de antropometria, com intuito de classificar em raças os povos brasileiros, tais como “a raça de Lagoa Santa ou “o Homem dos Sambaquis”, etc.. É nesse contexto que podemos compreender a futura escola “evolucionista racista”, muito forte na arqueologia a partir de então. *Investigações sobre a Archeologia Brasileira* (1885), obra de Ladislau Neto, diretor do Museu Nacional a partir de 1887, foi uma das principais contribuições desse período que, entre outras importantes constatações, reconhece os Sambaquis como sítios artificiais (Barreto, 2000).

Esta idéia é compartilhada por vários intelectuais, inclusive por Frei Gaspar de Madre de Deus, que entendia os sambaquis como sendo algo construído pelos índios brasileiros e as montanhas de cascas, restos dos alimentos utilizados para a sobrevivência daqueles grupos litorâneos:

“É indivisível a imensidade que colhiam de ostras, berbigões, amejoas, sururús de várias castas e outros mariscos; mas a pesca principal era de ostras e berbigões, ou porque gostassem mais deles ou porque os encontrassem em maior cópia e colhessem com facilidade. De tudo isso havia e ainda há hoje muita abundância nos mangais da Capitania de São Paulo. Com tais mariscos se sustentava enquanto durava a pescaria, o resto secavam e assim beneficiado conduziam para as suas aldeias, onde lhes servia de alimentos por algum tempo. As

conchas lançavam a uma parte do lugar onde estavam congregados, e com elas formavam montões tão grandes, que parecem outeiros a quem agora as vê soterrados” (Frei Gaspar da Madre de Deus in: Costa, 1938:76).

Como já foi citado acima, a corrente “mista”, congregava as duas tendências anteriores. Via os sambaquis como produtos das modificações climáticas, mas também como resultado da ação do Homem.³

“Em nossa opinião os sambaquis teem uma tríplice origem, do seguinte modo:

1º Sambaquis naturaes.

2º Sambaquis, productos da indolência humana que não removia para longe o resto das refeições; é a estes que denominamos: sambaquis de origem simultaneamente artificial e fortuita.

3º Sambaquis, obra da paciência do homem, que, durante um largo espaço de tempo, tinha em vista um fim definido, isto é, sambaquis artificiaes, verdadeiros monumentos archeologicos” (Wiener, 1876:15).

Essa discussão sobre origem e natureza dos sambaquis dividia o grupo de pesquisadores dos estados de Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro até a segunda metade do século XX, quando os arqueólogos eram, praticamente todos, amadores. A partir daí, começa o período formativo da pesquisa moderna no Brasil (Prous, 1992) e passou-se a buscar, através das instituições oficiais, a criação de centros universitários de pesquisa arqueológica, com a colaboração de profissionais estrangeiros, empreendendo na formação de especialistas no País (Funari, 1999:20).

³ Idéia compartilhada por Edgar Roquette Pinto (1935).

CAPÍTULO 2

OS SAMBAQUIS – ANÁLISE TEÓRICA DAS PESQUISAS NO SUL DE SANTA CATARINA

A aprovação da Lei 3924 do ano de 1961, além de limitar a destruição de sítios arqueológicos em geral, representou importante avanço nas pesquisas em sambaquis, através da participação de pesquisadores estrangeiros convidados, dentre os quais cabe destacar:

“Joseph Emperaire e Annette Laming – vieram a convite de Paulo Duarte – USP, escavaram sambaquis do Paraná e São Paulo e fizeram as primeiras datações de radiocarbono.

Wesley R. Hurt Jr. - Veio a convite de Luis de Castro Faria do Museu Nacional, escavou sambaquis em Santa Catarina e no Paraná, promoveu expedição a Lagoa Santa. Ajudou na formação de dois novos centros de pesquisa arqueológica - o Museu Paranaense e o Museu de Antropologia da UFSC - hoje instituições de referência na pesquisa arqueológica do Brasil. A partir de 1965, ocorre a multiplicação dos Centros de Pesquisas e a tentativa de se planejarem grandes projetos de campo com apoio e colaboração de várias instituições: “Um projeto do PRONAPA devotou-se inteiramente à pesquisa dos

sambaquis das imediações da baía de Paranaguá, no litoral do Paraná” (Brochado et al., 1969:8 in Farias, 2000:19).

Em Santa Catarina, muitos arqueólogos, desde o final do século passado, passaram a realizar suas pesquisas.⁴ As mais recentes, ocorreram no município de Joinville, em Florianópolis e no litoral sul, área de abrangência deste trabalho.

2.1 As pesquisas arqueológicas desenvolvidas pelo Padre João Alfredo Rohr no sul de Santa Catarina

Vale ressaltar o papel de Rohr no mapeamento dos sítios arqueológicos em todo o sul do Brasil, onde atuou, mas de forma especial no litoral sul de Santa Catarina. O trabalho de Rohr foi fortemente influenciado pela tendência histórico-culturalista, preocupada na explicação de eventos, imigração e difusão dos grupos humanos.

Fez a classificação dos trinta sítios arqueológicos do tipo “sambaqui”, de Jaguaruna, em cinco categorias, de acordo com sua localização e composição:

- 1) Sambaquis situados ao longo do litoral: composição: 90 % berbigão (*Anomalocardia* sp.), indústria lítica de hematita, de superfície polida e brilhante. A matéria-prima era extraída em uma pedreira distante um quilômetro ao sul do Balneário Arroio Corrente. Caracterizam-se como sambaquis de grande porte, sendo que vários ultrapassam dez metros de altura.

⁴ Dentre eles cabe destacar João Batista Lacerda (1885), Alberto Lofgren (1893), Hermann Von Ihering (1895, 1903), Everardo Backheuser (1918), Luiz Gualberto (1927). Entre os mais recentes destacam-se: João Alfredo Rohr (1961, 1962, 1966, 1968, 1969, 1971, 1973, 1974, 1977, 1978, 1984), Wesley R. Hurt (1968), Luis de C. Faria (1955) Walter F. Piazza (1966, 1967, 1974 1977), Walter F. Piazza e A. B. Eble (1977) Anamaria Beck (1971), Marisa C.Afonso e Paulo De Blasis (1994), Teresa D. Fossari (1985), Maria Madalena Velho do Amaral (1995), Maria Dulce Gaspar, Paulo De Blasis, Paul Fish e Suzanne Fish (1997,1998,1999).

- 2) Sambaquis afastados de 10 a 15 km da praia: composição: 90% óstrea (*Ostrea* sp.), com altura média de 6 a 10 m, porém, bastante extensos. Encontra-se cerâmica de Tradição Guarani em abundância.
- 3) Sambaqui situado ao norte do Arroio Corrente: composição: berbigão; ao sul (Içara) composição: 90% mariscos ou mexilhões (*Mytilus* sp.); encontram-se cacos de cerâmica com semelhança à fase Caxias.
- 4) Sambaquis nos arredores da lagoa da Figueirinha: composição: berbigão, Moçambique (*Donax* sp.). Dos cinco sambaquis da área, em três deles, existe uma indústria lítica de hematita, enquanto que nos outros dois tipos ocorre uma indústria lítica pobre.
- 5) Sambaquis distantes 4 km da praia: composição: malacologia mista: marisco, berbigão, ostras, moçambique, gastrópodes terrestres; encontrados vestígios líticos e alimentares (Rohr, 1969:4-6; Farias 2000:48).

É importante salientar que esta classificação sofreu algumas alterações, fruto de novas pesquisas, e o próprio devenir da ciência, neste caso da Arqueologia, o que não invalida seu trabalho, ao contrário, permite a rediscussão dos conceitos.

Rohr escavou vários sítios dentre eles: Laranjeiras I e II, Pântano do Sul, Tapera, Armação do Sul e Cabeçadas. Nestes sambaquis resgatou mais de 170 sepultamentos e desenvolveu uma técnica de cimentação, podendo, então, transportar vários esqueletos intactos para o Museu do Homem do Sambaqui em Florianópolis (SC). (Farias, 2000)

Sua atuação no IPHAN tornou-o mais conhecido junto a comunidade catarinense ao modo que agia com determinação frente ao desrespeito ao patrimônio arqueológico. Recorreu freqüentemente a justiça através de mandados judiciais, polícia

e, até ao exército brasileiro a fim de garantir a paralisação de atividades de depredação dos sambaquis catarinenses.

2.2 Sub-projeto I: Região de Laguna - Anamaria Beck

A pesquisa de Anamaria Beck, tem grande importância para o estudo dos sambaquis no Brasil meridional. Sendo um dos primeiros trabalhos sistemáticos de pesquisa, centrou-se na investigação sobre o conteúdo cultural dos sambaquis, com o objetivo de:

“(...) determinar o conteúdo cultural dos Sambaquis e as variações deste conteúdo cultural entre as três Regiões do litoral, onde se desenvolve o Projeto, que para efeito de sistematização do trabalho foi dividido em: Sub-Projeto I – Litoral de Laguna (LL); Sub-Projeto II – Litoral de Florianópolis (LF); Sub-Projeto III Litoral de Joinville (LJ).” (Beck, 1971:69).

Neste trabalho, detemo-nos apenas no Sub-Projeto I – Litoral de Laguna, por uma questão de delimitação geográfica, proposta nesta dissertação.

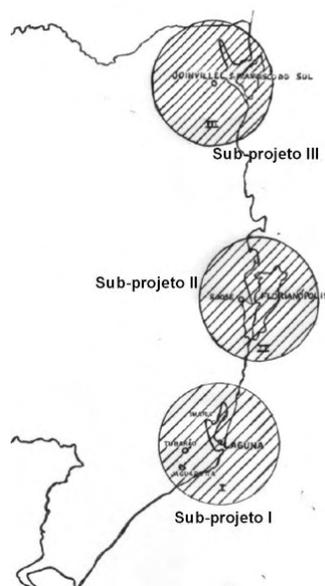


FIGURA 03: Mapa apresenta a divisão do litoral catarinense em três áreas, de acordo com os três Sub-projetos – embaixo o Sub-projeto I – Região de Laguna

O trabalho segue a tendência histórico-culturalista, sendo que privilegia, “*sistemas cronológicos regionais e à descrição do desenvolvimento cultural de cada área*” (Robrahn-González, 1999-2000: 17)

Os recursos financeiros para a realização desta pesquisa devem-se à criação do Museu de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina, através dos planos de trabalho, nos quais fizeram constar no item orçamentário. Porém, com os recursos disponíveis não foi possível obter as datações pela Análise do Carbono 14 e, por falta de recurso técnico, a Análise Palinológica, não pôde ser realizada.

O projeto de pesquisa, em seus objetivos, levantava os seguintes pontos de discussão:

“(...) os sambaquis não apresentam homogeneidade cultural, ou seja, que seus construtores eram de origem cultural diversa ou sofreram influência cultural de vários grupos. (...) De uma maneira geral os sambaquis são encontrados na planície sedimentar litorânea, do quaternário. Atualmente

estão fora da costa, mas em época anterior corresponderiam grosseiramente a ela. Considerando a modificação das linhas da costa como, em parte, consequência de alterações climáticas e variação do nível dos oceanos, teriam estas mudanças do ambiente geográfico, embora lentas, influenciado a cultura dos grupos humanos do litoral, modificando-a? (...) As poucas datas obtidas, têm indicado que certos sambaquis correspondem a determinadas alterações do nível dos oceanos (Hurt, 1964:21). Segundo Hurt (1965), não foram, porém, escavados um número suficiente de trincheiras para permitir uma correlação definitiva entre as idades dos sambaquis e as idades geológicas características.” (Beck, 1968:81-82 in Beck, 1972:18-19)

Observou-se que a diferenciação entre os sítios, relacionava-se às ações ligadas ao nível adaptativo, percebidas através das atividades de subsistência de um sambaqui ao outro, como das diversas formas de acesso a certos recursos naturais.

“(...) passamos a considerar de suma importância, o estudo de sítios arqueológicos do tipo sambaqui, onde ficassem perfeitamente evidenciadas as relações existentes entre os grupos humanos e o meio-ambiente, resultando em atividades perfeitamente caracterizadas, ao nível adaptativo, através dos remanescentes orgânicos de sua alimentação e dos artefatos aí encontrados. (Beck, 1972:20)

Quanto à definição dos critérios de escolha dos sítios que deveriam ser pesquisados, primeiramente, observou-se que deveria conter um sambaqui de cada região. Diante da quantidade deles no litoral catarinense, área delimitada por esta pesquisa, foram privilegiados os que - a partir do conhecimento da bibliografia arqueológica enquadravam-se aos objetivos da pesquisa – estivessem sendo destruídos e

onde poderiam obter-se “*informações sobre os artefatos líticos do tipo zoólito, a indústria lítica especializada, a cerâmica, certos costumes funerários que poderiam explicar a variação do conteúdo cultural dos sambaquis.*” (Beck, 1972:21)

Como foi abordado anteriormente, havia falta de pesquisas sistemáticas referente aos sambaquis que pudessem informar sobre seu conteúdo cultural, porém o conhecimento da existência de determinados elementos nos sambaquis, eram fornecidos por referências a achados de artefatos durante a exploração econômica destes sítios.

Destaca a autora que o projeto de pesquisa consistia, em parte, num projeto de salvamento arqueológico, considerando-se o rápido processo de ocupação litorânea e, conseqüente destruição desse tipo de sítio. Os trabalhos foram realizados no prazo de cinco anos, previsto no projeto e consistiram em estudos de cada sambaqui selecionado pelo projeto de pesquisa. Os critérios de comparação foram condicionados pelos tipos de achados divididos em: *restos de alimentos* (marinhos, vegetais e fauna terrestre); *tecnologia e subsistência*, possibilitando a comparação dos instrumentos encontrados em cada um, para identificar as atividades de subsistência; e, por último, os *costumes funerários*, identificando as influências recebidas por esses grupos, pelo fato de os sepultamentos serem uma constante em sambaquis. Apenas algumas informações, advindas de relatos sobre os indígenas do litoral brasileiro, elaboradas por viajantes do período colonial, foram utilizadas como dados etnográficos. (Beck, 1972:3-4)

“Constituem os sambaquis remanescentes de grupos pré-históricos que localizados temporariamente no Litoral, construíram sítios arqueológicos com os restos de suas refeições. Por consumirem moluscos de forma acentuada, as carapaças desses animais representam o principal substrato dos sítios arqueológicos deste tipo.” (Beck, 1972:2)

Em sua análise, a partir dos resultados obtidos no Litoral de Laguna, ressalta a distribuição geográfica dos sambaquis quanto à oferta de alimentos, à proteção contra os ventos e, talvez, aos possíveis ataques de outros grupos. Sua localização ocorre às margens das lagoas, sobre afloramentos rochosos, como é o caso dos sambaquis do Perrixil e Cabeçuda; sobre a planície sedimentar litorânea, como o Congonhas I e os sambaquis da Carniça; na área de dunas, como o Garopaba do Sul. Eles também são encontrados sobre as encostas dos prolongamentos da serra litorânea, onde são encontrados vários destes sítios, como os da Passagem da Barra e cabo de Santa Marta. Para a distribuição dos sambaquis na região, exerce expressiva influência a Bacia Hidrográfica do Rio Tubarão, tanto para a formação da planície litorânea, quanto pela oferta de alimentos. (Beck, 1971:70)



FIGURA 04: Sambaqui da Carniça – Laguna/SC – Foto: Anamaria Beck – (Fotografia gentilmente cedida pelo Museu Antropológico Professor Oswaldo Rodrigues Cabral)

Quanto à fauna, observou que a malacológica mostrava-se constante em toda a região, com predominância da *Anomalocardia Brasiliana* (Gmelin), além de grande diversidade de outras espécies bivalvas e univalvas.⁵ Existem indícios de consumo substancial de peixes, dada a quantidade de vértebras encontradas, ossos de baleias,

⁵ São encontradas na região: *Cardium* (T.) *muricatum* (Linné)....

ossos e dentes de porco do mato e ossos de aves, são encontrados no Sambaqui Congonhas I.



FIGURA 05: Sambaqui Congonhas I – Tubarão/SC – Foto: Anamaria Beck – (Fotografia gentilmente cedida pelo Museu Antropológico Professor Oswaldo Rodrigues Cabral)

No que concerne ao conteúdo cultural desses sítios do sul de Santa Catarina, mais precisamente da Região de Laguna, o trabalho de Anamaria Beck é pioneiro. Os resultados apresentados são parciais, já que não foi analisado todo o material coletado. A **fabricação** e a **utilização dos artefatos** mereceram atenção especial neste trabalho.

Indústria Lítica: quanto à técnica de fabricação, Beck (1971) classifica quatro grandes grupos: artefatos totalmente polidos; totalmente picoteados; lascados e confeccionados com técnica mista. A um quinto grupo poderiam ser enquadrados os instrumentos que não sofreram qualquer modificação intencional – seriam os utensílios ocasionais, com múltiplas funções e, dada a utilização constante, deixam de fazer parte deste grupo.

Ao primeiro grupo, artefatos totalmente polidos, fazem parte os zoólitos, os grandes machados polidos, os pratos polidos e as peças com finalidade de adornar, sendo que os últimos:

“São artefatos de pequenas dimensões, confeccionados em diabásio, com grande perfeição técnica, apresentando três tipos: adornos labiais ou tembetás, o tipo mais significativo e numeroso (...). O segundo tipo de adorno são as plaquetas perfuradas (...). O terceiro tipo de adorno são os pingentes (...).” (Beck, 1971:71)

No segundo grupo, dos artefatos totalmente picoteados, ocorre a existência de grande variedade de tipos, com relação ao fim a que se destinam. A técnica, apresentada em zoólitos com concavidade acentuada como nas aves, utiliza-se do picoteamento.

“Tem sido levantada a hipótese de que artefatos como, zoólitos, grandes machados polidos (...) confeccionados com aperfeiçoada técnica de polimento ou picoteamento, não seriam produto das populações dos sambaquis, e sim tomadas de empréstimos de ‘populações vizinhas’.” (Beck, 1971:71)

Ao lado dos zoólitos, os mais difundidos dos elementos da cultura material dos sambaquis, essa técnica era utilizada na produção de pesos-de-rede, bolas líticas (muito trabalhadas para atender a uma função anteriormente imaginada, os pesos-de-rede). Juntamente a tais artefatos, apresentam-se os que Beck chama de Miscelâneas, peças raras, com finalidade não conhecida.

“O primeiro tipo são peças divididas por sulcos, em gomos salientes ou saliências mamilonares, assemelhando-se, as últimas, às peças descritas por Gonzalez (1954:261-80), e encontradas na Patagônia e Uruguai. O segundo tipo Miscelânea, reúne peças muito elaboradas, com detalhes aperfeiçoados, constituindo verdadeiras esculturas. São artefatos de corpo cilíndrico, com um sulco circunferente, que divide a peça em duas partes e com as extremidades em pontas

rombas. O terceiro tipo reúne cinco peças, que foram encontradas em conjunto, no sopé de um sambaqui, no município de Imaruí. São cinco peças de altura variada possuindo a menor 23 cm de altura e a maior 43 cm. São completamente picoteadas e apresentam na extremidade superior sulcos e saliências circunferentes de número variável, terminando em ponta romba. Concluindo, podemos dizer que os artefatos confeccionados com técnica de polimento e picoteamento, parecem ter atendido a funções pouco comuns, na vida cotidiana das populações dos sambaquis, enquanto que os artefatos confeccionados com técnica mista, polimento, picoteamento e lascamentos, ou semi-polidos, parecem ter atendido a funções utilitárias.”(Beck, 1971:72)

O tipo que melhor define o grupo de artefatos de técnica mista são os machados, os quais, Beck (1971:72) dividiu em dois sub-tipos: *machados com entalhes laterais ou sulco circunferente picoteado, ou lascado* e *machados sem entalhes laterais ou sulco circunferente*. São utilizados depois de gasto o seu gume, como martelos ou servem como bons batedores. A matéria-prima são seixos ou plaquetas de diabásio, com dimensões e peças muito variáveis. Os martelos são inúmeros, distinguidos pelo seu acabamento. As facas têm pequenas dimensões, atingindo 7 cm de comprimento e nunca mais 0,8 cm de espessura, com o gume ou bordo ativo polido bifacialmente, da mesma forma que a dos machados, com evidência de utilização. A cunha, último tipo de artefato do grupo de técnica mista, tem as mesmas características do machado (gume ou bordo ativo, polido bifacialmente, apresentando sobre o bordo passivo, em alguns exemplares, entalhes laterais para encabamento), porém com dimensões reduzidas, atingindo 10 cm de comprimento e 2 cm de largura.

A técnica de lascamento, ao que tudo indica, não foi amplamente utilizada nos sambaquis da região. Apresenta-se mais como uma técnica intermediária do que uma técnica básica para confecção de instrumentos.

“Os instrumentos, intencionalmente, lascados que ocorrem com certa frequência nos sambaquis de Laguna, são os pesos-de-rede: seixos de diabásio, com dois entalhes laterais, obtidos por lascamento. Outro tipo de artefato lascado são os choppers e os chopping-tools, confeccionados sobre seixos de diabásio ou de outra rocha e muito utilizados”. (Beck, 1971:73)

Já o quinto grupo de instrumentos líticos atende a necessidades variadas, sendo instrumentos de múltiplas funções, como os seixos de diabásio utilizados como batedores e moedores, e fragmentos dele utilizados como talhadores e raspadores. Dentre esses, os mais conhecidos são os quebra-côco, as mós, almofarizes e os seixos moedores. São incluídos neste grupo também, os polidores, afiadores e aguçadores, usados para polimento e afiação de artefatos, localizados em blocos de rochas sobre os costões. Trata-se, portanto, este trabalho, de um esboço sobre a tipologia lítica dos sambaquis da Região do Litoral de Laguna, dada a sua precariedade. (Beck, 1971)

A **indústria óssea e conchífera**, ao que indicaram os estudos de Beck, não tem sido significativas na Região de Laguna. *“Alguns adornos, como plaquetas confeccionadas a partir de valvas de moluscos e contas de colares fabricadas, também, sobre valvas de moluscos (...)”* foram os artefatos mais importantes encontrados. Maior variedade deles forneceu a indústria óssea *“(...) recipientes confeccionados sobre vértebras de baleia, peças com o gume polido, possivelmente utilizadas como facas, pontas e adornos, além de contas sobre vértebras de peixes.”* (Beck, 1971:73). Existe a possibilidade, segundo a autora, de que da indústria conchífera algum material possa ter

passado sem ter sido percebido e, de que da indústria óssea, alguns materiais tenham se decomposto. Por outro lado, não pode ser esquecido que um dos critérios de escolha dos sítios pesquisados, foi o nível de destruição, podendo, desta forma, levantar suspeitas de retirada de partes do sambaqui onde estes materiais tenham sido mais abundantes.

A ocorrência de **sepultamentos** é freqüente nos sambaquis da Região de Laguna, quer de indivíduos adultos, de ambos os sexos, quer de crianças (Beck, 1968:37-61 in Beck, 1971:74)

“Os sepultamentos apresentam uma certa variação em relação ao número de indivíduos, ao mobiliário funerário, à presença de corante e à disposição do esqueleto e à orientação geográfica do mesmo. Não é raro a presença de mais de um indivíduo, em um mesmo sepultamento. Podem estar constituídos por dois adultos, por um adulto e uma criança, por dois adultos e uma criança, e excepcionalmente, por cinco adultos e uma criança.” (Beck, 1971:74)

Existe grande variabilidade no mobiliário funerário, sendo que em alguns, isso não ocorre “(...) e o indivíduo parece ter sido atirado ao solo e coberto rapidamente com conchas (...)” (Sambaqui da Caieira). Ao contrário, no mesmo sambaqui ou em outros, foi possível constatar o sepultamento com artefatos líticos (Congonhas I), outro com artefatos ósseos e conchíferos, no mesmo sambaqui “(...) com abundância de corante vermelho e mesmo uma espécie de sepultura de argila”, encontrado nos sambaquis da Carniça I e Congonhas I, e mais, com ossos de baleia, presente no Sambaqui da Caieira. (Beck, 1971:73)

No que refere a posição e disposição, a uniformidade também não é característica nos sítios estudados da Região de Laguna.

“(...) a posição estendida era a mais freqüente, embora fossem encontrados esqueletos em posição semi-fletida e fletida, em todos os sambaquis. (...) Embora haja uma ligeira predominância da disposição em decúbito dorsal, foi comum encontrarmos esqueletos em decúbito ventral, em caso de sepultamentos em que o esqueleto estava em posição estendida. Quando os esqueletos estão completamente fletidos, é mais comum a disposição em decúbito lateral esquerdo.” (Beck, 1971:74)

A orientação geográfica dos sepultamentos também apresenta variações. A predominância no Sambaqui Congonhas I, para o crânio – nordeste e sudoeste, enquanto em outros sítios da região, variou para sudeste e noroeste.

Ao que concerne ao Sub-Projeto I, sobre o Litoral Sul, foi escavado o Sambaqui de Congonhas I, localizado no município de Tubarão. Algumas generalizações puderam ser elaboradas no relatório preliminar com os dados obtidos em escavações de outros sítios da mesma área⁶.

Nas conclusões dos trabalhos do Sub-Projeto I, sobre o Litoral Sul, três aspectos esclarecedores sobre o povoamento pré-histórico merecem ser destacados: a cronologia absoluta, a dieta alimentar e a dispersão dos grupos.

Quanto ao primeiro aspecto, referente à cronologia,

“1. Os sambaquis da Região do Litoral de Laguna, por sua indústria, por sua fauna e por seus aspectos geográficos, parecem pertencer ao mesmo horizonte cultural. Algumas datas obtidas pelo Professor Wesley R. Hurt (Meggers, 1968:127-128), nos permitem admitir a data de 3.500 BP, aproximadamente, como a época provável da ocupação do

⁶ Segundo Beck (1972), foram escavados de setembro a dezembro de 1966, no município de Laguna outros sambaquis: Caieira, Carniça I e Carniça II, como partes do projeto de pesquisa “The Determination of the chronological Sequence and Cultural Content of the Sambaquis of the Zona de Laguna Region Santa Catarina – Brasil”. O Sambaqui da Cabeçuda foi escavado nos anos de 1951 e 1952 (Faria, 1959:95-138)

Litoral de Laguna pelo homem.” (Beck, 1970:5-33; 1971:69-77 in Beck, 1972:25)

As mesmas espécies de moluscos encontradas em todos os sambaquis e, ainda, encontradas na atualidade, no fundo lodoso de lagoas e em praias, evidenciam esta ocupação naquele período.

O segundo aspecto destacado, referente a dieta alimentar, conclui a pesquisadora que os moluscos constituíam-se o elemento básico da dieta dos construtores dos sambaquis, constatado pelos grandes sambaquis e pela abrasão dentária (Araújo, 1986:65-69), algo evidente nessas populações.

“O consumo intenso de moluscos teria levado praticamente a extinção da fauna malacológica, que vivia nas águas das lagoas, praias e embocaduras dos rios, provocando a retirada da população aproximadamente por volta de 1.000 BP. Este período teria coincidido com a expansão dos Guarani, no sul, que de acordo com autores, como Serrano (1946:407), teriam ocupado a parte superior dos sambaquis, onde deixaram remanescentes de sua cerâmica. A data mais recente obtida para a Região, pelo processo de radiocarbono, é a de 1.240 AD 95 (Meggers, 1968:127-8). Essa data foi obtida de uma amostra de carvão, colhida no topo do Sambaqui da Caieira, embora nenhum caco de cerâmica do complexo Guarani tenha sido encontrado no sítio. Por isso, novas datas são necessárias para que se possa delimitar o período de ocupação da região do Litoral de Laguna, pelas populações de sambaquis.” (Beck, 1970:5-33; 191:69-77 in Beck, 1972:26-27)

Quanto ao terceiro aspecto levantado, sobre o possível contato que essas populações teriam mantido com grupos vizinhos, Anamaria Beck afirma ser possível somente levantar hipóteses.

“A ocorrência de material lítico semelhante em áreas próximas, como os zoólitos (Tiburtius, Bigarella 1960), encontrados no Litoral Norte de Santa Catarina e no Paraná e as massas líticas encontradas no Uruguai e na Patagônia – (Gonzáles, 1954:261-280), nos permitem pensar que o Litoral de Laguna está relacionado a estas áreas. Faltam-nos, na verdade, maior volume de dados, que permitam comprovar, no momento tal hipótese.” (Beck, 1970:5-33; 191:69-77 in Beck, 1972:25-27)

Neste caso seria necessário a realização de um estudo de tipologia lítica dos sambaquis da Região, a fim de estabelecer outros possíveis contatos. Por outro lado, novos dados a partir de pesquisas no Paraná e no Rio Grande do Sul e em regiões próximas, poderão fornecer mais elementos para esclarecimentos desse ponto.

Os resultados obtidos a partir das pesquisas nos sambaquis, pesquisados neste projeto de pesquisa, permite perceber que quanto ao nível adaptativo, as atividades são semelhantes, diferenciando-se a intensidade, decorrente dos períodos e das possibilidades do habitat. Isso é evidenciado pelos instrumentos encontrados - restos de alimentos e costumes funerários.

“As diferenças encontradas entre os sambaquis escavados são de molde a permitir afirmar que os grupos humanos pré-históricos que se dirigiram de maneira mais ou menos constante ao Litoral de Santa Catarina – eram, do ponto de vista de sua cultura material, distintos. Essa diversidade é observável em termos espaciais, de uma área para outra do

*Litoral e, em termos cronológicos, de um período a outro.
(Beck, 1972:41)*

Apesar de ter encontrado material bastante significativo, não foi possível confirmar suas hipóteses. Como grande parte dos artefatos caem nas mãos de colecionadores, torna-se difícil aos pesquisadores o estabelecimento de padrões, pois parte do material da superfície e outro visualizado mediante à destruição de outros sítios, não mais se encontram em seu local de origem.

2.3 Padrão de assentamento e formação de sambaquis – Paulo de Blasis e Maria Dulce Gaspar

O projeto, cujo espaço privilegiado de pesquisa no Sambaqui Jaboticabeira II, sob responsabilidade de Paulo de Blasis (Universidade de São Paulo - USP), Maria Dulce Gaspar (Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro – MN/UFRJ), Paul e Suzanne Fish (University of Arizona) e outros, tem sua pesquisa intitulada “Padrão de Assentamento e formação de sambaquis: arqueologia e preservação em Santa Catarina” estuda o litoral sul do Estado de Santa Catarina. A Lagoa do Camacho, de onde se origina o seu nome em inglês: Camacho Archaeological Project – CAP (De-Blasis et al, 1998a e b; Gaspar et al, 1998; Gaspar et al., 1999) é a área central deste projeto, que abrange os municípios de Laguna, Tubarão e Jaguaruna. A referida área conta com uma grande concentração de sítios arqueológicos do tipo sambaqui e um ambiente com características similares.

Este estudo privilegia a pesquisa sobre a ocupação humana na região litorânea, dentro de uma perspectiva ambiental, onde o sítio é um artefato na grande paisagem.

Quanto aos impactos do indivíduo sobre o ambiente, consideram-se duas formas, sendo a atual mais devastadora, e, portanto, mais perceptível do que a ocorrida em períodos mais remotos, quando a ação do homem sobre esses espaços foram de menor impacto. A pesquisa de Gaspar, nos sambaquis, trata do padrão de assentamento e do sistema sócio-cultural na sua totalidade - estrutura, funcionamento e desenvolvimento e inter-relação no tempo e no espaço (Gaspar, 1992).

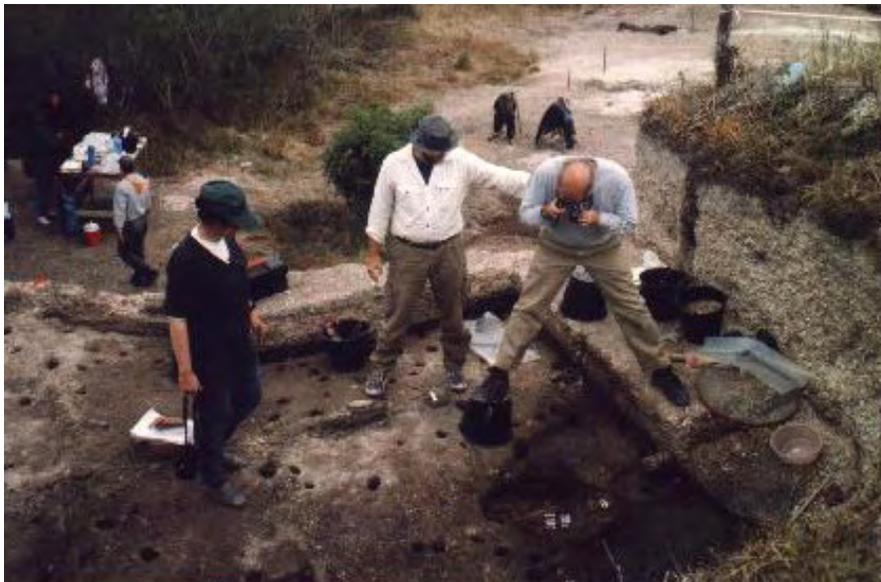


FIGURA 07: Escavação no Sambaqui Jaboticabeira II – Foto: Deisi Scunderlick Eloy de Farias

A discussão sobre a pertinência de estudar a relação da construção dos sambaquis e os das grandes plataformas existentes em outros pontos do continente foi tema de debate travado por Edna Morley, Michel Schiffer, Suzanne e Paul Fish, em Joinville no ano de 1992. A construção destes sítios litorâneos já fora tema de outros pesquisadores, destacando-se Maria Dulce Gaspar (Museu Nacional) e Paulo De Blasis (Universidade de São Paulo), que juntamente a Suzanne e Paul Fish (Universidade do Arizona), passaram a coordenar este importante projeto de pesquisa. Concebido em 1995, fundamenta-se em três linhas mestras:

“1 – investigar os processos de formação de sítio, tanto de um ponto de vista da estrutura hierárquica dos assentamentos no espaço como no que diz respeito às formas e técnicas de construção de sambaqui.

2 – investigar os processos de formação de sítios arqueológicos a partir de uma perspectiva sistêmica, tendo como referência a análise de padrões de assentamento.

3 – gerenciar a pesquisa a partir da premissa de conservação do patrimônio arqueológico, desenvolvendo programas de interpretação de sítio.” (Gaspar et al, 1999:108)

O projeto, que conta com pesquisas realizadas nos anos de 1997, 1998 e 1999, com uma equipe de 15 a 20 pessoas, no período próximo a 40 dias, tem como objetivo estudar duas perspectivas teóricas:

“...de um lado, uma abordagem sistêmica de um conjunto de sambaquis em seu contexto ambiental e paisagístico, seu território, perspectiva esta ainda ausente nos estudos com sítios litorâneos no Brasil. A principal hipótese do trabalho que fundamenta esta perspectiva é de que os sambaquis desta região, particularmente os maiores, representam um processo de sedentarização, adensamento demográfico e complexificação na organização social de uma população de pescadores-coletores-caçadores que parece tomar forma a partir de 3.000 anos atrás, aproximadamente. De outro lado,(...) explora o conceito de sambaqui como estrutura intencionalmente construída, (...)” (De-Blasis et al, 1999:4 in Farias, 2000:64).

A primeira perspectiva já foi citada anteriormente, enquanto que a segunda opõe-se à teoria mais comumente aceita na arqueologia brasileira, a de que esses “montes de conchas” são uma “lixreira” dos sambaquieiros. A perspectiva

etnoarqueológica, que investiga os modelos contemporâneos de subsistência para que estes possam fornecer subsídios qualitativos e quantitativos para a formulação de um modelo que teria sustentado o adensamento demográfico expressivo que se supõe tenha ocorrido ao longo de mais de 4.000 anos recebe destaque. Essa perspectiva, de parâmetros demográficos, foi utilizada por Gaspar (1995:36) em pesquisas no Rio de Janeiro, onde enfoca “(...) aspectos da organização, tais como identidade social, aspectos cognitivos do universo, processo de construção de sambaqui e as relações intersítio e intra-sítio, bem como relação da população com o meio.”

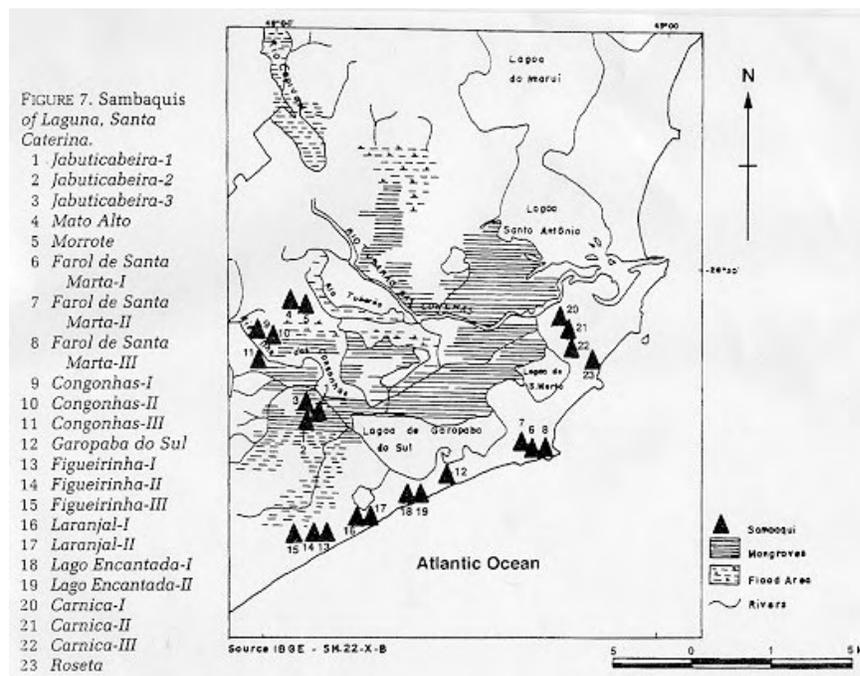


FIGURA 06: Mapa de Maria Dulce Gaspar – apresenta a área contemplada pelo projeto: “Camacho Archaeological Project – CAP”

A fim de fornecer informações para a realização dos estudos que compreende todo o complexo lagunar, outros sítios sofreram intervenção: os sambaquis de Garopaba do Sul, Mato Alto, Encantada II, Figueirinha e Morrote. O projeto ainda está em andamento.

2.4 Destruição dos sambaquis

O aproveitamento econômico desse tipo de sítio arqueológico gerou interesse desde o período colonial, quando se iniciou sua exploração, confirmado pelo relato do Padre Anchieta em 1549:

“... as ostras são em tão grande quantidade que se acham ilhas dellas cheias e que a call, que dellas se faz, para a construcção dos edificios, é tão boa como a da pedra” (Anchieta, in: Gualberto, 1927:297).

A destruição dos sambaquis, para fabricação da cal e a construção de engenhos e outras obras, é relatada também na obra “Roteiro do Brasil”, escrito em 1583,:

“...há tantas ostras na Bahia e em outras partes, que se carregam barcos dellas para das cascas se fazer cal que é muito alva, empregando-se para mais de tres mil moios na construcção de um só engenho” (Soares, in: Gualberto, 1927:298).

A relação dos portugueses com os nativos era marcada pelo desprezo, jamais valorizando a sua cultura; forma semelhante era atribuída aos sítios arqueológicos. No entanto, os sambaquis possuíam muita importância econômica uma vez que era através de seus desmontes que iniciavam o processo de fabricação da cal e de prédios para moradia (Rath, 1871).

No relato de alguns pesquisadores, é possível ter uma noção do tamanho de determinados sítios, de forma especial, em Santa Catarina, quando chama a atenção para

o sambaqui da Carniça que “...cuba uns 70.000m³, há 50 anos se vem extraindo concha, sem que a colina pareça ter sofrido com isso” (Leonardos, 1938:30).



FIGURA 08: Sambaqui de Carniça – Laguna – SC, 1962. Foto: E. Muller (Foto gentilmente cedida por Marco Aurélio Nadal de Masi)

Citação com referências de Frei Gaspar de Madre de Deus destaca a destruição de sambaquis no sudeste brasileiro com este teor:

“Destas conchas de mariscos que comeram os índios, se tem feito toda a cal dos edifícios desta capitania desde o tempo da fundação até agora, e tarde se acabarão as ostreiras de Santos, São Vicente, Conceição, Iguape Cananéia, etc. Na maior parte delas ainda se conservam inteiras as conchas e n’algumas acham-se machados, pedaços de panelas quebradas, e ossos de defuntos...”(Frei Gaspar da Madre de Deus in: Costa, 1938:77).

Baseados em levantamentos junto a comunidade do litoral de Santa Catarina, caracterizada pela alta concentração de sítios arqueológicos do tipo sambaqui, percebemos que o conhecimento da população sobre a importância histórica e cultural é ínfimo e as conseqüências da desinformação refletem-se no processo de destruição pelo qual os sambaquis vêm passando.

O IPHAN, órgão responsável pela sua preservação, mapeou e identificou três causas principais de destruição (Morley, 1999:372):

“1ª Implantação de grandes obras públicas, crescimento das cidades, abertura de estradas, construção de hidrelétricas e outras obras necessárias ao desenvolvimento do país, que foram executadas sem se levar em conta o espaço arqueológico e ambiental, trazendo, com isso, muitos prejuízos para a nossa cultura. (Hoje minimizado pela elaboração do EIA/RIMA)

2ª Aproveitamento econômico das áreas de interesses arqueológico. Como atividades extrativas e de lavoura em espaços de grande ocorrência da cultura material, evidenciada por material cerâmico, lítico e sepultamentos.

3ª E por fim, a desinformação - indivíduos movidos pelo mito e crença de tesouros, destróem muitos sítios, escavando ou explodindo espaços arqueológicos.”

Infelizmente, a pesar de criada legislação específica, os sítios arqueológicos ainda continuam sendo destruídos. Trata-se de mais de 40 anos depois, em comunidades bastante habitadas, próximas à sede de órgãos fiscalizadores, policiais e de pesquisa nesta área.

As considerações de Morley (*op. Cit.*) ressaltam a ação humana na destruição dos sítios arqueológicos. Pesquisa realizada por Oliveira (2000:177) denomina de *impacto humano direto*:

“(...) ações de edificação, deposição de resíduos sólidos e destruição mecânica dos sambaquis, onde identifica-se uma agressão intencional ou não, promovida de maneira sistemática ou não, em cujas possíveis causas poderiam ser citadas desinformação, interesse econômico e vandalismo.”

Além das ações de impacto humano direto, aponta os processos de abrasão e de erosão acelerada por ação zoógena e antropogênica.

“(...) o termo abrasão referia-se a processos erosivos diretamente promovidos pelo mar, mas para Guerra & Guerra (1997) o mesmo também pode ser aplicado a todas as ações exodinâmicas. Segundo Suguio (1998), abrasão corresponde ao efeito de desgaste de uma superfície rochosa ou de um elemento clástico (detrítico) por ação de atrito. (Oliveira, 2000:174)

Tal forma de destruição não é rara em sambaquis, dada a proximidade desse tipo de sítio do mar ou da barranca de rios. Isso caracterizou-se no Sambaqui Ilha dos Espinheiros III (na região de Joinville), onde os processos erosivos evidenciam fragmentos cerâmicos, líticos e ósseos, com relativa frequência. O sul de Santa Catarina carece de pesquisas desta abrangência onde, pela localização de alguns sítios, este processo pode ocorrer.

A erosão acelerada zoógena é muito mais comum, tendo em vista que a maioria das áreas nas quais se localizam os sambaquis são exploradas economicamente pela produção extensiva de gado bovino, promovendo *“(...) desgaste, esburacamento, formação de pequenos degraus, ou rupturas nas encostas do sítio, além de trilhas*

resultantes da compactação provocada pelo deslocamento dos animais (...) (Oliveira, 2000:175)

A erosão acelerada antropogênica, segundo Oliveira (*op. Cit.*) apresenta-se idêntica à erosão acelerada zoógena, porém esta causada pela intensa ocupação humana ou trilhas de passagem. As ações mais diretas já foram apresentadas anteriormente, caracterizadas pelo impacto humano direto.



FIGURA 09 : Sambaqui Mato Alto II – Tubarão – SC, 2002. Foto: Alexandro Demathé

Como mostra a fotografia acima, trata-se da destruição de mais de 50% (cinquenta por cento) de um sítio arqueológico do tipo Sambaqui na Comunidade de Mato Alto – Tubarão/SC. O material foi retirado para aterrar uma passagem do gado bovino sobre o rio seco. Cabe lembrar que a característica de coesão, compactação e capilaridade do material colocou o sambaqui entre uma das mais disputadas matérias-primas para aterros de estradas, casas, calçadas, pistas de aeroportos, canaletas de efluentes, cisternas, revestimento de tumbas e cemitérios, molhes, etc. (Oliveira, 2000)

CAPÍTULO 3

A SOCIEDADE E SUA CONSTRUÇÃO CULTURAL

A formação da sociedade brasileira, partindo do expansionismo europeu dos séculos XV e XVI, assiste à imposição de um modelo político-econômico-cultural e religioso, que renega a cultura das sociedades nativas, relegando-as ao regime de escravidão. O sucesso do empreendimento colonial está relacionado à inserção do elemento negro, importado da África e submetido à escravidão. Com a finalidade de inserir o Brasil na economia capitalista mundial, a partir da segunda metade do século XIX, passa-se a uma política de estímulo a importação de mão-de-obra européia livre, responsável pelo “embranquecimento” da sociedade brasileira. A diversidade cultural é marca registrada da formação nacional brasileira, da mesma forma, que as relações de valorização cultural ficam claramente perceptíveis. Portanto, é possível imaginar a dificuldade de se estabelecer a preservação de determinado patrimônio, quando este se refere a um grupo considerado “inferior”.

Aqui começa a dificuldade em reconhecer uma memória, que não é a memória de todos, o que dirá construí-la. Esse é um bom começo para compreender a pouca preocupação de muitas pessoas ao verem o patrimônio histórico sendo destruído ou o pudor em destruí-lo.

Segundo Farias (2000), é importante observar quatro conceitos que se interrelacionam neste íterim: a memória, a identidade cultural, a educação e o patrimônio. Dentre esses quatro conceitos, uma relação afetiva impulsiona ao passado, tornando-nos “*memorialistas*” (Chauí, 1992:39) ou “*homens-memória*” (Le Goff, 1996:430). *Mnemosine*, para os antigos gregos, era tida como a deusa da memória. Ela recordava aos homens os feitos e os heróis do passado. Era o antídoto do Esquecimento que, para ser evitado, exigia dos homens nutrirem-se da memória, que é uma fonte de imortalidade (Le Goff, 1996:438).

3.1 O papel da educação na sociedade

Diversas alterações no programa educacional brasileiro estão sendo implementadas, o que permite rediscutir o papel da Educação, quanto a sua forma e seus métodos, orientados pelo modelo de sociedade que está sendo gestada. A Lei 9394/96, conhecida como a Nova LDB (Lei de Diretrizes e Bases) da educação brasileira, estabelece novos critérios para a organização do ensino escolar, além de acenar com possibilidades extracurriculares como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e os Temas Transversais.

Essa proposta não é totalmente nova e nem exclusiva da sociedade brasileira. Trata-se de um esforço de descentralização de entraves burocráticos, em vista da regionalização de parte do programa de ensino, desta forma, melhor atendendo à diversidade cultural de um país continental como o Brasil. Atenta também na inovação de metodologias e referenciais para a educação em nosso país. Politicamente, este “ementário” é um programa amplamente difundido e recomendado a todos os países latino-americanos, com o apoio do Banco Mundial, frente aos péssimos resultados do

antigo modelo educacional com currículos engessados em ações tradicionais e autoritárias.

É necessária a construção de uma pedagogia mais voltada ao resgate histórico-cultural das sociedades remanescentes que se encontram na periferia de nossas cidades, muitas das quais expulsas de suas reservas pelos colonos ou com sérios entraves para a demarcação de suas reservas. Urge desmistificar aquela visão construída no século XIX, que classificava o “índio” de preguiçoso, inferior,... (Farias, 2000). Porém, a tarefa é árdua e exige muito mais do que modificar o modelo de ensino em termos legais. Confrontamo-nos com outros problemas mais complexos, como a precariedade na formação de recursos humanos para a educação, políticas culturais inadequadas com ações concretas limitadas, entre outras.

O modelo educacional desenvolvido para atender aos interesses da Revolução Industrial tinha função legitimadora da acumulação capitalista de produção e adequação do trabalhador a indústria através do uso racional do tempo, ao mesmo tempo, afastando a sociedade do jugo da Igreja (Remond, 1976). Da mesma forma, atualmente, busca-se orientá-la às necessidades hodiernas de mercado, que exige um outro perfil profissional.

Entende-se por educação, o desenvolvimento de potencialidades e a apropriação do "saber social". Devemos buscar, na educação, conhecimentos e habilidades que permitam uma melhor compreensão da realidade e envolva a capacidade de fazer valer os próprios interesses econômicos, políticos e culturais.

Longe de instrumento emancipador da sociedade, como pretende o autor, convivemos com um sistema educacional, no qual a grade curricular é carregada de conteúdos entre disciplinas que não interagem, condições de trabalho degradantes dos professores, tornando regulares as greves desgastantes, dificultando a ação

extracurricular dos professores, obrigando-os a trabalhar em várias escolas (Apple, 1997:189), o que inviabiliza a implementação das novas propostas educacionais.

Segundo Farias (2000), percebe-se assim a necessidade de uma educação multicultural, que leve em conta a diversidade cultural e social dos alunos, o pluralismo e o respeito à cultura, onde o valor básico é a democracia e o “pensar com autonomia”. Esse modelo se caracteriza pela tentativa do equilíbrio entre a “cultura local” e a “cultura universal” (Gadotti, 1992), visando resgatar a identidade cultural dos grupos sociais menos favorecidos, sem negar as demais classes. Vivemos numa sociedade herdeira da fragmentação do ensino, de acordo com as especialidades da modernidade, que ao mesmo tempo, exige um perfil profissional multidisciplinar. Isso que estamos deixando de considerar o problema maior: a grande parcela da humanidade que nem sequer teve acesso ao ensino formal.

3.1.1 Novas abordagens e novas metodologias

Piaget, em sua palestra apresentada em Nice, no ano de 1970, sobre a Epistemologia das Relações Interdisciplinares, embasado na filosofia estruturalista, afirma que o fundamento de uma investigação não é dividir a realidade em compartimentos separados ou em simples estádios correspondentes às fronteiras aparentes das disciplinas científicas, porém, ao contrário, deve-se, nas investigações, procurar interações e mecanismos entre os vários domínios do conhecimento. O que quer dizer, que a interdisciplinaridade é um “pré-requisito do progresso científico” (Piaget citado por Steiner, 1993).

Piaget, ao explicar que a estrutura de uma ciência caminha para “além das fronteiras dos fenômenos”, quer dizer que os aspectos observáveis manifestam-se como

sistemas e só são compreendidos pela dedução lógica, portanto por inter-relações e conexões não observáveis como tais. Segundo Piaget, à medida em que uma estrutura ultrapassa o observável, conduz a uma alteração profunda na nossa concepção de realidade. Observa-se daí que sua concepção de estrutura caminha no sentido de “transformações subjacentes ao sistema” (Piaget, 1972a, In: Steiner, 1993).

Logo, se a busca pelas estruturas pode ser considerada como um “fator básico da interdisciplinaridade”, então qualquer epistemologia interna que tenha como objetivo a caracterização das inter-relações existentes entre os observáveis e os modelos utilizados em uma ciência, constituir-se-á parte integral da epistemologia das ciências vizinhas e, dessa forma, tem-se o conceito de transdisciplinaridade.

Sendo assim, torna-se essencial a busca da transdisciplinaridade para compreender e descrever as inter-relações entre a sociedade, a Educação e a Tecnologia. Por conseguinte, o paradigma educacional apresenta-se caracterizado por um dinamismo que busca, cada vez mais, ultrapassar os limites e as fronteiras de cada um desses campos do conhecimento, sem, porém, abandonar suas características e especificidades próprias. A transdisciplinaridade representa esta busca. De acordo com Crema (1993), transdisciplinaridade, em sua concepção literal, significa transcender a disciplinaridade. Dessa forma, julga-se importante seu entendimento sobre disciplinaridade e transdisciplinaridade.

“O enfoque disciplinar, na atualidade, pode ser considerado um dos frutos mais típicos e substanciais do racionalismo científico, que modelou, nos últimos séculos, a mente e a atitude básica do ocidental.

(...) O instrumento básico desta perspectiva (disciplinar), portanto, é o método analítico. Analisar é fracionar um todo nos seus elementos constituintes. É um método de decomposição centrado nas partes, desenvolvido no século

XVII, por Descartes. (...) O enfoque disciplinar analítico gerou a especialização. (...) Transdisciplinaridade é um significativo passo além, um avanço qualitativo. Representa a convocação para a mesa de reflexão e sinergia, ao lado dos cientistas e técnicos, dos “exilados” do exaltado império da razão: os artistas, os poetas, os filósofos e os místicos.” (Crema, 1993:132).

Segundo D’Ambrosio (1997:16), ao referir-se à ciência na virada do século, discute sobre a “associação” da ciência e da tecnologia influenciando as novas maneiras de explicar a realidade da vida em sociedade.

“A ciência e a tecnologia associam-se na busca de novas explicações, inevitavelmente, conflitos resultam dessa busca e das contradições sociais e políticas que daí derivam. Os novos modos de propriedade e de produção criam necessidades de novos modos de consumo. As explicações resultantes da ciência e da tecnologia dela derivada questionam esses mesmos modos de propriedade e de produção. Quase paradoxalmente, questionam também os próprios modos de explicação.”

Cabe, então, discutir as inter-relações entre Educação, Tecnologia e Sociedade, também na esfera social e política, devendo abranger a sociedade como um todo, possibilitando a participação plena de todos os envolvidos. Consiste, acima de tudo, na temática abordada no presente trabalho: o papel da comunidade na preservação do seu patrimônio. Por outro lado, tal expectativa deve, primeiramente, privilegiar a escolha da comunidade no que tange ao seu patrimônio. Assim, a necessidade de rediscutir o papel do homem na sociedade, no mercado de trabalho e o papel do Estado nessa redistribuição de papéis é algo inevitável.

A capacidade de crítica – portanto a capacidade de posicionamento deve ser assumida por toda a sociedade, o que significa que as novas tecnologias devem propiciar ao sujeito o poder pleno de expressão crítica, criativa e consciente na busca de uma integração digna e justa na sociedade, e não como forma de anulação do indivíduo em função das “mudanças necessárias”. Dito em outras palavras, podemos afirmar que as novas tecnologias e os meios de comunicação, como a Internet devem possibilitar mecanismos para que os indivíduos se desenvolvam e se integrem plenamente ao mercado de trabalho e à sociedade.

A Educação inserida no cenário tecnológico deve, assim, desempenhar uma função primordial na criação de estruturas que levem em conta as novas maneiras de produzir e disseminar o conhecimento. A Educação não é um suplemento da sociedade, mas faz parte da política voltada ao social que a sustenta.

Com essas perspectivas em mente, não há como negar que a introdução da informática de forma ampla na vida social assume papel inovador e transformador pois estará inserida numa política sócio-cultural.

Na sociedade, nesse novo cenário tecnológico que se delineia aos poucos, faz-se necessário traçar um paralelo entre a sociedade e o indivíduo. Com as novas tecnologias qual seria o perfil de indivíduo que essa sociedade informatizada exige?

Sabe-se que, com a introdução, a disseminação e a apropriação das novas tecnologias em nossa sociedade, tem havido uma utilização mais ampla da informática e da automação nos meios de produção e de serviços. As novas exigências e, conseqüentemente, o novo perfil de trabalhador sugerem, sem dúvida nenhuma, uma nova formação do cidadão, um acesso adequado à informação, que o incentive ao conhecimento crítico, criativo e mais amplo, que lhe permitam preparar-se para as tarefas que, possivelmente, desempenhará em sua profissão e em sua vida.

A preocupação de grande parte dos educadores concentra-se nos meios que o nosso sistema educacional deveria oferecer à formação plena e integral dos indivíduos. E, para tanto, faz-se necessário criar condições para que desenvolvam sua criticidade, conscientes, livres, viabilizando o contato com as novas tecnologias. Só assim poderão acompanhar o desenvolvimento tecnológico que perpassa a contemporaneidade. Por outro lado, há que se concentrar esforços na estruturação de estratégias que minimizem a fragmentação acadêmica a qual aceita a falta de vínculo entre o trabalho e a produção, o cognitivo e o afetivo, entre o individual e o social. É mais que urgente estabelecer um novo paradigma educacional.

Mas, para isso é preciso renovação, é preciso incorporação de mecanismos para propiciar uma verdadeira integração da escola às novas produções e necessidades, tornando-se, cada vez mais, competente para que os alunos possam integrar-se plenamente ao setor produtivo da sociedade a que pertencem. Além disso, a renovação da escola pressupõe uma intensa reestruturação e reorganização dos conteúdos a serem trabalhados e, ainda, uma transformação nos métodos de trabalho e teorias de ensino, adequando-os aos novos tempos. Um aspecto fundamental, que não se pode deixar de mencionar, está em propiciar condições para que os professores, “figuras-chaves” nesse processo, tenham a compreensão plena desta nova dinâmica. Os modismos no meio educacional são outro problema que fazem com que a mudança perca a credibilidade. Professores sem embasamento teórico procuram “receitas” para implementar novas abordagens, o que é impossível. Um outro fator extremamente importante na possibilidade de renovação da escola constitui-se na modificação e transcendência das estruturas básicas das disciplinas, ou seja, deve-se trabalhar com abordagens novas, relacionadas a projetos transdisciplinares, nos quais a Informática inter-relacionada a

aspectos culturais, sociais, entre outros, possibilite o surgimento de conexão entre os assuntos abordados.

D'Ambrosio defende um modelo educacional que possibilite o desenvolvimento pleno do indivíduo em todas as suas potencialidades, integrando-o de forma justa na sociedade. Postula que “(...) *não será apenas através de uma burocracia bem estruturada, democraticamente elevada ao poder, e de indivíduos bem treinados, aos quais se dará direito e capacidade, melhor dizendo habilitação para trabalhar, que se construirá essa nossa sociedade.*” (D'Ambrósio, 1990:52).

Concerne à sociedade a definição de uma política educacional - ou a que consiste em manter uma estrutura de ensino que priorize indivíduos repetidores de informações descontextualizadas de sua realidade, submissos e conformados com as desigualdades sociais ou a implementação de uma educação que visa um ensino voltado à preparação de indivíduos conscientes e livres, conhecedores de seus direitos e deveres. Só dessa forma estarão aptos a ajudar na construção de uma sociedade mais digna e justa e, contribuir para minimizar o crescente vão que diferencia ricos e pobres.

A reestruturação do nosso projeto educacional deve estar sintonizado com as profundas transformações tecnológicas e econômicas da sociedade hodierna, repensando o papel da educação na formação das crianças e jovens, no intuito de construir uma sociedade civil responsável, solidária, e cidadã.

3.2 Patrimônio, memória e identidade

A primeira proposta de preservação do patrimônio é o decreto-lei n.º 25 de 30 de novembro de 1937, que define "como sítios e paisagens que importe conservar e proteger pela feição notável com que tenham sido dotados pela natureza ou agenciados

pela indústria humana". O patrimônio histórico, é uma vertente particular da ação desenvolvida pelo poder público para a instituição da memória social.

O patrimônio histórico-cultural pode ser definido como herança, legado cultural que se recebe dos antepassados e que propicia a auto-identificação das pessoas no grupo social e cultural em que se situam. Consistem em bens culturais materiais todo tipo de artefatos, monumentos, registros escritos, visuais, sonoros, etc. e bens imateriais, os fragmentos da memória social, formas de fazer e pensar, etc., ou seja, "... o conjunto de todos os utensílios, hábitos, usos e costumes, crenças e forma de vida cotidiana de todos os segmentos que compuseram e compõem a sociedade". (Dmitruk, 2001:14)

Conforme Dmitruk, (2001), até a primeira metade do século XX, o termo Patrimônio Cultural aplicava-se às obras de arte literárias, pictóricas, arquitetônicas, aos bens e monumentos das classes e grupos dominantes. Atualmente, a noção de Patrimônio Cultural é muito mais ampla e democrática, pois refere-se ao patrimônio⁷ integral e compreende todos os bens culturais dos grupos formadores de uma comunidade.

No trabalho de preservação de sítios arqueológicos, especialmente dos sambaquis, deparamo-nos com diversas dificuldades. Muitas vezes, dada a relação conflituosa entre colonizadores e povos nativos no momento do contato, o monumento ou objeto remanescente desses grupos, não contém, implicitamente, importância histórica para a população que hoje ocupa esta área. Ao contrário, revela uma relação odiosa, seja pelas experiências vividas por antepassados ou pela imagem de inferioridade, reiterada pela história oficial em relação ao elemento nativo, o "índio". Outro aspecto a destacar refere-se à definição de qual monumento ou objeto será

⁷ Segundo Aurélio, o termo Patrimônio significa herança paterna; refere-se ao conjunto de bens materiais e imateriais que se recebe dos pais, das gerações anteriores, da tradição. Em sentido figurado falamos em patrimônio cultural quando nos referimos ao legado dos bens culturais de gerações passadas que precisa ser conhecido e cuidado pelas gerações atuais.

protegido como patrimônio histórico. É necessário discutir sobre quem e quais os critérios que deverão ser utilizados para essa escolha.

Segundo Camargo (2001), os critérios para a escolha dos bens patrimoniais revelam traços ideológicos assim como os bens, que por sua vez, reproduzem ideologias as quais assumem efeitos multiplicadores, através dos meios de comunicação de massas, responsáveis pela cristalização de crenças resistentes às mudanças sociais e continuamente veiculadas como verdades científicas imutáveis.

“Dentre as ideologias, a que nos interessa em particular é aquela que emana e é construída pelo Estado Nacional, qualificando objetos, artefatos, costumes, crenças religiosas e comportamentos correlatos, como manifestações nacionais, atribuindo denominação patronímica aos bens patrimoniais.”
(Camargo, 2001:2)

Sabemos que a idéia de nação é historicamente construída e bastante volátil. Precisamos ter clareza, de que a caracterização do patrimônio histórico e sua identificação passa, obrigatoriamente, por uma política de conservação ou revolucionária, atrelada ao projeto político vigente. No Brasil, cabe ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. Percebe-se que:

“(...) a tônica dominante imposta por este organismo oficial responsável pela identificação, catalogação, preservação e conservação do patrimônio nacional brasileiro é absorvida pelo também órgão oficial responsável pelo turismo, a EMBRATUR, que tenderia a reproduzir as considerações do IPHAN, como parâmetro de cientificidade nas “metodologias” responsáveis pelos inventários de atrativos culturais. A indagação que se faz é sobre a validade destes critérios,

sobretudo porque eles pretendem ter amplitude nacional. Ainda em relação a isto, pergunta-se: qual a consistência das “metodologias” utilizadas? (Camargo, 2001:3)

É importante lembrar que, os bens tombados pela UNESCO seguem uma lista de bens apresentados pelos governos nacionais que elegem quais dos bens culturais do país podem ser eleitos Patrimônio Histórico da Humanidade. Além dos parques nacionais e áreas naturais, os conjuntos de “barroco-coloniais” ou “obras modernistas”, no Brasil foram eleitas para tal reconhecimento.

Com o que compartilha Silva (1996:166) quando lembra que os critérios oscilam de acordo com o momento histórico em questão, o que relativiza o valor de um determinado bem patrimonial, diante de outro qualquer.

Geralmente, são detentores do poder de decisão os órgãos governamentais, muitas vezes, federais, distantes da realidade social das pessoas que vivem no ambiente em que este patrimônio se encontra. Lezama *in*. Farias (2000), chamava a atenção para a importância de as comunidades elegerem os monumento ou objetos que acreditassem ser seu legado, pois, desta forma, haveria uma identificação maior entre comunidade e patrimônio.

Na visão de Soares (2001:6), na construção de um conceito de patrimônio, seja ele histórico, artístico, cultural ou emocional, é fundamental a contextualização do objeto a que faz referência, evitando 'coleções museológicas' desprovidas de qualquer sentido na preservação da memória.

"O patrimônio se destaca dos demais lugares de memória uma vez que o reconhecimento oficial integra os bens a este conjunto particular, aberto às disputas econômicas e simbólicas, que o tornam um campo de exercício de poder. Mais que um testemunho do passado, o patrimônio é um

retrato do presente, um registro das possibilidades políticas dos diversos grupos sociais, expressas na apropriação de parte da herança cultural..." (Rodrigues, 1996:195 In: Soares, 2001)

É importante discernir o objetivo da preservação da memória. Se tem por finalidade reforçar a (re)construção de uma história a serviço da comunidade ou se está direcionada a particulares ou grupos que buscam, através de projeção política e econômica, satisfazer interesses individuais, descomprometidos, com os valores históricos da coletividade.

"O patrimônio não é, porém, uma representação de 'todos' (...) Hoje, embora o conceito de patrimônio tenha-se deslocado da nação para a sociedade, esta concepção permanece como um dos traços das práticas preservacionistas... e como um fator de dissimulação das diferenças sociais e culturais" (Rodrigues, 1996:195 In: Soares, 2001)

A Educação Patrimonial visa romper com estas práticas segregacionistas. Seu compromisso é com a valoração de um patrimônio histórico, representativo da coletividade. Em outras palavras, conforme GUTIERREZ (1989:7),

"A revalorização do patrimônio não visa apenas recuperar os significados emergentes dos "monumentos", mas também resgatar a "memória histórica" da comunidade e recuperar valores de relação social e cultural, essenciais para a personalidade do nosso povo."

Os sítios arqueológicos, espaços materializados das construções culturais dos povos aqui abordados, em parte desapareceram e outros necessitam ser estudados de

forma mais sistemática para revelar elementos culturais ainda não conhecidos. Esses monumentos carregam em si o sentido simbólico da paisagem na qual estão inseridos e *“testemunham sistemas mentais da época em que foram criados e solicitam, não raro, uma relação não apenas perceptiva mas também efabuladora que mistura os tempos presente e passado, as histórias individuais às coletivas”* (Freire, 1997:55). Essa construção cultural poderá se perpetuar e fazer parte da identidade do nosso povo, que presente, oferece a percepção; e ausente, permite-nos a elaborações da memória através de seus vestígios (Freire, 1997:55 in Farias, 2000).

A perspectiva de futuro, para a construção de uma sociedade mais justa e menos excludente, deve ser orientada pela memória, longe de saudosismos ou mera repetição, e sim, referências. A memória coletiva, presente nos diferentes tipos de patrimônio, impede as bruscas interrupções que dificultam a construção de uma identidade histórica, ciente de seu valor. A cidadania é uma conquista individual no momento em que nos tornamos “sujeitos da preservação” da própria cultura, através da construção do patrimônio cultural material e imaterial da nossa sociedade.

Preservar passa, então, pela compreensão do *“que é e para que serve”* o patrimônio. Para Paoli (1992:25), o patrimônio se traduz em *“acontecimentos e coisas que merecem ser preservadas porque são coletivamente significativas em sua diversidade”*.

Atrás de um discurso de globalização cultural, percebemos claramente a busca pelo resgate da individualidade. Como prova disso, acompanhamos os movimentos emancipatórios de diversas etnias, uma restrição mais agressiva à imigração nos países europeus e o crescimento de partidos xenófobos. Por outro lado, em uma nação de pluralidades, como o Brasil, tentamos cultivar a idéia de que *“todos os povos produzem*

cultura e que cada um tem uma forma diferente de se expressar (aceitar isso) é aceitar a diversidade cultural” (Horta, 1999:07).

3.3 A relação da comunidade de Mato Alto/Tubarão - SC com seus sambaquis

O presente trabalho, como uma de suas hipóteses, relaciona a preservação dos sítios arqueológicos do tipo sambaqui ao nível de conhecimento que a comunidade tem acerca deste patrimônio. Parte-se do princípio que o descaso com a conservação e a exploração econômica desses espaços, derivam da falta de conhecimento da comunidade local e dos proprietários das referidas áreas.

Neste intuito, foi escolhido, para realizar um estudo de caso, a comunidade de Mato Alto, município de Tubarão/SC. A escolha é devida à proximidade e ao pouco destaque dispensado pelos meios de comunicação a estes sambaquis por não pertencerem ao grupo dos “grandes” sambaquis, como é o caso do Garopaba do Sul e, de forma especial, pelo fato do sambaqui Mato Alto II, um sítio intacto ter sofrido uma destruição recente de quase 50% (cinquenta por cento) em dezembro de 2000.



FIGURA 10: Sambaqui Mato Alto II – Tubarão – SC, 2000. Foto: Valdir Luiz Schwengber

Em seguida ao ocorrido, fomos visitar o sítio e por extensão, o proprietário do terreno, após a constatação de que o material arqueológico retirado seria destinado à construção de um aterro sobre o “rio seco” - antigo braço do Rio Tubarão, para facilitar a passagem do gado bovino para o outro lado, onde continua a área de pastagem. O proprietário insistiu que não sabia, não fora informado da existência deste sítio, apesar da visibilidade.

Outro morador justificou que reconhecia a diferenciação deste espaço, cuja origem seria o resultado do dilúvio bíblico. Essas e outras constatações despertaram a pertinência de realizarmos uma pesquisa com a comunidade, a fim de levantar possíveis explicações sobre a presença destes sítios na sua comunidade.

Algumas respostas decorrentes deste questionário são relevantes para entender-se o que estes sítios representam para os moradores que convivem com os sambaquis, tão destacáveis na paisagem que os cerca.

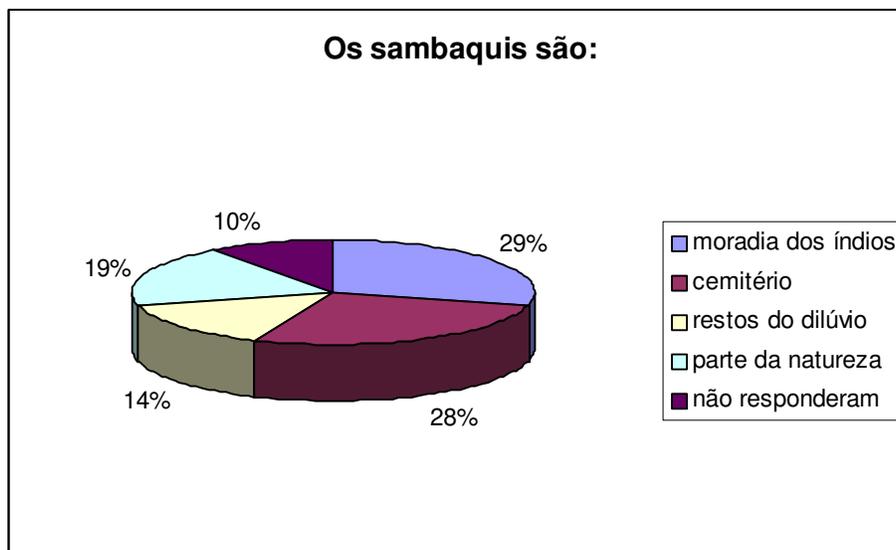


GRÁFICO 01: Os sambaquis para a comunidade de Mato Alto – Tubarão/SC – Fonte: própria

No primeiro gráfico aqui apresentado, é possível notar um certo equilíbrio nas respostas dos entrevistados. A explicação bíblica sobre a origem do sambaqui é mais comum entre as pessoas de faixa etária mais avançada. Como este instrumento de pesquisa foi aplicado a grupos familiares, é difícil confirmar numericamente esta hipótese, sustentada em conversas informais ou mesmo em entrevistas com pessoas mais idosas.

Segundo seu Manoel, referindo-se ao conteúdo e a função de um sambaqui, disse “o casqueiro é um cemitério de índios (...) se derrubar pode ver que tem um monte pessoas enterradas aí...”. O aparecimento de evidências, especialmente, tratando-se de sepultamentos, impressionam muito as pessoas. Outro morador, que não queria ser identificado, quando perguntado sobre o que ele entendia ser um sítio arqueológico do tipo sambaqui, respondeu “(...) eu não posso dar minha opinião. Porque eu nunca vi um sambaqui, eu não tive ainda a oportunidade de conhecer, mais sei que é muito importante. Porque trata-se de uma história indígena, o que a gente

devia dar mais valor se a gente tiver a oportunidade de conhecer melhor sobre a vida do índio”.

Estas colocações demonstram o receio de muitas pessoas em falarem abertamente sobre este tema. Temem represálias ou serem comprometidas, caso se posicionem.

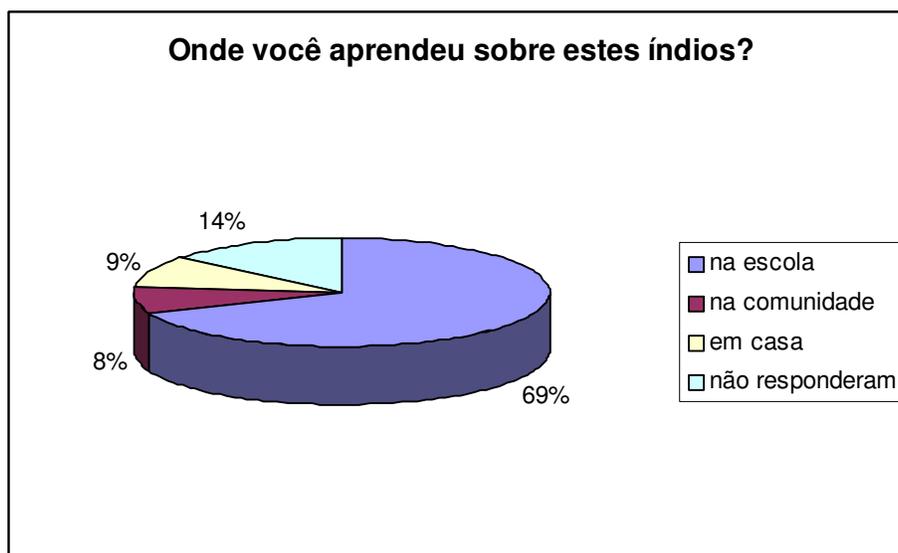


GRÁFICO 02: Onde você aprendeu sobre os índios – Fonte: própria

Com o intuito de investigar qual seria o papel da escola acerca das posições sustentadas pela ciência quanto ao estudo de sociedades extintas e sobre a possibilidade de o local já ter sido ocupado por grupos humanos antes do período posterior à chegada dos europeus, confirmaram-se as hipóteses estabelecidas. Apesar das deficiências do sistema educacional, a escola desponta como o principal ambiente de difusão de informações defendidas pela ciência na atualidade. É importante lembrar que as iniciativas em torno dessa questão bem como da necessidade de preservação destes sítios são matéria nova, mesmo aos que passaram pelos bancos escolares das licenciaturas das universidades da região.

Por outro lado, este indicativo também confirma a eficiência da escola como um espaço eficiente de educação, visando a preservação do patrimônio arqueológico. Tem surgido, como reclamação dos educadores, a reduzida quantidade, precariedade e, em muitas escolas, a inexistência de material didático-pedagógico que pudesse facilitar o engajamento da instituição no esforço contínuo de trabalhar a favor da preservação, de forma especial, dos sambaquis.

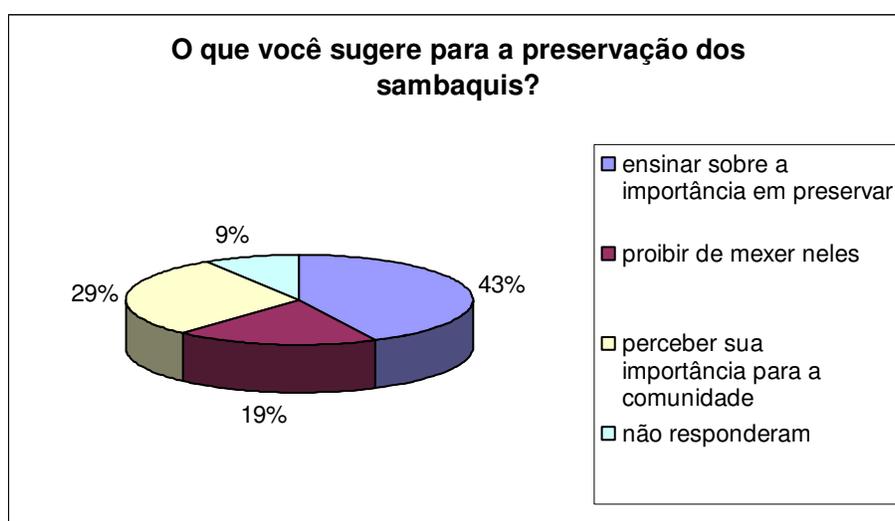


GRÁFICO 03: O que você sugere para a preservação dos sambaquis? – Fonte: própria

No questionamento sobre as medidas de preservação mais eficientes recebeu destaque a de ensinar sobre a importância de preservar, através de diferentes formas de acesso à população, mostrando os benefícios advindos da proteção deste patrimônio. O que a história já mostrou, a mera proibição não é, no entendimento da comunidade, a forma mais eficiente para o sucesso deste empreendimento.

É importante lembrar que a legislação é um elemento básico para a sustentação de uma política de preservação. Porém, o simples ato de coibir não se mostrou eficiente, haja vista a continuidade no processo de destruição nos últimos quarenta anos.

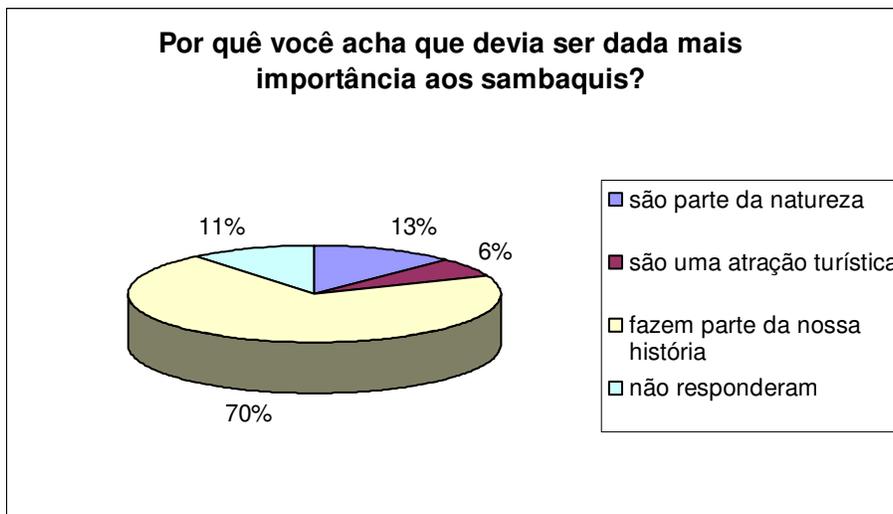


GRÁFICO 04: Por quê você acha que devia ser dada mais importância aos sambaquis? – Fonte: própria

Quando questionados sobre o porquê dos sambaquis merecerem mais importância, foi surpreendente o percentual dos entrevistados que apontaram a questão histórica. Isto, reconhecendo o caráter conflitante entre a população local com o sujeito “índio”, que no inconsciente coletivo, lembra selvageria, inferioridade e outros preconceitos.

Por outro lado, percebeu-se a pouca difusão do patrimônio arqueológico como atrativo turístico para a população local. Nestes termos, pensamos que um possível retorno financeiro, apresentado de forma concreta, seria um importante “estimulador” da consciência de preservação. Buscamos respaldo na constatação de que a exploração econômica é o principal fator de interesse da população em torno de algum bem.

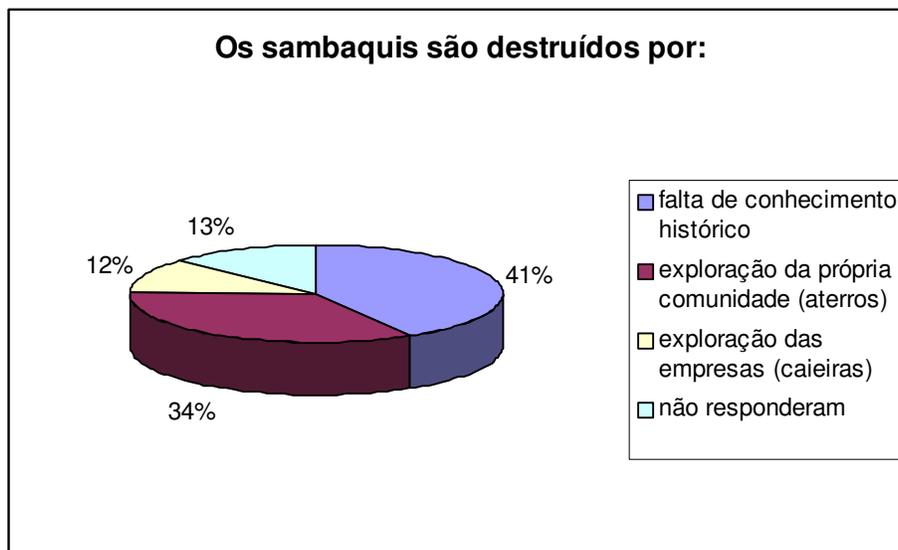


GRÁFICO 05: Os sambaquis são destruídos por: - Fonte: própria

Sobre o conhecimento das pessoas da comunidade, referente à destruição dos sítios arqueológicos, as respostas mostraram ser fato conhecido, da mesma forma que a proibição.

Quando questionados sobre motivos, fica evidenciado que a falta de conhecimento sobre a importância histórica é o principal fator. Em seguida, a exploração de pessoas da própria comunidade para a construção de aterros, algo fácil de constatar. Os que destacam a importância da exploração dos sítios no passado pelas empresas que realizavam a exploração com a instalação de caieiras, não foi muito relevante, observação devida a este tipo de instalação não ter existido na localidade.

Outro aspecto que ficou claro, é que mais de cinquenta por cento dos entrevistados não tiveram a oportunidade de conhecer um museu. Desses, a maior parte até verificou a presença de artefatos arqueológicos, mas poucas vezes vislumbrou seu valor histórico. Isso reforça a imagem de que as comunidades onde ocorre a presença de sítios, é pouco esclarecida quanto à presença deste tipo de patrimônio. Por outro lado, quando pesquisas ou prospecções são realizadas, o fato não é comunicado à

comunidade, a que mais deveria estar informada, pois é a que pode de forma mais efetiva, cuidar e conservar estes vestígios humanos.

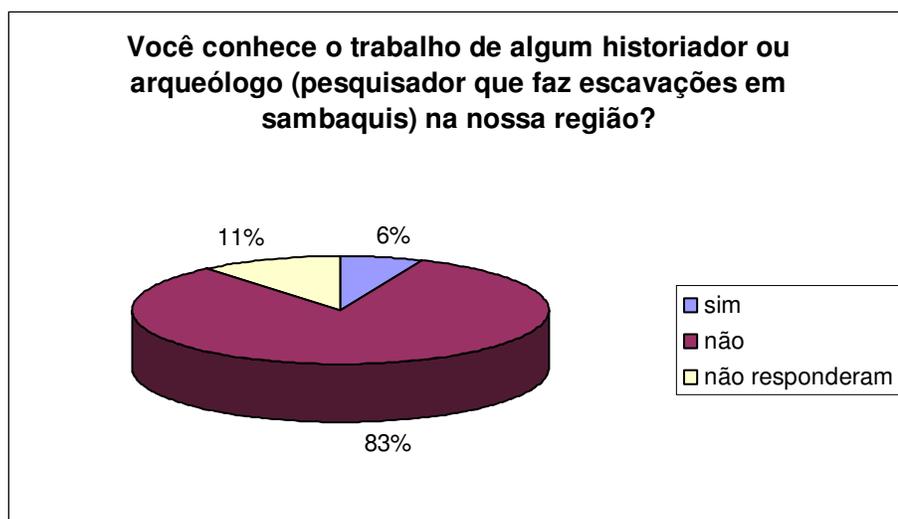


GRÁFICO 06: Você conhece o trabalho de algum historiador ou arqueólogo na nossa região? - Fonte: própria

O gráfico acima denuncia esta falta de intercâmbio entre comunidade e pesquisadores ou instituições acadêmicas. As pesquisas acadêmicas, de caráter social, por maiores que tenham sido seus esforços em contemplar a socialização dos resultados de suas pesquisas, demonstram-se ineficientes. Tal constatação pôde ser confirmada em outras comunidades ouvidas.

Quanto à preservação dos sambaquis e dos agentes protetores, apresentam um quadro que demonstra o descaso de algumas instituições e o receio da comunidade em se posicionar. É difícil discernir entre o medo do comprometimento ou a revolta diante do pouco caso do setor público.

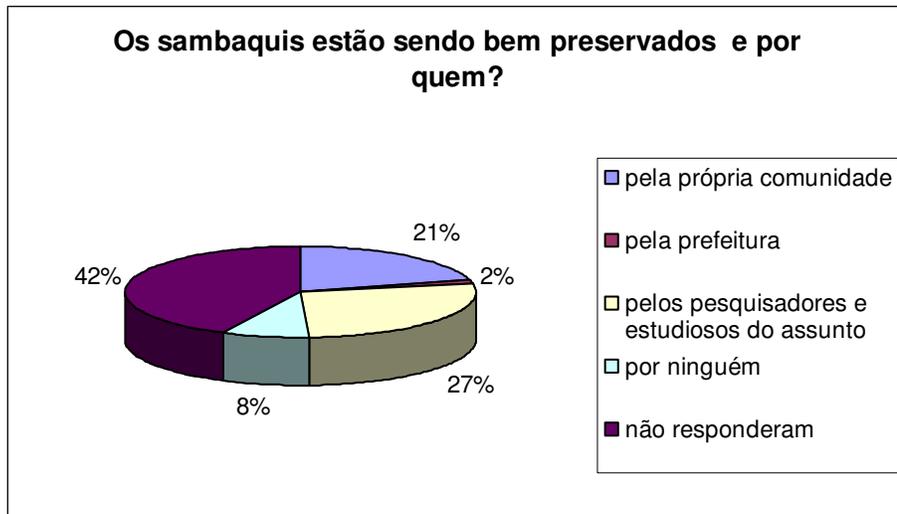


GRÁFICO 07: Os sambaquis estão sendo bem preservados e por quem? – Fonte: própria

Indagados sobre a importância do papel da comunidade junto à preservação do sítios, mais de 80% (oitenta por cento) posicionou-se a favor, entendendo ser seu papel. Contraditoriamente, quando perguntados se já ajudaram para que este patrimônio fosse preservado, o número caiu para 16% (dezesesseis por cento).

Referente à existência de lendas ou mitos acerca dos sambaquis, percebeu-se não serem muito difundidos.

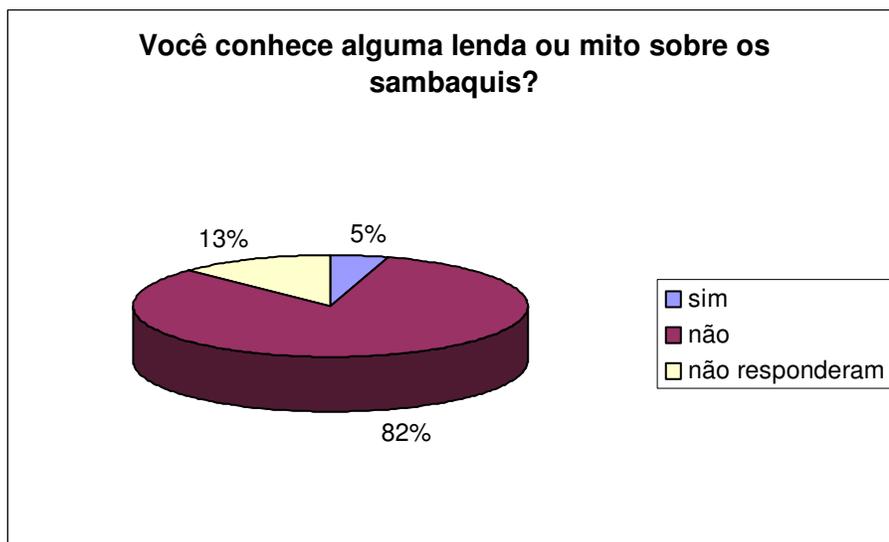


GRÁFICO 08: Você conhece alguma lenda ou mito sobre os sambaquis? – Fonte: própria

O público entrevistado compreende uma faixa etária bastante diversificada, representando a visão de diferentes gerações frente ao mesmo tema. Uma pesquisa mais específica, com pessoas de faixa etária mais avançada poderia levantar lendas que estejam com menos força, diante da influência da escola ou do crescimento da difusão das pesquisas arqueológicas através da mídia.

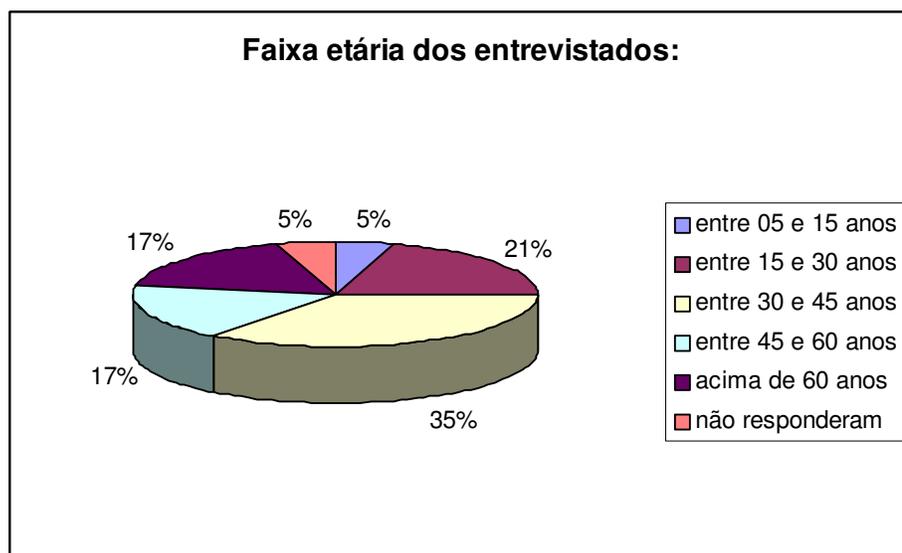


GRÁFICO 09: Faixa etária dos entrevistados – Fonte: própria

O público entrevistado, em alguns momentos mostrou-se hostil ao receber o entrevistador. O receio de se tratar de vendedores mal intencionados é a principal queixa dos moradores da localidade frente aos “estranhos” que se aproximam junto a suas residências. Entre o público entrevistado mais substantivo, da faixa etária dos 30 (trinta) e 45 (quarenta e cinco) anos de idade, foi possível encontrar número significativo de analfabetos.

3.4 Metodologia de educação patrimonial e a preservação do patrimônio histórico

Primeiramente, entendemos que a preservação do patrimônio, preocupação primeira, e sua valoração, passam obrigatoriamente pelo conhecimento e reconhecimento desse patrimônio. A educação patrimonial visa contribuir para essa “alfabetização cultural”. A implementação da Metodologia da Educação Patrimonial no Brasil na década de 1980, difundida pelo Museu Imperial de Petrópolis no Rio de Janeiro, através de Maria de Lourdes Parreiras Horta e Evelina Grunberg, tem sido a principal referência na matéria. Foi a partir de um Seminário realizado no Museu Imperial de Petrópolis, em julho de 1983, sobre o “Uso Educacional dos Museus e Monumentos” que marcou o início desta trajetória. Educadores, museólogos, professores, historiadores, estudantes e outros discutiram desenvolvimento e prática da Educação Patrimonial *“para uma melhor utilização do patrimônio cultural no processo educacional, contribuindo para o seu melhor conhecimento e proteção”*(Horta, 1991:01 in Farias, 2000).

A Conferência Internacional para a América Latina foi palco de novas discussões e debates, que tem sido contínuos desde o início da década de 1980. Em 1999, o “Guia Básico de Educação Patrimonial”, produzido e publicado pelo IPHAN e pela equipe do Museu Imperial do Rio de Janeiro procurou contemplar experiências educativas com o patrimônio em várias regiões do Brasil. (Farias, 2000)

A utilização sistemática e contínua da Metodologia da Educação Patrimonial, com destaque para o desenvolvimento e ampliação do *“caráter pedagógico dos patrimônios culturais, no sentido da construção dos processos formadores da cidadania”* (Porto Alegre, Educação Patrimonial – Relatório 1996/1998:06), propicia a construção da cultura sobre múltiplas participações, gerando formação e informação, e

possibilitando que nossa produção cultural reflita sobre a questão da cidadania, que *“implica fazer passar a história e a política de preservação & construção do passado pelo crivo de sua significação coletiva e plural”* (Paoli, 1992:26).

Segundo Soares (2001:4) a educação patrimonial consiste em:

“(...) um programa que busca a conscientização das comunidades acerca da importância da valorização, do resgate e da preservação dos patrimônios locais. Essa conscientização é buscada por meio da interação da população com os patrimônios da região onde vivem. Para melhor compreensão no início, são utilizados patrimônios concretos, vestígios que possam ser tocados ou percebidos. Somente após esse passo serão trabalhados os patrimônios que se apresentam de forma abstrata, como o saber local e popular.”

Trazendo para esfera individual, integrado no contexto local poderíamos dizer que:

“O trabalho da Educação Patrimonial é levar os indivíduos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para uma melhor utilização destes bens e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, tendo assim um contínuo processo de criação cultural. A metodologia da Educação Patrimonial é materializada através do estudo de objetos comunitários como estratégia de aprendizagem do contexto sociocultural.” (Itaqui, 1998:20)

O papel da Educação Patrimonial consiste *“em revelar identidades, mudanças, questionamentos, conflitos e solidariedade entre segmentos sociais diversos quando*

esses se compreendem produtores culturais permanentes, agentes histórico-sociais” (Tavares, 1992:95 in Farias, 2000:83-84).

“A Educação Patrimonial extrapola a metodologia e o ensino baseado nos bens culturais históricos, artísticos e ecológicos que compõem o patrimônio cultural. Tendo em vista seu potencial para: a) possibilitar o conhecimento dos mecanismos da sociedade, revelando os interesses dos diversos grupos no local, no país e no mundo em que vivemos; b) adquirir os instrumentos para conhecer, usufruir, criar o patrimônio cultural local, nacional e mundial, preservá-lo e enriquecê-lo; c) provocar maior contato e interação da escola e dos museus com o espaço e a comunidade local.” (Dmitruk, 2001:8)

Só existe a preocupação de proteger alguma coisa se há risco de perdê-la (...). Desaparecer ou permanecer são funções do tempo, só no seu decorrer é que as coisas ficam ou passam. A ação humana ambiciona intervir nesse processo, selecionando o que guardar e o que deixar de lado ou destruir (...). Essa tendência de tornar presentes o passado e o futuro, garantindo a permanência de objetos e valores caros a uma cultura, parece ser inerente à sociedade (...) (Silva, 1996:165).

Um grande desafio da Educação Patrimonial está em torná-la “...um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo” (Horta, 1999:6). Isso porque a maioria das iniciativas, mesmo sendo louváveis, não conseguem torná-la sistemática.

Em vários campos da pesquisa, como a do arqueólogo, a ausência da sistematicidade e continuidade do trabalho educativo é um fator limitador para um maior intercâmbio entre comunidade e pesquisador, essencial para o cumprimento do papel social da pesquisa.

Outro fator de relevância que deve resultar da preservação do patrimônio é a melhoria na qualidade de vida das comunidades locais:

“A Educação Patrimonial é um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o a compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo leva ao reforço da auto-estima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural” (Horta, 1999:7).

As razões para a preservação dos sítios arqueológicos dos tipos Sambaqui, segundo Gillespie⁸, in Oliveira (2000:188-189) são as seguintes:

*“os sambaquis são produto e testemunho de diferentes culturas e realizações do passado humano;
constituem inequívoca referência à capacidade do Homem em adaptar-se e criar paisagens;
sua importância histórica, significado e mensagem, fortalecem a consciência da dignidade de um grupo social, em uma perspectiva de valorização da diversidade cultural;
permitem e estimulam abordagens científicas em diferentes áreas do conhecimento;
contribuem para o desenvolvimento social, na medida que constituem objeto de reflexão abordado na formação educacional;
integram o conjunto simbólico das populações tradicionais litorâneas;
são espaços integráveis a opções de turismo e de contemplação da natureza;
representam unidades espaciais com funcionalidade específica dentro da dinâmica da paisagem costeira”.*

A falta de conhecimento do patrimônio histórico, artístico e cultural é o principal limitador da exploração dos bens culturais e ambientais de forma sustentável, para o desenvolvimento regional. Não existem, apesar da riqueza do nosso patrimônio, organização e gerenciamento de espaços para visitação aos sítios, etc. Grande parte do patrimônio histórico, artístico e cultural brasileiro é tido como entrave ao desenvolvimento econômico e turístico, de forma geral, ao passo que poderia ser um importante atrativo de investimentos e turistas. A visão de inferioridade de determinado patrimônio, sustenta a idéia de que uns são melhores que outros. Isto decorre da ignorância em relação ao patrimônio brasileiro e que, através da Metodologia da Educação Patrimonial precisa ser trabalhada.

É importante frisar que a Metodologia da Educação Patrimonial pode ser aplicada a qualquer manifestação da cultura, e por extensão, do ambiente que a abriga. Se no presente trabalho a ênfase é para o patrimônio arqueológico, é por ser objeto desta pesquisa.

3.5 Legislação de preservação do patrimônio e a destruição dos sítios

A satisfação de interesses econômicos, do início da ocupação colonial até a atualidade, consistiram em um preço alto ao patrimônio histórico-arqueológico brasileiro. Portanto, os esforços empreendidos por diversas personalidades em torno da causa preservacionista, atingiu um passo importante com a promulgação do Decreto Lei No. 25 de 30 de Novembro de 1937, que possibilitou o tombamento dos sambaquis. Segundo IPHAN (1994), expressa-se, teoricamente, a vontade social através da

⁸ <http://home.uleth.ca/geo/jasweb/jas1.htm>. Why protect Sites? (página acessada em 06.10.1998).

intervenção jurídica, efetivada através da normatização para a legitimar o papel do Estado no intuito de preservar a memória nacional.

A legislação, que tem o intuito de inibir a destruição do patrimônio arqueológico e instrumentalizar a coibição de atos de vandalismo e apropriação econômica dos espaços protegidos por lei, devem ser compreendidos em âmbito internacional, nacional, estadual e municipal.

Principais recomendações internacionais relativas ao patrimônio arqueológico	
Recomendação de Nova Delhi, UNESCO, 1956.	Trata dos princípios internacionais a serem aplicados no que concerne a pesquisas arqueológicas.
Recomendação de Paris, UNESCO, 1962.	Trata da salvaguarda da beleza e da questão paisagística dos sítios.
Carta de Veneza, ICOMOS, 1964	Refere-se a conservação e restauração de monumentos e sítios.
Recomendação de Paris, UNESCO, 1964.	Consiste em determinar medidas proibitivas e impeditivas a importação, exportação e transferência de propriedades ilícitas de bens culturais
Normas de Quito, OEA, 1967.	Destaque a discussão sobre utilização e conservação de monumentos e lugares de interesse histórico e artístico.
Recomendação de Paris, UNESCO, 1968.	Trata da conservação de bens culturais em risco diante da execução de obras públicas.
Recomendação de Paris, UNESCO, 1972.	Refere-se a salvaguarda do patrimônio cultural e natural.
Declaração de Estocolmo, ONU, 1972.	Declaração sobre o ambiente humano.
Recomendação de Nairóbi, UNESCO, 1976.	Referente a salvaguarda de conjuntos históricos e sua importância na vida contemporânea.
Carta de Burra (Austrália), ICOMOS, 1980.	Recomendações para conservação, preservação, restauração, reconstrução e adaptação de bens culturais.
Declaração do México, 1985.	Trata das políticas culturais.
Carta de Lausanne (Suíça), ICOMOS, 1990.	Versa sobre proteção e gestão do patrimônio arqueológico (Carta Internacional da arqueologia)

GRÁFICO 10: Principais recomendações internacionais relativas ao patrimônio arqueológico -
Fonte: IPHAN (1995) e UCG (1996)

Quanto à legislação para a defesa do patrimônio arqueológico brasileiro, destaca-se a promulgação da lei que reorganiza o Ministério da Educação e,

conseqüentemente, a criação do SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, essencial para uma legislação específica, através do Decreto Lei nº 25/1937 (Lei de Tombamento), que *“organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional, constituído de bens móveis e imóveis de valor arqueológico, etnográfico, bibliográfico e artístico que necessariamente devem ser tombados através do devido registro em Livro Tombo.”* (Oliveira, 2000:192). Em seu artigo 1º, define:

“Constitui o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da História do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico” (Decreto Lei nº 25, Cap. I: Art. 1º).

A discussão sobre a importância de determinado bem histórico e artístico, em detrimento de outro passa por uma questão política, abordado em outra parte deste trabalho.

O Decreto Lei nº 2.848/1940, artigo nº 165 do Código Penal, prevê a possibilidade de detenção de seis meses a dois anos e multa para destruição, inutilização ou deterioração do patrimônio arqueológico, histórico e artístico tombado. O Decreto Lei nº 4.146 dispõe sobre a desapropriação para espaços de utilidade pública, em vista da preservação e conservação dos monumentos históricos.

A Lei nº 3.924/1961 é, sem dúvida alguma, o principal avanço na proteção dos sítios arqueológicos. *“(...) fazendo referência às escavações arqueológicas, descobertas fortuitas, transferência de objetos de valor arqueológico e participação de Estados e Municípios no estudo e defesa dos sítios”*. (Oliveira, 2000:192). O Artigo 3º trata a respeito dos sambaquis e outros:

“São proibidos em todo território nacional, o aproveitamento econômico, a destruição ou mutilação, para qualquer fim, das jazidas arqueológicas ou pré-históricas conhecidas como sambaquis, casqueiros, concheiros, birbigueiras ou semambis, e bem assim dos sítios, inscrições e objetos enumerados das alíneas b, c e d do artigo anterior, antes de serem devidamente pesquisados, respeitadas as concessões anteriores e não caducas” (Lei nº 3924/61, Cap. I: Art.3º).

Para a preservação e sustentabilidade de uma gestão do patrimônio arqueológico brasileiro foram as leis no. 4.771/1965 e 6.513/1977. A primeira, através do Código Florestal Brasileiro, em seu artigo 3º que *“poderão ser declaradas (por ato do Poder Público) como de preservação permanente as formações vegetais destinadas à proteger sítio de excepcional beleza ou de valor científico ou histórico”*. Esta medida restringe qualquer ação sobre o sítio no sentido de alteração de sua estrutura, evitando qualquer ação sem autorização prévia do órgão competente. A segunda lei, trata da criação de Áreas Especiais e de Locais de interesse Turístico, com a realização de inventário sobre o potencial turístico, atividade quando bem gerenciada, permite a autosustentabilidade do patrimônio arqueológico.

A Resolução CONAMA no. 001/1986, em seu artigo 6º, favorece a possibilidade de geração de nova fonte de recursos para a pesquisa arqueológica, no momento que inclui, de forma obrigatória, os sítios arqueológicos nos estudos de impacto ambiental (EIA/RIMA) de grandes empreendimentos. É uma forma de viabilizar o estudo de rico material arqueológico, a pesar do curto tempo imposto pelos empreendimentos, que de outra forma seria totalmente ou parcialmente destruído.

No ano de 1988, além da referência em diversos artigos da Constituição Federal, o patrimônio arqueológico, recebeu prioridade na conservação e proteção, no Plano Nacional de Gerenciamento Costeiro através da Lei no. 7.661/1988; inclusão

orçamentária de recursos para possíveis prejuízos culturais, causados por projetos e obras federais, pelo Decreto no. 95.733/1988 e a Portaria do IPHAN no. 07/1988, estabelecendo procedimento para comunicação prévia, para as permissões e autorizações para a pesquisa e escavações em sítios arqueológicos.

Relativa ao patrimônio arqueológico, cabe também aos sambaquis a Portaria Interministerial no. 069/1989 que:

“Estabelece os procedimentos para pesquisa, exploração, remoção, e demolição de coisas ou bens de valor arqueológico afundados, submersos, encalhados e perdidos em águas nacionais, em terrenos de marinha e seus acrescidos e em terrenos marginais, em decorrência de sinistro, alijamento ou fortuna do mar.”(Oliveira, 2000:192)

É considerado crime, pela Lei de Crimes Ambientais – lei no. 9.605/1998, artigo 63º, alterar o aspecto ou estrutura de sítios arqueológicos e seu entorno que possam trazer prejuízos arqueológicos.

CAPÍTULO 4

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL – UMA PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO

A educação patrimonial, desconhecida a poucos anos, recebe destaque em congressos de Educação, História, Arqueologia e área afins. Influenciada pela educação ambiental, que já possui *status* de disciplina, a educação patrimonial, prevista como tema transversal nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) está sendo inserida no Ensino Fundamental como disciplina curricular, em alguns estados.

No entanto, as experiências realizadas têm sido sistematizadas de forma a orientar um projeto contínuo, através de práticas significativas para o resgate e preservação do patrimônio. O reconhecimento da identidade, através do patrimônio é um elemento decisivo no sentido de agregação de valor do indivíduo a seu meio social. As atividades aqui apresentadas, permitem criar uma dimensão sobre a abrangência da educação patrimonial, da forma como ela compreendida e a partir do qual se apresenta como nova tendência educacional.

4.1 Os museus e a educação patrimonial

A museologia vem passando por mudanças substanciais nas últimas décadas. O papel para o qual vem sendo chamado a desempenhar, exige a reformulação do seu espaço, da sua relação com o visitante, em vista do seu papel científico e educacional.

Segundo Bruno (1994), os museus são herdeiros institucionais da cultura humana de colecionar. Com o transcorrer dos séculos criaram diferentes feições, passando por antiquários, gabinetes de curiosidades, galerias de arte renascentistas, museus enciclopédicos do século XIX, chegando aos nossos dias na perspectiva de: coleta de objetos; salvaguarda do patrimônio sob sua responsabilidade e, de forma especial, comunicação do conhecimento de sua área de abrangência.

Tendo em vista que nos museus encontra-se grande parte da construção material dos grupos humanos, fornecendo elementos substanciais para a construção da memória, deve, a partir destes, emergir a preservação da memória da comunidade através dos seus bens patrimoniais, eleitos por ela como elementos de identificação.

As abordagens museológicas tem se particularizado cada vez mais, porém, devem desempenhar três funções básicas: científica, educativa e social. Quanto a primeira, “(...) as exposições representam o desfecho de um trabalho iniciado com a coleta sistemática do material, sua posterior catalogação e análise.” Deve propiciar ao público externo “(...) através de exposições e projetos sócio-educativo-culturais, como também de suas atividades paralelas (cursos, debates, publicações).” Quanto a segunda função, a educativa, “(...) o museu deve oferecer à criança situações que levem a reflexão, ao desenvolvimento do raciocínio, pois só assim estará contribuindo para a Educação Libertadora, que é aquela que, consciente e concretamente questiona a realidade do indivíduo, do outro e do mundo que os cerca, levando-os às transformações.” Quanto a terceira função, a social é “a mais importante de todas, uma vez que ela representa o encontro das duas anteriores e também o

resultado de ambas, pois somente através do pensamento científico, o museu poderá contribuir para a educação e desempenhar papel significativo em uma sociedade.” (Bruno, 1994:6-7)

Na exposição realizada referente às funções dos museus, a autora ressalta os horizontes que devem estar focados: a cientificidade e educação orientada para a construção de uma sociedade crítica, ciente do seu passado frente a um projeto social mais justo.

A divulgação dos trabalhos, como foi citado acima, é a razão científica e social da pesquisa. No que concerne ao estudo das sociedades extintas ou modificadas Moberg (1976:42) afirma:

“Um trabalho científico em arqueologia só está terminado quando pode ser apresentado a um público que não seja apenas o círculo fechado dos especialistas. A função dos arqueólogos não é a de se congratularem mutuamente por suas descobertas, mas a de trabalhar para o público, para a sociedade.”

Segundo Tamanini (2001) a função do museu, enquanto espaço educativo responsável pela mudança de mentalidade, difundiu-se com maior intensidade a partir da década de setenta. (...) É característica deste século, em relação à Educação, o deslocamento da formação puramente individual do homem para o social, o político, o ideológico, assim o significado maior está na inclusão das diferenças como pressuposto de equidade. Independente dos desníveis entre as regiões e países, existem tendências universais, entre elas, a de considerar como conquista deste século a idéia de que não existe idade para a Educação, de que ela se estende pela vida e que não é neutra, tampouco exclusiva.

“Os Museus americanos foram pioneiros em experiências pedagógicas, e foi aí que a função educativa se afirmou como uma das principais funções a serem desempenhadas pelos museus. Estes museus, dispondo dos mais variados recursos técnicos e de pessoal qualificado, foram os primeiros a desenvolver experiências interativas para o público infanto-juvenil. Em geral, têm como princípio pedagógico, a noção de que a relação da percepção da criança está baseada na expectativa da experiência pessoal interativa com o objeto ou a natureza. Desse modo, a grande identidade entre os museus de todos os tipos, tanto nos países hegemônicos, como nos países periféricos, é a ação educativa.” (Tamanini, 2001:3)

Ainda, conforme autora, a relação Escola, Educação e Museu é bastante confusa e delicada. Conceitos e práticas da Educação são transportados para as atividades dos Museus. Nas últimas décadas, a abertura dos museus para as escolas, vem confundindo suas ações específicas às experiências educativas oferecidas pelo ensino formal. *“A educação dentro de um museu é mais do que a quantidade de ônibus escolares que param na porta, ou do número de estudantes que passam por esta Instituição e por vezes atendidos na velha atividade de ‘monitoria’(Tamanini, 2001:4),* visa um processo de formação integral para e com o patrimônio social/cultural, que exige da Instituição definições de "usos" e "interfaces" com diferentes públicos (...)

Portanto, exceto casos específicos, os museus brasileiros estão mais preocupados com a quantidade de visitantes, especialmente de alunos do ensino fundamental, do que com uma dinâmica envolvente e transformadora. Quanto a relação do ensino formal com os museus, é importante lembrar que o intercâmbio com o espaço museal é esporádico, desvinculado a uma construção processual da identidade.

Conforme Tamanini (1998) Museus, Patrimônio e Preservação são ainda temas distantes no cotidiano escolar, aparecendo esporadicamente. Normalmente, os/as

professores/as desconhecem o potencial da Educação Patrimonial para problematizar e democratizar o conhecimento construído.

Diante disto, muitos arqueólogos vêm se preocupando com a divulgação da pesquisa, e em parcerias com museus universitários, promovem exposições itinerantes, seminários e publicações de livros. Vamos estar apresentando um trabalho específico desenvolvido em museus referente a temática abordada neste trabalho.

4.1.1 “Ossos para o ofício: proposta, execução, e avaliação de uma exposição temporária”

A exposição no Museu do Sambaqui, em Joinville/SC, “Ossos para o Ofício”, organizada por Maria Cristina Bruno junto com Walter Neves, no final da década de 1980, é uma atividade importante.

A origem do acervo da exposição é proveniente da pesquisa realizada por Walter Piazza (UFSC) e Afonso Imohf (MASJ) no Sambaqui Rio Comprido, no início da década de 1970; Sambaqui da Ilha de Espinheiros II, pesquisado por Afonso Imohf e Selma da Silva, em 1982 e Sambaqui Morro do Ouro, pesquisado por Mariland Goulart, entre 1979 e 1980. A exposição enfocava o cotidiano da atividade do Antropólogo Físico, como um contínuo questionamento em relação ao esqueleto humano, enquanto memória antropológica, baseado nos estudos dos vestígios arqueológicos de sambaquis do norte catarinense.

Quanto a proposta museográfica de “*Ossos para o Ofício: Proposta, Execução, e avaliação de uma Exposição Temporária*”, sempre ilustrado com fotografias, parte-se da *Apresentação do tema*: uma breve caracterização dos grupos em questão, o domínio da tecnologia, etc., com ênfase no antropólogo físico e seu estudo, tratando os

esqueletos como fontes de informação como “*parentesco biológico, nutrição, conflitos sociais, demografia, qualidade de vida organização do trabalho e relação com a morte*” (Bruno & Neves, 1989:43). Em seguida aborda-se a *Síntese da Pré-História Regional*, evidenciando os três principais períodos de ocupação: pré-cerâmico (sambaqui), cerâmico Itararé e cerâmico Tupiguarani (Chmyz, 1976 in Bruno & Neves, 1989). A etapa seguinte refere-se aos *Sepultamentos*, apresentando-se os trabalhos de campo e laboratoriais. Na etapa subsequente, ocorre “*A Análise e seus resultados*” objetivando a resposta de todos os aspectos propostos na pesquisa, apresentados em vitrines expostas na sala de exposições.

4.2 Palestras e oficinas

As instituições educacionais, para responder aos anseios da sociedade hodierna, caracterizada pela dinamicidade e sustentada na democracia, exige uma prática pedagógica aberta à reflexão, possibilitando aos estudantes contato com o mundo material pesquisado, através de oficinas, onde a experiência particular sobre o estudado possa ser posta em prática, a partir do conhecimento adquirido durante as palestras, leituras, vídeos, etc.

Este é intuito da Lei 9394/96 que estabelece novos critérios para a organização do ensino escolar, através dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e os Temas Transversais, possibilitando a inserção de conceitos mais amplos como: ética, saúde, orientação sexual, cidadania, pluralidade cultural e meio ambiente. (Farias, 2000)

Não restam dúvidas que discussão e o debate exercitam os alunos para a liderança e para a independência intelectual e não para a subordinação, incompatíveis com a democracia, o crescimento da ciência e da auto-estima. (Castanho, 1998)

"...para ser séria, gratificante e inovadora necessita criar um espaço para a vivência, a reflexão e a construção de conhecimentos. Não é somente um lugar para aprender fazendo; supõe, principalmente, o pensar, o sentir, o intercâmbio de idéias, a problematização, o jogo, a investigação, a descoberta e a cooperação" (Vieira e Volquind, 2000:12)

Este tipo de prática tem resultados rápidos e duradouros pois está sustentado na experiência individual, que passa pelo conhecimento amplo do problema e pela internalização, através da interação com o mundo conhecido.

4.2.1 “Projeto Tambá- Ki: a importância da preservação de nossos sambaquis”

O presente projeto, desenvolvido pela professora Adriana Valgas Guedes Santos, na Fundação Bradesco – Escola de Laguna/SC, tem por objetivo problematizar o vínculo existente entre os artefatos arqueológicos e a cultura de uma determinada sociedade, proporcionando aos alunos das quintas séries do Ensino Fundamental um exercício bastante rico ao conectar diversas perspectivas sobre um objetivo: histórica, científica, cultural e artística, avaliando os limites e as potencialidades sobre a abrangência da Educação Patrimonial articulada à construção da cidadania.

Segundo a autora do projeto, os objetivos do projeto, que vem sendo aplicado desde 1999 consistem em:

- Possibilitar através do estudo do meio, da sensibilização, do conhecimento e da vivência, uma reflexão sobre a preservação dos sambaquis, de importância fundamental para o registro e a sobrevivência de nossa História.

- Compreender a pré-história brasileira, compreendendo a importância da arqueologia e as evidências testemunhais do período.
- Compreender as formas de vida dos antigos habitantes : nas cavernas, no litoral e no interior, relacionando-as com a vida atual.
- -Identificar na visita aos sambaquis os vestígios arqueológicos da pré-história brasileira.
- -Analisar as condições ecológicas que favoreceram a fixação das populações primitivas nesses lugares.
- Desenvolver habilidades tais como: observação, organização de dados, trabalho em grupo, diferentes formas de expressão, utilização de instrumentos específicos, e muitos outros, superando assim os limites convencionais de uma aprendizagem de conteúdos específicos.
- Compreender a natureza e o homem como seres historicizados, envoltos num contexto e em uma paisagem.
- Provocar no aluno o confronto entre o que imaginavam, aquilo que estudaram com antecedência, com aquilo que a realidade apresenta enquanto materialidade, com suas contradições dinâmicas.
- Instigar os alunos a aceitarem a diversidade de interpretações sobre uma mesma realidade, tirando suas próprias conclusões.
- Conhecer os dramas de uma paisagem, que contribuíram para que determinado espaço assumisse a configuração em que se encontra atualmente.
- Destacar que em Laguna encontram-se um dos maiores sambaquis do mundo, embora as escavações arqueológicas tenham abrangido apenas áreas insignificantes, em confronto com o volume total daqueles dois imensos monumentos arqueológicos.

- Ressaltar a importância dos achados arqueológicos para a reconstrução dos modos de vida dos grupos humanos que por ali passaram em diferentes épocas. Santos (2001)

As atividades desenvolvidas no decorrer das oficinas consistem em:

- Oficinas Arqueológicas: onde se analisam *artefatos do presente*, realiza-se a *Reconstituição de cerâmicas* e constatação a problemática em torno da *destruição dos sítios*.
- Estudo de textos: são trabalhados os seguintes textos - O presente do Passado (Edna June Morley); Os primeiros habitantes do Brasil (Norberto Luiz Guarinello) e Laguna e a pré- história (Pe. João Alfredo Rohr)

Os passos seguintes consistem em:

- Palestra com arqueólogo e geólogo
- Visita a Exposição Arqueológica Pe. João Alfredo Rohr
- Saída de Campo ao Sambaqui
- Análise de vídeos sobre a pré-história brasileira
- Murais informativos
- Painel de fotos das saídas de campos e dos alunos realizando as oficinas
- Confecção de maquetes sobre o trabalho do arqueólogo, dos sambaquis, dos artefatos do homem do sambaqui
- Exposição dos trabalhos realizados durante todo o projeto (Santos, 2001)

A natureza e a dinâmica empregadas no desenvolvimento do projeto, onde os alunos são estimulados a trazer para as aulas curiosidades, produzindo decalques de músicas, poemas, entrevistando e socializando seus conhecimentos com a comunidade, garantem grande envolvimento dos alunos com os objetivos propostos.

... " Ah! Minha amada Laguna

Ah! Vales mais que fortunas

Tens belezas incalculáveis

Mas os sambaquis não são renováveis

E temos que eles preservar....

Ah! Se todos soubessem

Que o sambaqui

È um patrimônio

De nosso país

E conta a história

De um povo feliz...

De um povo feliz..."

(Decalque de música- : Alunas Mayara e Priscilla –5ª série - 2000)

O Projeto Tambá-ki despertou o desenvolvimento da investigação científica a partir de uma ótica de conjunto, na busca e o contexto em que eles estão inseridos, assim como a formação de uma consciência de preservação, onde o bem arqueológico é entendido com um caráter universal uma vez que revela dados importantes sobre o passado da humanidade. (Santos, 2001)

4.2.2 – Sambaqui e arqueologia: uma atividade em sala de aula⁹

A experiência aqui descrita foi realizada pelo estudante de Graduação em História da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, professor do Ensino Fundamental e Médio e membro do NUPEP – Núcleo de Pesquisa em Educação Patrimonial – UNISUL. Sobre as práticas adotadas em sala de aula com os alunos do Ensino Fundamental, merece destaque a importância da interdisciplinaridade e da transversalidade. Nos parâmetros curriculares (1998:29),

“interdisciplinaridade e transversalidade se fundamentam na crítica de uma concepção do conhecimento que torna realidade como conjunto de dados estáveis, sujeitos a um ato de conhecer isentos e distanciados. Ambas apontam a complexidade do real e a necessidade de se considerar a teia de relações entre seus diferentes e contraditórios aspectos. Mas difere uma da outra, uma vez que a interdisciplinaridade refere-se a uma abordagem epistemológica dos objetos de conhecimento, enquanto a transversalidade diz respeito principalmente à dimensão da didática.

A atividade desenvolvida com as crianças do ensino fundamental, na Escola Básica José Antunes Matos, na localidade de Pindotiba no município de Orleans, SC, o trabalho foi dividido em diversas etapas.

Primeiro – Organização: foi estabelecido com os professores das diversas áreas do conhecimento, as estratégias do trabalho e de como cada um poderia contribuir para

⁹ Trabalho publicado por Alexandro Demathé, no I Encontro Sul-Brasileiro de Educação Patrimonial: educação, preservação e desenvolvimento. Outubro 2001. Tubarão/SC.

com o projeto. Em Ciências iniciou-se com os alunos os estudos sobre malacologia (moluscos – base de formação de um sambaqui), trabalhou-se a identificação de espécies e a possibilidade de seu uso na alimentação, biodiversidade, ecossistema, e gerenciamento de recursos ambientais. Entende-se *que o ensino de ciências, se constitui um processo de alfabetização científica e tecnológica que permitira ao aluno, cada vez mais, estabelecer conexões com os fenômenos naturais, sócio-culturais e, em conseqüência, realizar uma leitura e uma interpretação mais elaborada da natureza e, da sociedade* (SANTA CATARINA, 1998:122) Na disciplina de Geografia foi discutido sobre a ação do homem na natureza, como elemento modificador e transformador, *uma vez que a geografia que deve ser ensinada é a que concebe o espaço geográfico como produção do homem, num processo de construção social que é dinâmico e contraditório* (SANTA CATARINA, 1998:176). Para isso foram utilizadas mapas, escalas, meios de orientação, formas de captação de recursos alimentares, transportes e moradia. Em Educação Religiosa foi privilegiada a diversidade religiosa utilizando os sepultamentos dos sambaquis como forma de expressão de religiosidade. Na disciplina de Educação Artística, discutiu-se e trabalhou-se a arte como expressão cultural, com modelagem em argila, confecção de cartazes, pinturas, entre outros. Em Língua Portuguesa trabalhou-se com a textualidade, a descrição e confecção de relatórios. Na disciplina de História, onde realizou-se a coordenação das atividades, buscou-se fazer a interligação entre as disciplinas. Foram abordadas as relações de produção, relações sociais, diversidade cultural e expressões culturais, utilizando os conhecimentos e atividades trabalhadas pelos outros professores. Dos assuntos específicos, discutiu-se o processo de formação de um sambaqui, conceituação da arqueologia, apresentação do arqueólogo, suas ferramentas e métodos e organização de uma visita monitorada ao sambaqui e uma escavação simulada no pátio da escola.

“Nessa dimensão, na busca de superar o ensino de história enquanto simples repasse de informações, entendemos que o conhecimento histórico é uma construção de vários sujeitos. A que se buscar, através de projetos de pesquisa, uma melhor compreensão do cotidiano das pessoas, possibilitando-lhes a capacidade de se compreenderem enquanto sujeitos da sua história.” (SANTA CATARINA, 1998:161)

Segundo: A prática - Todos os professores utilizaram-se dos recursos que a escola dispunha, livros, textos, fotos, vídeos etc. No caso de História, após algumas aulas expositivas, foram utilizados os *kits* pedagógicos desenvolvidos pelo NUPEP, onde através de desenhos e jogos, propiciou-se para os alunos uma idéia do cotidiano de um sambaqui. Os cartazes ilustram o trabalho, a confecção de utensílios e ferramentas, alimentação, caça, pesca, coleta e mostra a importância de conhecer o ambiente, para o efetivo uso de seus recursos. A partir disso, estabeleceram-se comparações, com as nossas relações atuais, como: trabalho, alimentação, aquisição de recursos, ferramentas e utensílios modernos. Conclui-se que a proximidade com os povos pré-históricos é muito menos distante do que imaginamos.

Em Educação Artística, trabalhou-se com modelagem em argila, onde propomos aos alunos, divididos em equipes, que confeccionassem utensílios e objetos que julgassem importantes para as comunidades sambaquieiras. O resultado foi bastante expressivo, muitos objetos não lembrados em sala de aula foram confeccionados, como: figuras de animais, canoas, etc. Muitos modelaram pilões que, apesar de não terem sido citados nas aulas expositivas. Trata-se de um elemento do cotidiano destes alunos de comunidades rurais. Além destes, muitos outros foram modelados, como: pontas de flecha, arpões, lanças, urnas funerárias, vasos, panelas, mãos de pilão, machadinhas,

miniaturas de índios, potes, ocas e outros. A experiência da modelagem foi bastante positiva, pois além de trabalhar com as crianças a própria arte e suas expressões, possibilitou uma viagem ao passado, onde as crianças olharam com olhos de pequenos sambaquieiros, tendo uma idéia do trabalho e do tempo em que estes dispunham para a fabricação de seus utensílios.

Em sala de aula, com as equipes organizadas, foi proposta a textualização da atividade de modelagem. Cada equipe deveria produzir uma história, utilizando os elementos confeccionados em argila, que após a leitura de seus textos para o restante da turma cada equipe ilustrou sua história com cartazes, onde foram expostos na biblioteca da escola, juntamente com o material do NUPEP.

Terceiro: Visita ao Sambaqui - Ainda em sala de aula, foi discutido o trabalho do arqueólogo, no sentido da preparação antes da ida ao sítio arqueológico, verificando a importância de se fundamentar a visita ao sambaqui. A partir dos conceitos básicos aplicados e trabalhados em sala de aula, foi proposta a elaboração de algumas questões, que seriam respondidas no sambaqui. Partimos da seguinte problematização: O que encontraremos de fato no sambaqui? Muitas questões foram propostas pelos alunos, como: *Quantos tipos de conchas existem neste sambaqui? Qual sua área e altura? O que observamos em sua volta? Onde, provavelmente, coletavam as conchas e caçavam os animais? Onde pescavam? Onde pegavam pedras para a confecção de artefatos líticos? O sítio está preservado? Tem lixo espalhado? Há placa de identificação? Pessoas freqüentemente transitam no sambaqui? Tem vegetação recobrindo o sítio?* Entre muitos questionamentos, estes foram os que mais se repetiram entre as equipes. Todos providos de caderneta de anotação responderam estes questionamentos ainda no sambaqui. Juntamente com as questões, foi proposta que todas as equipes

confeccionassem um croqui da área, mostrando o entorno do sítio, apontando a lagoa, praia, matas etc. Todas as equipes manusearam trenas e bússola. Nesta etapa, devemos tomar o máximo cuidado para que a visita não intervenha e/ou modifique as características iniciais do sítio. Lembrando sempre, que só é permitido a coleta de materiais à arqueólogos credenciados.

Quarto: Escavação Simulada - A escavação simulada é o momento em que as crianças vão de fato, conhecer o trabalho do arqueólogo e, sem dúvida é a que mais causa fascinação entre as crianças. O fato de estarem escavando, seguindo alguns métodos, com ferramentas e utensílios específicos, mostrará um pouco das dificuldades encontradas pelo profissional em arqueologia.

A montagem do "sítio arqueológico" seguiu um roteiro, para que todas as equipes achassem alguns objetos. Escolhemos uma área de aproximadamente 30 m², esta foi limpa e quadriculada, sendo que as quadras mediam 1m por 1m e aproximadamente 25 cm de profundidade. Espalhamos nas quadrículas, os objetos feitos em argila pelos próprios alunos. Alguns deles estavam quebrados e foram espalhados em diversas quadras, afim de promover mais interação entre as equipes. Após a montagem do sítio, recobrimos os objetos com areia, mantendo os barbantes que demarcavam as quadras, facilitando a organização das equipes.

Os componentes das equipes se revezavam nas diferentes funções, alguns peneiravam, outros escavavam, desenhavam e anotavam. A rotação de funções é importante, para que todos passem por todas as etapas do trabalho de campo.

O método utilizado na escavação foi de decapagem por níveis artificiais, que consiste no rebaixamento lento e uniforme da quadra, sendo que à cada nível de 10 cm deveria ser descrito um pequeno relato. Todo o material (sedimentos e areia) retirado

das quadras foi peneirado. Todas as etapas do trabalho foram fotografadas, cada objeto encontrado era desenhado, retirado, embalado e etiquetado, contendo o nome do sítio (SE -I) , quadra e nível que foi coletado. No fim dos trabalhos todas as equipes textualizaram suas experiências, ilustrando a visita ao sambaqui e a escavação simulada.

Quinto: Entendendo alguns conceitos - Arqueologia, paleontologia, história, pré-história, sítio arqueológico, são assuntos interligados, mas por serem pouco discutidos em sala de aula, acabam causando um certo embaraço aos professores e confusão aos alunos. Neste momento, passou-se a discutir estes conceitos com alunos e professores.

A partir dos trabalhos desenvolvidos com os alunos da 6º Série do Ensino Fundamental, da Escola Básica José Antunes Mattos, concluiu-se que, a Educação Patrimonial pode ser uma grande aliada dos professores na escola. Pó outro lado, desperta nos alunos o interesse pela pesquisa, agrega ao ensino atividades provocativas, envolvendo-o ao meio social.

4.3 Exposição itinerante: "Educação patrimonial, arqueologia e preservação dos sambaquis do sul de Santa Catarina – Brasil"¹⁰

Esta exposição, organizada no ano de 1999, a partir das escavações arqueológicas ocorridas no sambaqui Jabuticabeira II no município de Jaguaruna – SC, tornou-se sistemática, atendendo escolas, empresas, museus, feiras e, qualquer espaço de visitação no intuito de levar o conhecimento sobre a formação dos sambaquis para a comunidade em geral. A exposição compreende trinta fotos 20X25 cm coloridas, mapas de localização, pequenos aplicativos multimídia com atividades interativas e com

¹⁰ Citado por Farias, 2000; Farias, 2001.

apresentação dos conceitos de Arqueologia, Pré-História, Sítios Arqueológicos e Educação Patrimonial, além de cinco caixas contendo amostras de fauna malacológica e fauna ictiológica, simulação de um sepultamento, de vestígios de fogueira e de um corte estratigráfico. (Farias, 2001)

Inicialmente com fotos e mapas, recebeu incremento com outros elementos, despertando maior interesse, criando as condições mais adequadas à construção da aprendizagem e, conseqüentemente, a preservação. Os programas de computador produzidos e os computadores instalados incentivaram os alunos a uma maior participação.

"O computador deve ser compreendido como um produto cultural da sociedade e não um elemento com razão de existência própria. Na relação com a informação, o computador proporciona diversas vantagens: estimula inteligências, às vezes não atingida pelas convencionais tecnologias utilizadas no ambiente educacional e social; possibilita simular situações do dia-a-dia, permitir ao usuário a tomada de controle sobre o processo, definindo o tempo, a escolha das informações e a forma de relacionar-se, cria uma maior independência ao sujeito (usuário) sobre o conhecimento (programa)" (Schwengber, 2000 in: Farias, 2001:4).

Posteriormente, o conteúdo da Exposição, passou a integrar o roteiro de palestras e oficinas para professores e alunos das escolas da região, e foi discutido a importância de integrar algumas visitas monitoradas aos sambaquis, geralmente o Jaboticabeira II, origem de parte dos cenários e artefatos da Exposição ou o Sambaqui Garopaba do Sul, por ser o maior e mais conhecido.

A Exposição apresenta a seguinte seqüência: a) formação de um sambaqui; b) trabalho do arqueólogo; c) preservação; d) elementos culturais; e) computadores. Por

isso definiu-se um caminho numerado a ser seguido pelo público. Ao entrar o visitante encontra um pôster com o título da exposição e outro, com breve texto sobre a pré-história regional. Depois tem acesso aos mapas de localização dos principais sítios pesquisados na região de Laguna, Tubarão e Jaguaruna, e as fotografias, que apresentam aspectos de formação de um sambaqui. São ali destacados: a análise dos cortes estratigráficos, demonstrando seu período de intensa ocupação; o trabalho do arqueólogo na preparação do sítio para escavação, limpeza de perfil, coleta de materiais, registros feitos através da fotografia e de desenhos, retirada de sepultamentos etc. aparecem também os causadores dos principais elementos da destruição dos sítios: prática do *motocross*, ação dos curiosos destruindo sepultamentos, arado que corta o sítio para o plantio, aterros de obras, entre outros. A seguir os visitantes puderam observar as vitrines contendo vestígios de sepultamento, fauna malacológica e ictiológica, simulação de fogueira e de corte estratigráfico. Por fim, receberam um folder contendo instruções básicas sobre os sambaquis, assinaram a lista de presença e registraram opinião sobre a exposição. No espaço da mostra, havia dois terminais de computadores, onde as crianças tiveram acesso aos *aplicativos multimídia*. (Farias, 2001)

4.4 Hipermídia

O termo *medium* é definido por Blattner & Dannenberg (1992) como um veículo de informação; por exemplo, papel impresso é um meio. Outros tipos de meios incluem vídeo e áudio.

Esse termo é aplicado aos sistemas que suportam mais do que um meio de saída física, tal como um monitor de computador, vídeo e áudio. Muitas vezes, o termo

multimídia é usado para se referir à combinação de textos e imagens na tela do computador. Embora sejam formas distintas de veículos de informação, a utilização do termo multimídia não é apropriado. Afinal de contas, jornais e revistas impressas possuem textos e imagens e não são consideradas publicações multimídia (Blattner & Dannenberg, 1992).

O termo “Multimídia” refere-se especificamente à apresentação e recuperação de informações feitas com o auxílio do computador, de maneira multissensorial, integrada, intuitiva e interativa. Trata-se da utilização, como o nome já diz, do uso simultâneo de vários meios de abordagem da informação: texto, vídeo, som, gráfico, desenho, animação, locução, trilha sonora, (Chaves, 1991).

Há uma distinção entre os tipos de sistemas de apresentação da informação quanto aos seus atributos: a mídia que varia no tempo (*time-varying media*) ou, como é popularmente conhecida, mídia dinâmica e a mídia que usa telas estáticas (*still-frame media*) ou a chamada mídia estática. Os sistemas de apresentação que variam no tempo usam as mídias dinâmicas: som, vídeo e animação, e os estáticos, apenas texto e imagens. Multimídia é uma nova tecnologia que se utiliza de "multimeios" como forma de comunicação, informação e formação.

O que torna um meio de difusão de informações viável, é o que (Nielsen, 1990) chama de usabilidade. Desenvolvido a usabilidade como um problema particular dentro do contexto mais amplo da aceitabilidade do sistema, tem seu conceito baseado nos seguintes critérios:

- fácil de aprender;
- eficiente no uso;
- fácil de ser lembrado;
- ter poucos erros;

- ser subjetivamente agradável.

Diferente do livro, a hipermídia pode combinar ambas as estruturas organizacionais: hierárquicas e associativas. Se observarmos o livro, percebemos que apresenta um único caminho através de tópicos ou capítulos. As características da estruturação associativa da hipermídia são:

- uma rede de objetos de informação reunidos como nós;
- um conjunto de ligações (*links*) que criam relações entre os nós de informação.

Essencialmente, a hipermídia é a associação de nós de informação conectados uns aos outros por meio de ligações (*links*) para formar redes de informação similar ao hipertexto, acrescentando que os nós podem conter diferentes tipos de informações expressos por meio de vários tipos de mídias: vídeo, áudio, animação, textos, gráficos... Ela integra as diversas formas de mídia numa rede de informações não-seqüenciais.

No que tange à velocidade da renovação do saber e do saber fazer, pode-se dizer que, pela primeira vez na história da humanidade, a maior parte dos conhecimentos adquiridos por uma pessoa no início de sua vida profissional serão obsoletos ao final da sua carreira. Outra observação, estreitamente ligada à primeira, refere-se à nova natureza do trabalho. Cada vez mais, trabalhar é aprender, transmitir e produzir conhecimentos. (Levy, 1993)

O uso da informática para a preservação do patrimônio arqueológico, através de atividades educativas, tem sido utilizado em outros países. Nos Estados Unidos, a Arqueologia é apresentada através de atividades didáticas, propostas nos currículos de escolas públicas, no intuito de resgatar a história de grupos estudados pela Arqueologia.

Wheat & Colón (1998) defendem que a utilização de programas (*games*) são formas dinâmicas de difundir as pesquisas arqueológicas e servem para o público escolar ter acesso as questões concernentes ao patrimônio.

4.4.1 Aprendizagem e a hipermídia

Há paralelos interessantes entre a associatividade da hipermídia e a aparente associatividade da mente humana (Glenn & Chignell, 1992). A natureza cognitiva da mente humana tem sido observada em muitos contextos e tem sido formalizada em modelos de redes da memória humana (Collins & Loftus, 1975). Essa estrutura associativa da mente é muito diferente da linear, usada para organizar livros e propostas curriculares. Entretanto esses autores não defendem que os mecanismos de armazenamento e recuperação da hipermídia representem modelos válidos da memória ou neurofisiologia humana (Glenn & Chignell, 1992).

Uma característica importante, relacionada aos modos de recuperação da informação na memória humana, está na recuperação por associação semântica, uma das supostas heurísticas inerentes ao ser humano. O projeto de uma estrutura hipermídia ou de um hipertexto podem ter similaridades consideráveis à estrutura de rede semântica humana e a heurística de recuperação da informação por associação.

"A memória humana é estruturada de tal forma que nós compreendemos e retemos bem melhor tudo aquilo que esteja organizado de acordo com relações espaciais. Lembremos que o domínio de uma área qualquer do saber implica, quase sempre, a posse de uma rica representação esquemática. Os hipertextos podem propor vias de acesso e instrumentos de orientação em um

domínio do conhecimento sob a forma de diagramas, de redes ou de mapas conceituais manipuláveis e dinâmicos. Em um contexto de formação, os hipertextos deveriam portanto favorecer, de várias maneiras, um domínio mais rápido e mais fácil da matéria do que através do audiovisual clássico ou do suporte impresso habitual." (Levy, 1993)

A noção de *links* pode ser ampliada de tal modo que os nós possam representar informação armazenada de uma variedade de meios diferentes, portanto, interdisciplinar. Assim como o hipertexto, a hipermídia é, ao mesmo tempo, um método de armazenamento e recuperação não-sequencial de dados (*cross-referenced*). Quando esta rede de dados interligados contém gráficos, sons, textos, vídeos e animação, a estrutura resultante é chamada de hipermídia, que incorporando a noção de partes interligadas de informações, permite aos usuários navegar através da rede resultante. A informação é fornecida não só porque está estocada em cada nó, mas também porque os nós ligados uns aos outros formam caminhos por meio dos quais se obtêm informação.

A comunicação do computador com os usuários deve levar em consideração as limitações e as características de ambos. A mente humana é capaz de processar informações através dos diversos canais sensitivos. O aprendizado de novos conceitos e a memória associativa são também características da mente humana. Para que o computador se comunique com as pessoas é necessária a utilização de *softwares* sofisticados que favoreçam essa comunicação (Blattner & Dannenberg, 1992).

4.4.2 O desenvolvimento de aplicação hipermídia

Segundo Chaves (2001), o desenvolvimento de aplicações do tipo hipermídia, por envolver o que na realidade é um sistema de informações, tem, por um lado, aspectos relacionados ao desenvolvimento de sistemas. Contudo, porque inclui gráficos, animações, e, freqüentemente, sons e imagens, seu desenvolvimento tem aspectos também relacionados à produção artística (como, por exemplo, a produção de uma publicação ou de um vídeo).

O processo de desenvolvimento de aplicação hipermídia deve, portanto, acomodar esses dois aspectos. A equipe envolvida deve ser caracteristicamente interdisciplinar, sendo integrada, de um lado, por analistas de sistemas e programadores e, de outro, por *designers*, roteiristas, redatores, artistas gráficos e especialistas em comunicação e mídia. Nela também não podem faltar especialistas na área de conteúdo sobre o qual a aplicação versar. Uma equipe desse tipo requer, portanto, um gerenciamento eficaz e eficiente. Nas palavras de Chaves (2001), a elaboração de um projeto *hipermídia* segue as seguintes etapas, denominados de **Ciclo de Desenvolvimento**: Análise; *Design* (Projeto); Execução; Operação e Monitoração.

4.4.2.1 Análise

É a primeira etapa no planejamento para o desenvolvimento do sistema e parte da definição e da delimitação do problema. Visa mostrar a eficiência do programa desenvolvido no que tange à autoria, na aprendizagem sobre desenvolvimento de consciência de preservação dos sambaquis do sul de Santa Catarina. Os seguintes aspectos norteiam a análise do programa a ser desenvolvido.

a. Natureza do Processo: Que fará o sistema?

Definem-se os procedimentos quanto à forma de comunicação pela qual o sistema será orientado. A perspectiva educacional, referente à teoria de aprendizagem, deve ser observada. É fundamental quando se pretende desenvolver um software educativo, para que a forma com que ocorre a condução do usuário no sistema seja coerente com o que se quer; neste trabalho, é utilizada a teoria de aprendizagem sócio-interacionista.

b. O Conteúdo Veiculado

Refere-se a uma abordagem conceitual da Arqueologia e da Educação Patrimonial no contexto arqueológico. O tipo de sítio que merece destaque, como prevê o tema, é do tipo sambaqui – o mais conhecido na região e objeto de estudo neste trabalho.

c. O Público-Alvo

Corresponde aos estudantes do ensino fundamental de 3^a até 8^a série. Para tanto, o sistema, comprometido com os conceitos científicos inerentes ao estudo, conta com um de glossário que facilita o entendimento da linguagem.

Entende-se que para os alunos menores, o auxílio do professor/tutor facilitará a compreensão, não sendo, portanto, essencial.

d. Estudo da Viabilidade

Parte da primeira etapa do trabalho, o estudo da viabilidade da criação do sistema é outro aspecto fundamental para o sucesso do empreendimento. Vários são os elementos necessários. Destacamos os itens abaixo:

- **Aspectos Técnicos**

Após ter clareza da plataforma, o *software* de autoria ou linguagem de programação passa a ser definida, considerando as exigências para comportar o programa a ser desenvolvido. A estabilidade do programa em relação aos eventuais erros (*bugs*) inerentes a ele ou os possíveis conflitos com o sistema operacional, ou a diferentes versões do sistema operacional, são aspectos essenciais a serem observados.

É necessário, também, observar o perfil dos computadores dos possíveis usuários. Tomando como exemplo o desenvolvimento de um software educativo, é importante que seja um programa “leve”, ou seja, que não exija muito recurso de máquina, pois as escolas utilizam equipamentos de uso convencional e sua atualização não é constante.

- **Aspectos Financeiros**

O planejamento dos recursos técnicos a serem empregados no *software* dependem dos recursos financeiros disponíveis. O próprio sistema de autoria ou linguagem de programação, depende da disponibilidade/custo.

Fica evidente que a incorporação de recursos técnicos devem estar previstos no orçamento, especialmente, quando dependem de contratação de mão-de-obra especializada. A um *software* com finalidade acadêmica, por exemplo, sem previsão de meios advindos de patrocinadores ou resultantes da venda do produto, faz-se necessário o planejamento com inserção de recursos mais simples, atendendo aos objetivos do material sem o “brilho” de tecnologias mais sofisticadas.

- **Cronograma**

O cronograma, como em toda a atividade acadêmica de pesquisa, é essencial para a execução do trabalho dentro de determinado período. Costumeiramente impõe-se

como fator limitador diante da possibilidade de melhorias. Por isso contentamo-nos com a possibilidade do lançamento de versões “melhoradas”, comuns em softwares de qualquer natureza.

4.4.2.2 Design

O sucesso na definição do *design* é fundamental para a boa aceitação do material digital. Divide-se esta temática em *design lógico* e *design físico*. Entende-se por *design lógico*:

a. Análise de Tarefas e Funções

Compreendem as definições referente às tarefas a serem realizadas pelo software e às funções definidas para a ativação dos recursos disponíveis pelo sistema.

b. Análise de Conteúdo

O mapeamento lógico consiste na etapa primordial da análise e consiste na distribuição racional dos conteúdos às somam-se a distribuição dos blocos (*Blocks*), os nós (*Nodes*), os elos de ligação (*Links*) e as trilhas (*Trails*), a fim de orientar, de forma lógica, o exposto na produção digital.

c. O Uso de Mídias

Devido à natureza do recurso hipermídia, é oferecida a possibilidade de seleção da melhor mídia para veicular determinadas informações. Diferente do documento impresso, onde a variação de mídias é restrito, o *software* hipermídia permite a variação de estímulos de acordo com o público-alvo, dá ênfase ao um conjunto de informações

para o qual deve ser dispensada maior atenção e à variação de mídias, tornando o software mais dinâmico aos olhos do usuário.

Além disso, a roteirização (*Story Boarding*) permite a definição de um enredo dinâmico para melhor integrar as mídias, produzindo resultado satisfatório em relação à previsão.

d. A Interface com o Usuário

Este aspecto contempla a comunicação visual, sonora e tátil. A relação do usuário com o produto: Tela (Visual); Alto-falantes (Som); Tela de Toque; Mouse; Teclado; *Joystick*, *Trackball*, *Light Pen*; e outros (Microfones, Câmeras, Outros Sensores), recebimento de entrada de informações, como o botão em terceira dimensão; mudança de cores; som e outros.

As marcações permitem as anotações pessoais da resposta (*feedback*) do sistema para o usuário e o *feedback* do usuário para o sistema. Informações disponíveis em tela de forma interativa como mensagens, anotações públicas, o item “Ajuda” aproximam o usuário com a interface do *software*, facilitando seu entendimento e evitando o tédio ao manipulá-lo.

Pertencem a esta etapa, também, a definição das formas de navegação, menus, ícones (*Icons*), botões (*Buttons*), elos de ligação (*Links*), mapas do conteúdo, listas de materiais afins e os glossários, extremamente importantes na veiculação de uma linguagem científica.

e. O Nível de Interatividade

O nível de interatividade está vinculado diretamente ao público-alvo que se deseja atingir. Para o infantil e infanto-juvenil, um alto nível de interatividade não é

apenas importante, mas fundamental. A necessidade de estímulos para concentração e a facilidade com que se entediam, acusa a exigência de ambientes extremamente interativos. Esta exigência aumenta relativamente quando o conteúdo não é dos mais instigantes para a faixa etária. Dessa forma, com um bom planejamento do roteiro, *design* e articulação das mídias, consegue-se um bom resultado.

e. Formas de Atualização do Material

A atualização do material poderá ser realizada em consequência da depuração dos erros de ordem conceitual, técnica e organizacional. Uma alternativa consiste na criação de um endereço na Internet (site) com as alterações realizadas no *software*. Isto é dificultado quando o usuário não possui meio (programa) ou conhecimento para a edição do programa. Neste caso, a correção e a incorporação de novos elementos ao *software* podem ser garantidos através do lançamento de versões de atualização.

Quanto ao *design físico*, é preciso determinar os equipamentos necessários à operacionalização do *software*, sem dificuldades para concluir as tarefas e sem apresentar erros. A definição sobre o uso do *software* em Redes e tipo de redes devem ser vistas antecipadamente.

4.4.2.3 Execução

A programação é a etapa da estruturação do *software*. Diferenciam-se os processos de acordo com o uso do Sistema de Autoria ou Linguagem de Programação, aplicados. O planejamento detalhado das etapas anteriores é essencial para o sucesso e a agilização dessa programação.

Compreendem, como parte da produção, os seguintes aspectos:

- textos (Títulos e Legendas; Uso de Texto Pré-Existente; A Necessidade de Re-escrever; Texto para Ser Lido (*Script*));
- Gráficos – construção e definição;
- Fotografias - seleção, digitalização; distribuição conforme a temática;
- Animações - construção; inserção nos espaços adequados;
- Sons - distribuição em: Segmentos Falados; Música e Efeitos Especiais;
- Vídeo – digitalização e inserção.

No que se refere à documentação, é necessário providenciar o registro do sistema, garantindo a autoria e evitando compromissos com alterações não autorizadas, por ventura realizadas.

Da mesma forma, faz-se necessária a garantia do registro dos usuários que adquiriram/acessaram ao material de forma lícita, não os confundindo com os usuários que estão utilizando o sistema indevidamente.

4.4.2.4 Operação

Faz parte da etapa de operação a implantação do *software*, possibilitando, o acesso do usuário ao conteúdo do material. Sugere-se, de acordo com o público-alvo ou complexidade do uso do *software*, uma etapa de treinamento dos usuários.

Este treinamento é interessante que seja realizado quando possível, pois repercute de forma qualitativa na maximização do uso do *software*. No sistema formal de ensino, um dos endereços do material aqui produzido contará com uma programação de treinamentos para o seu uso adequado do material.

4.4.2.5 Monitoração

Consiste na etapa posterior à implantação e ao treinamento, à auditoria e à manutenção, para estar-se recebendo críticas e servindo como suporte para os problemas que por ventura surgirem aos usuários, seja por configuração ou dificuldades de uso.

4.4.2.6 Equipe de desenvolvimento

Nesta parte, são apresentados todos os colaboradores - pessoas físicas e jurídicas, indicando ao usuário cada elemento/instituição que contribuiu com a equipe executiva para a realização deste empreendimento.

Podem ser apontadas, neste espaço, questões relativas ao Gerenciamento do Processo de Desenvolvimento e específicas deste projeto.

4.4.2.7 Demonstrações

Por fim, os sistemas de demonstrações, conhecidos por *demos*, são uma forma prática para que os usuários possam conhecer o software, sem comprometimento do uso de má fé em se apossar do material, realização de pirataria, entre outros. Neste trabalho,

tal dispositivo não se fará necessário, pois o objetivo é divulgar ao máximo a temática apresentada, sem custo para os usuários.

CAPÍTULO 5

PROGRAMA “OS SAMBAQUIS DO SUL DE SANTA CATARINA” E ATIVIDADES EDUCATIVAS

Conforme introdução no item anterior, o planejamento detalhado das diferentes etapas de um software é essencial para se atingir os resultados propostos. A articulação das mídias e a implementação do *layout*, para motivar o usuário, sobrepõem a dimensão estética do programa hipermídia. A divulgação do patrimônio arqueológico em ambientes interativos, apresenta-se não como mais uma alternativa e sim, como uma nova concepção na busca de estratégias de sucesso em trabalhos de educação patrimonial.

Além da comprovada eficiência quanto à dimensão cognitiva, articulando-se várias inteligências simultaneamente, o aspecto econômico mostra-se favorável no uso de tais ferramentas. A hipermídia, através da veiculação de páginas na Internet - de alcance mundial e os *CD-ROM's* interativos permitem a concentração de grande quantidade de informações, articuladas de forma não-linear com uso de textos, vídeos, sons, desenhos, fotografias, imagens tridimensionais, entre outras. Há facilidade de se criarem ambientes interativos, explorando o aspecto lúdico, através de jogos educativos que despertam a motivação do usuário em cumprir níveis de pontuação, etc.

5.1 Estrutura de Navegação do Software

Para permitir boa interatividade do usuário com o programa, objetivou-se facilitar ao máximo a navegação, apresentando uma estrutura semelhante ao de uma *home-page*, permitindo acesso direto a qualquer parte do sistema, através do acionamento de *hyperlink*. Evitam-se, assim, esforços desnecessários ao usuário para transpor de determinado ponto do programa e acessar informações localizadas em um outro item do programa.



Na linha inferior, localizam-se os ícones de navegação do programa – além do **Glossário** (como sugere o nome, visa auxiliar o usuário na compreensão de termos e conceitos) e dos **créditos** – a **seta à esquerda** recua uma tela, enquanto que a **seta à direita** avança uma tela. O ícone **central** (forma de X) leva ao fechamento do programa.

FIGURA 11: Navegação do programa I – Fonte: própria

Em caso de utilização de vídeos, optou-se pelo recurso de repetição dos mesmos, sendo interrompidos pela ação do usuário em avançar ou abandonar tal tarefa.

Concernente à parte de **jogos**, optou-se, primeiramente, pelo acesso direto de qualquer parte do programa, não exigindo antes o acesso a todos os conteúdos apresentados no programa. Quanto ao nível desejado, também não é imposto que o usuário siga uma seqüência. No entanto, a partir do momento que acessou qualquer exercício, ele é obrigado a concluí-lo. O objetivo, neste caso, visa responsabilizar o usuário a ficar atento aos conceitos, sendo ao contrário, penalizado a, em alguns casos, dispor de grande número de tentativas para solucionar o problema.

No caso dos exercícios, são apresentados três níveis, sendo que os níveis 1 e 2, bastante acessíveis, privilegiam sobretudo as imagens - adequados para crianças de 3ª série a 6ª série do Ensino Fundamental. O nível 3, de cunho teórico, é próprio a alunos a partir da 7ª série do Ensino Fundamental e exige o domínio satisfatório de alguns conceitos referentes aos sambaquis e à arqueologia em geral.

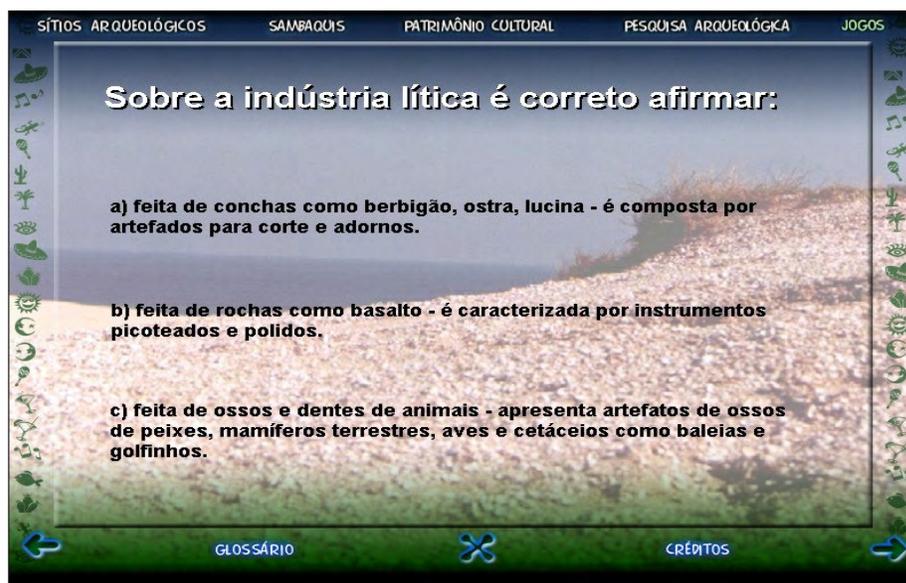


FIGURA 12: Navegação do programa II – Fonte: própria

Ao clicar no item correspondente para abandonar o sistema, é apresentada outra tela para que o usuário confirme a saída, evitando o abandono do programa por motivo acidental.

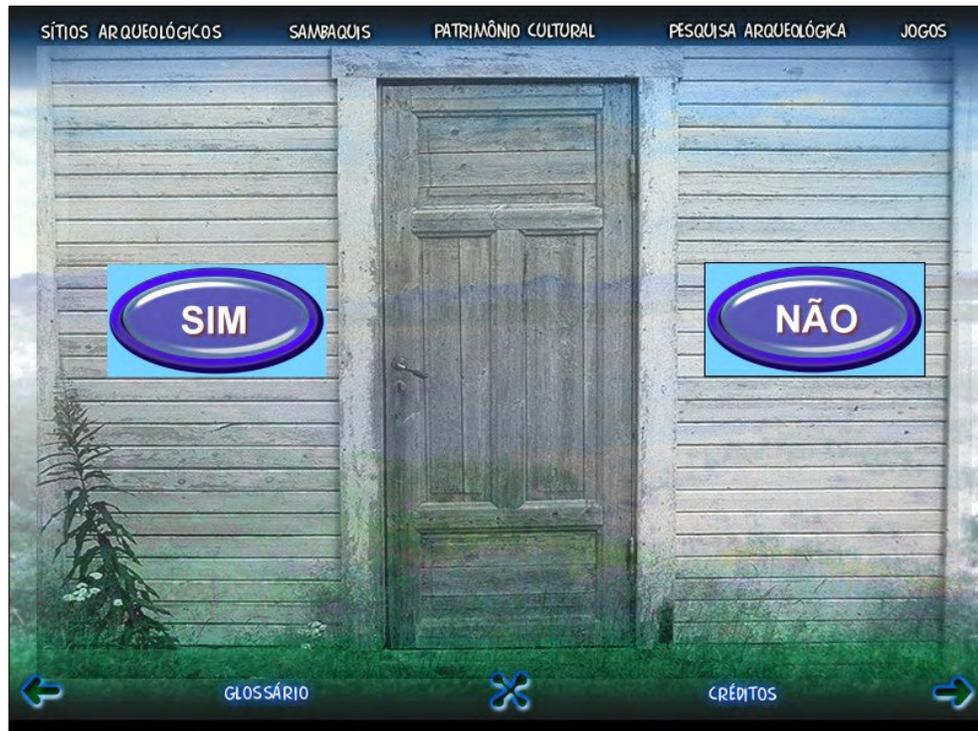


FIGURA 13: Navegação do programa III – Fonte: própria

5.2 Conteúdos desenvolvidos no *software* “Os Sambaquis do Sul de Santa Catarina”

O *software* aqui intitulado, “Os Sambaquis do Sul de Santa Catarina”, inicia definindo sítios arqueológicos (Figura 11). Em seguida, diferencia **sítios arqueológicos pré-históricos** e **sítios arqueológicos históricos**, ilustrando devidamente cada um deles. Destacam-se os sistemas de comunicação entre gerações e as formas com que hoje temos de identificar cada grupo, através dos vestígios/documentos deixados.



FIGURA 14: Sítios Pré-históricos – Fonte: própria

Figura 05



FIGURA 15: Sítios Históricos – Fonte: própria

Sobre a origem dos sambaquis, apresentam-se versões da teoria bíblica do dilúvio, fundamentadas na teoria naturalista do século XIX, defendidas por alguns cientistas, para os quais os sambaquis eram produtos de transgressão e regressão marinha, sendo, portanto, naturais e não construídos pelos homens. Outra corrente de pensamento significativa, o artificialismo, consiste na idéia de que o sambaqui fosse uma construção desses povos, resultado da indolência em depositar restos de alimento e seus mortos em espaços fora do ambiente de moradia, além da teoria mista.



FIGURA 16: Povos Sambaqueiros – Fonte: própria

Destacam-se pesquisas arqueológicas que apontam novas evidências em relação à origem, à idéia de construções ordenadas de um grupo suficientemente adaptado ao *habitat* litorâneo. Quanto à alimentação, através de estudos detalhados da Zooarqueologia, constatou-se serem os peixes a principal fonte alimentar. Além desses, outros dados foram evidenciados. Os estudos em

Antropologia Física detectaram doenças comuns; a Geomorfologia demonstrou os movimentos do mar em relação aos sambaquis; a Antracologia comprovou o tipo de vegetação nativa existente na região, entre outras informações.



FIGURA 17: Indústria Sambaqueira – Fonte: própria

A indústria sambaqueira e a disposição em mapas permitem associar ao usuário a relação matéria-prima/tecnologia, dominada por esses grupos. Os adornos, peças de lítico e outros vestígios comumente são encontrados em museus, coleções particulares ou mesmo na superfície de sítios da região. É importante que, para o olhar dos estudantes e comunidade em geral, tais peças não sejam *curiosidades* das quais se possam apossar qualquer cidadão, ao realizar uma visita a um sítio arqueológico.



FIGURA 18: Indústria lítica - Fonte: própria

Talvez os zoólitos, associados aos sambaquis, sejam as peças mais intrigantes para curiosos e pesquisadores. A raridade, a avançada técnica de confecção e, sobretudo, a dificuldade em associá-los a níveis estratigráficos (emergiam em desmontes de sambaquis, extração de areia, etc.), são motivos de indagações.

Referente a patrimônio cultural, é apresentada uma seqüência de telas, utilizando-se de animações para ilustrar a dimensão desse patrimônio na ação dos indivíduos no ambiente. Por outro lado, deve-se visualizar a importância dos museus com a finalidade de proporcionar o conhecimento e a apropriação do patrimônio.



FIGURA 19: O que é patrimônio cultural? - Fonte: própria

Ainda no tema Patrimônio Cultural, apresentam-se os principais motivos da destruição dos sambaquis, ilustrados com sítios destruídos da região sul de Santa Catarina.

Sugerem-se atividades de capacitação de professores para o reconhecimento da problemática, de atividades pedagógicas com alunos, através de oficinas e da mobilização em torno da sinalização, cercamento e denúncia aos órgãos competentes diante de situações de depredação do patrimônio arqueológico.

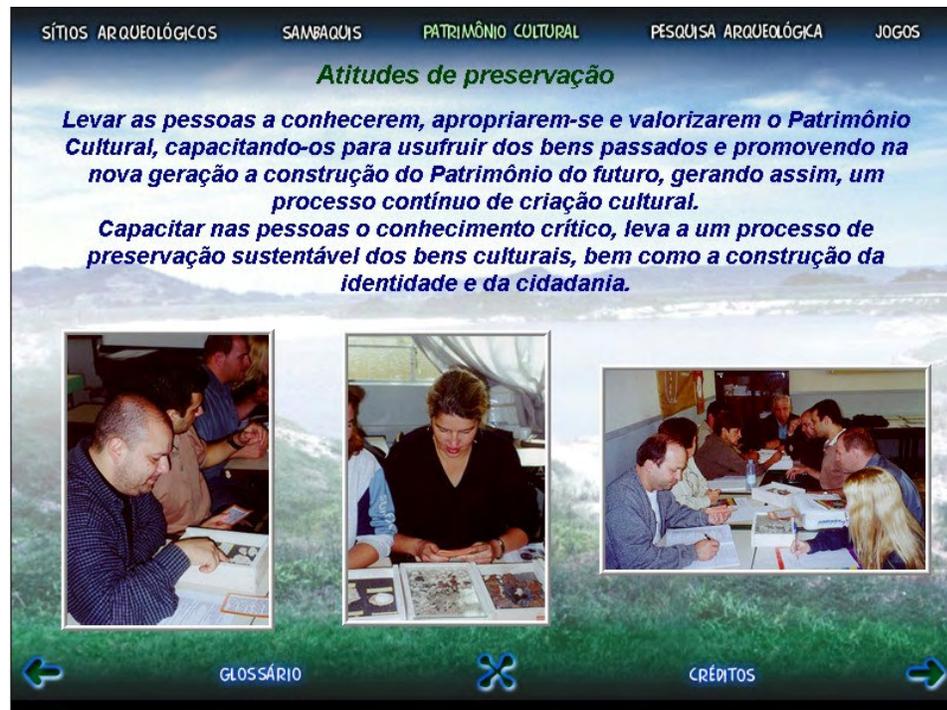


FIGURA 20: Atitudes de preservação – Fonte: própria

Para desmistificar a arqueologia e o trabalho do arqueólogo, evitando constrangimento a ambas as partes, da mesma forma como ocorreu com os outros temas, a arqueologia foi definida e o trabalho do arqueólogo, detalhado em etapas. Este tipo de esclarecimento auxilia a evitar falsas interpretações sobre o trabalho do arqueólogo, que necessita da cooperação da comunidade local para o sucesso das suas pesquisas e, a “derrubada de mitos” facilita a transparência na relação arqueólogo/comunidade, tão cara ao sucesso do empreendimento do pesquisador.

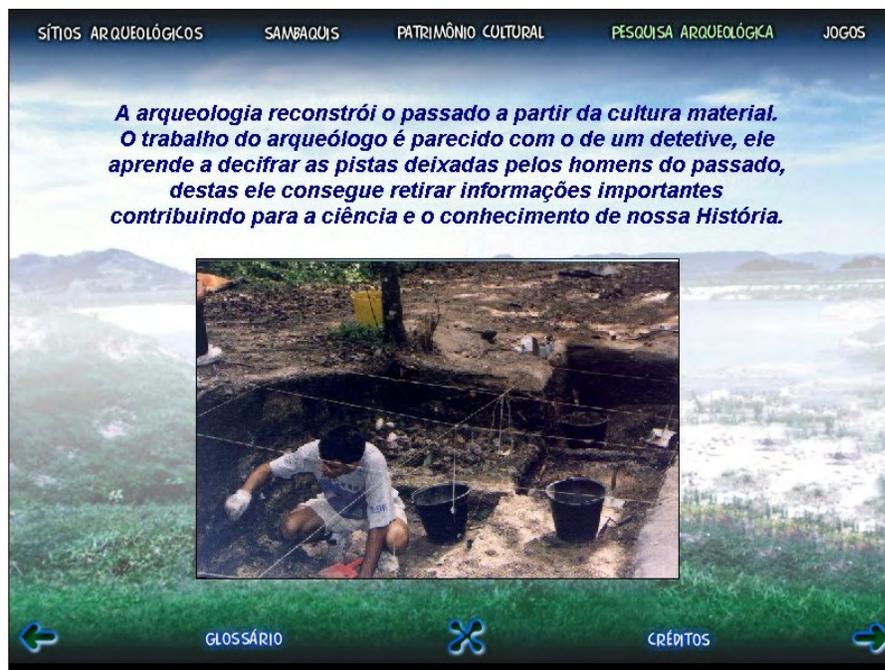


FIGURA 21: Pesquisa arqueológica – Fonte: própria

Ainda sobre a arqueologia, foi destacada no software a atuação dos principais pesquisadores em sambaquis da região sul de Santa Catarina: o Padre João Alfredo Rohr, Anamaria Beck e a equipe da USP/MN/UFRJ e Universidade do Arizona.



FIGURA 22: Pesquisadores – João Alfredo Rohr – Fonte: própria

Recebe destaque a ação do Padre João Alfredo Rohr, pelas suas contribuições à arqueologia, no trabalho incipiente de mapeamento de sítios em todo o Estado de Santa Catarina, na técnica de cimentação dos sepultamentos arqueológicos, entre outros. O que mais marcou a trajetória de João Alfredo Rohr foi a luta contra o desrespeito à Lei 3.924 do ano de 1961, que proibia a destruição dos sambaquis.

No final da década de 1960 e início da década seguinte, por ocasião da implantação do Museu Antropológico Oswaldo Rodrigues Cabral, foi realizada, no litoral de Santa Catarina, a pesquisa de Anamaria Beck, então professora da Universidade Federal de Santa Catarina que estudou a variação cultural dos sambaquis em três regiões, com o intuito de confrontar seus dados. O Sub-projeto I abrangeu a região sul, o Sub-projeto II, a região central e o Sub-projeto III, o litoral norte de Santa Catarina.

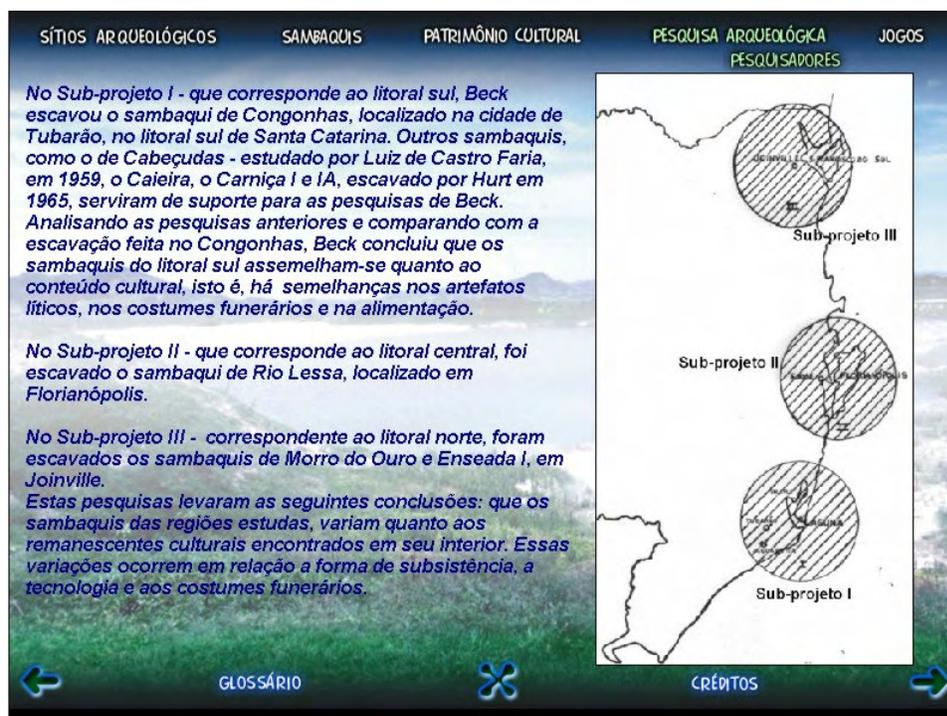


FIGURA 23: Pesquisadores – Anamaria Beck – Fonte: própria

As pesquisas ainda em andamento no município de Jaguaruna estão concentradas no sítio Jaboticabeira II. Este sambaqui está sendo pesquisado por uma equipe da **USP, MN/UFRJ** e Universidade do Arizona. Os responsáveis pelo projeto são: Paulo de Blasis, Maria Dulce Gaspar, Paul e Suzanne Fish, além de outros profissionais que integram o projeto, como Marisa Afonso, Sabine Eggers, Levy Figuti, Daniela Kokler, Marta Lahr e Edna Morley. A pesquisa intitulada “Padrão de Assentamento e formação de sambaquis: arqueologia e preservação em Santa Catarina” tem como região de estudo parte dos municípios de Laguna, Tubarão e Jaguaruna.



FIGURA 24: Pesquisadores – Equipe USP/MN/UFRJ – Fonte: própria

Esta pesquisa, bastante ampla, vai analisar os sítios como um conjunto integrado, avaliando seu ambiente atual e passado; seu processo de formação a partir do estudo das camadas estratigráficas e levantamento topográfico. Os estudos em Zooarqueologia pretendem promover o estudo dos restos faunísticos e investigar os

padrões e as taxas de acumulação das camadas estratigráficas deste sítio, fazendo-se uma amostra de sedimentos coletados em colunas e perfis. A Antropologia Física espera resolver os problemas referentes à demografia, dieta, padrões de nutrição e saúde desse grupo em evidência.

Por fim, os jogos têm por finalidade desafiar o usuário sobre o seu conhecimento diante das questões propostas, além de fixar os principais conceitos abordados pelo software.



FIGURA 25: Jogos educativos – Fonte: própria

O programa de computador, pela interatividade que proporciona, responde bem a necessidade de uma conscientização mais agressiva da sociedade diante da preservação do patrimônio arqueológico do sul de Santa Catarina, especialmente dos sambaquis. Em um mesmo recurso, podem ser associadas diferentes mídias, grande quantidade de informações, ligadas à redução gradativa dos custos de produção. No momento em que

softwares sempre mais acessíveis são oferecidos no mercado, o computador deixa de ser um equipamento de acesso restrito. Tomando-se como exemplo a escola, gradativamente os computadores estão chegando, em ritmo mais rápido do que do aperfeiçoamento dos profissionais que dele farão uso. Portanto, arqueólogos, agentes patrimoniais e educadores poderão encontrar na informática um instrumento eficiente para a difusão das informações.

5.3 Aplicação do programa “Os Sambaquis do Sul de Santa Catarina”

Conforme foi proposto no projeto de pesquisa, a aplicação do programa seria feita na escola da Comunidade de Mato Alto- Tubarão – SC, local onde fora aplicada a pesquisa sobre a relação da comunidade com seus sítios arqueológicos, sambaquis Mato Alto I e Mato Alto II, descritos no item 3.3.

Pela falta de computadores disponíveis aos alunos na Escola de Educação Básica Bertoldo Zimmermann, única unidade escolar da comunidade e por sua estrutura de instalações elétricas não comportarem um número razoável de computadores, os estudantes foram encaminhados para a Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL para interagirem com o programa.

Os alunos envolvidos na atividade foram enquadrados conforme o quesito público-alvo, portanto, de 3^a a 8^a Série do Ensino Fundamental e selecionados através de sorteio realizado na Escola. Infelizmente, apenas um grupo pôde ser contemplado a participar, primeiramente, pelas dificuldades de transporte e horários de laboratório e, por fim, pelas diversas atividades internas e externas em que a Escola está envolvida no período em questão.

Após breve comentário a respeito do objetivo e instruções básicas para o uso do programa (menos de cinco minutos), levando em consideração que a maior parte dos alunos jamais havia tido contato com um computador, os estudantes individualmente passaram a operar o programa com a mínima dificuldade. O item “jogos” foi o mais estimulante, porém o domínio dos conceitos era essencial para a resolução das questões apresentadas nos jogos.

Desta forma, sem estímulo do tipo “Vocês têm de ler o conteúdo”, as crianças e os adolescentes investiram, em média, em torno de 75% do tempo na área do software onde os conceitos eram apresentados, freqüentemente acessando o glossário para o entendimento das questões. O abandono da área de jogos era feito tão logo, as dúvidas surgiam.

O *software* Visual Class foi instalado em versão rede no laboratório acessado pelos alunos; dessa forma, o aplicativo “*relatório*” pôde ser acessado para visualizar o aproveitamento de cada estudante individualmente. Esta modalidade de avaliação pode fornecer o “*score*” de acertos em percentuais de cada indivíduo, do grupo ou de determinado indivíduo em relação ao grupo.

Os estudantes da Escola de Educação Básica Bertoldo Zimmermann submetidos à atividade foram em número de 30 (trinta), divididos em 6 (seis) séries do ensino fundamental, cada série composta de 5 (cinco) alunos:

Série freqüentada	Número de alunos	Faixa etária
3 ^a . Série (terceira série) do Ensino Fundamental	05	8 a 10 anos
4 ^a . Série (quarta série) do Ensino Fundamental	05	9 a 11 anos
5 ^a . Série (quinta série) do Ensino Fundamental	05	10 a 12 anos
6 ^a . Série (sexta série) do Ensino Fundamental	05	11 a 13 anos
7 ^a . Série (sétima série) do Ensino Fundamental	05	12 a 14 anos
8 ^a . Série (oitava série) do Ensino Fundamental	05	13 a 15 anos

GRÁFICO 11: Alunos envolvidos na aplicação do *software* – Fonte: própria

O resultado geral apontou o seguinte desempenho dos alunos quanto ao número de tentativas necessárias para que acertassem as questões propostas:

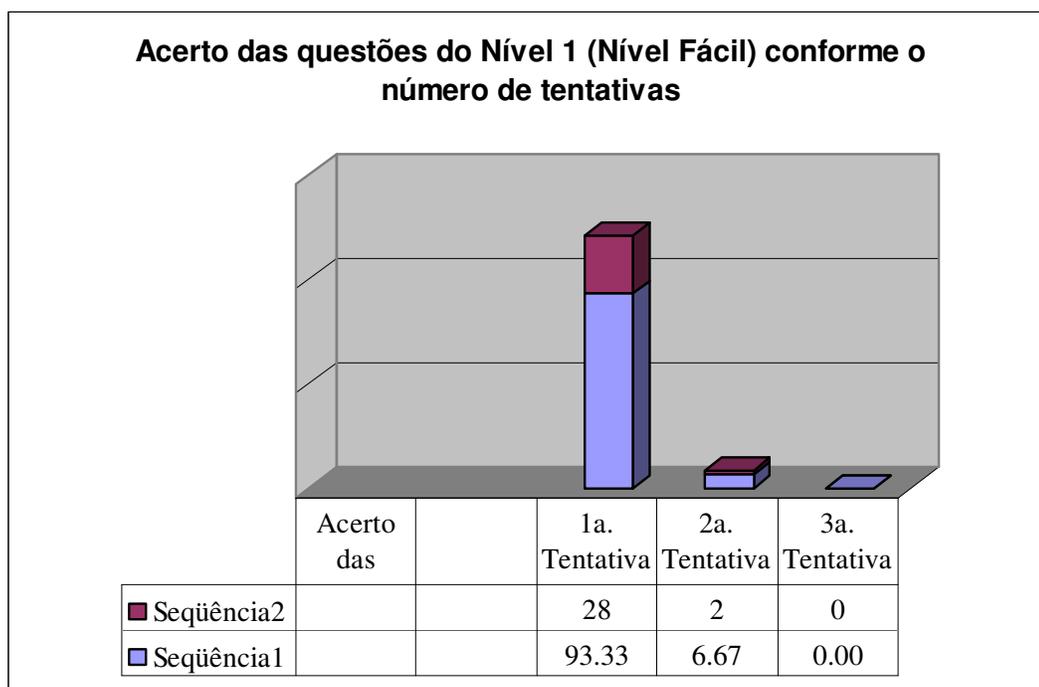


GRÁFICO 12: Acerto das questões do Nível 1 - Fonte: própria – aplicativo relatório do Visual Class

Neste primeiro nível, denominado Nível Fácil ou Nível 1, as questões não exigiam grande domínio conceitual. As atividades sugeriam a percepção dos estudantes para situações concretas, de acordo com o público-alvo definido – terceira e quarta séries do Ensino Fundamental.

No segundo nível, denominado Nível Intermediário ou Nível 2, as situações apresentadas exigem ainda a percepção visual, como nas atividades tipo quebra-cabeças, porém outras do tipo “completar” ou “preencher” exigiram do estudante um conhecimento mais aprofundado em termos técnicos, caracterizações e outros.

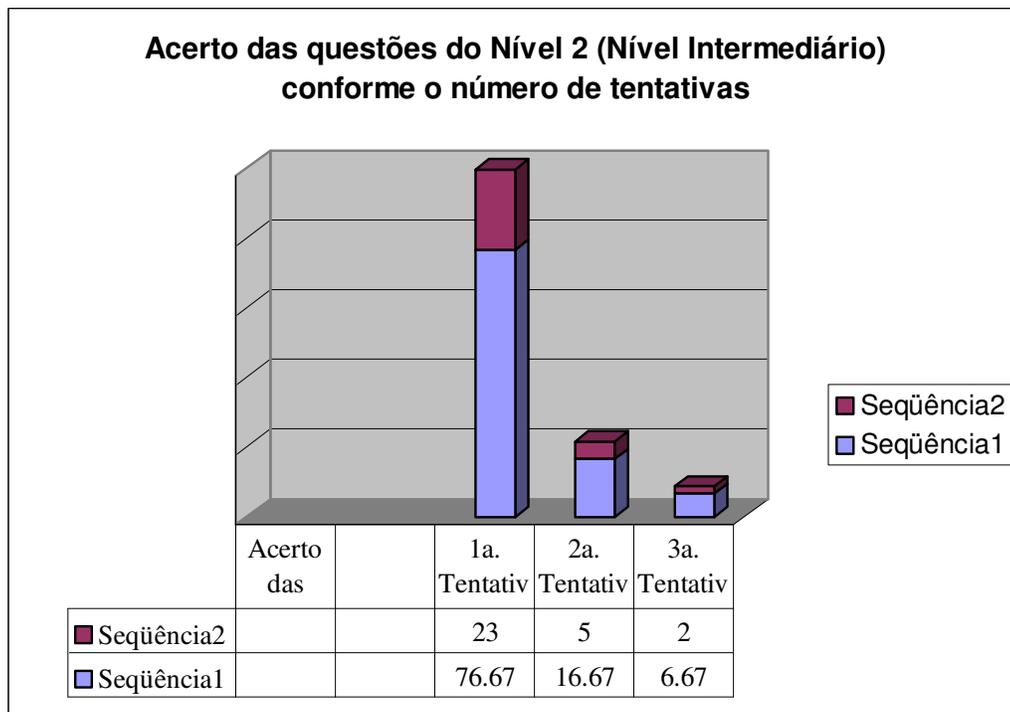


GRÁFICO 13: Acerto das questões do Nível 2 - Fonte: própria – aplicativo relatório do Visual Class

Esse nível de acertos foi surpreendente, levando em consideração a faixa etária envolvida. Na checagem do desempenho individual, percebeu-se que três alunos da quarta série realizaram todas as atividades do Nível 2, sem necessidade de repetir a tentativa. O que, sem dúvida alguma, deve ter contribuído para tal aproveitamento foi a informação inicial de que o sistema estaria gravando seu desempenho. Cabe aqui reforçar o estímulo da pontuação e o *feed back* (resposta) imediata. No CD-ROM, em anexo a este trabalho, pode ser conferido que as questões exigem atenção do usuário, ainda mais quando não tem grande familiaridade com o computador e o tema.

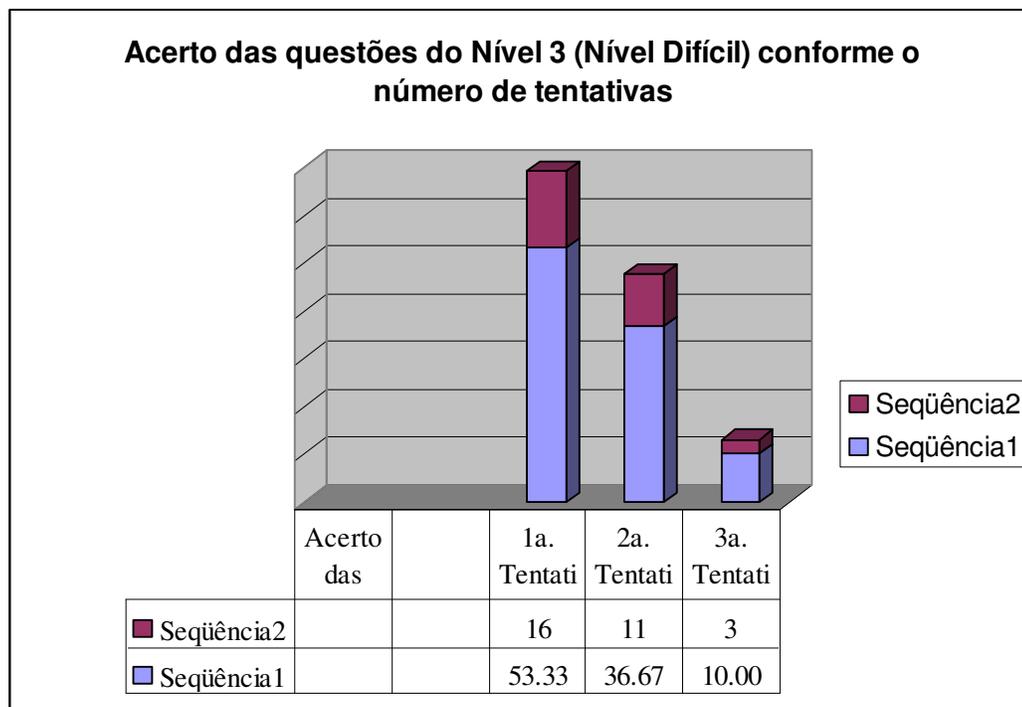


GRÁFICO 14: Acerto das questões do Nível 3 - Fonte: própria – aplicativo relatório do Visual Class

As quinze questões do Nível 3, também denominado Nível Difícil, exigiram dos estudantes reflexão. Questões puramente teóricas apresentaram algumas “pegadinhas” no sentido de chamar a atenção dos alunos para os aspectos conceituais das situações apresentadas.

Além disso, acrescentam-se algumas observações feitas pelos estudantes envolvidos neste trabalho. O aspecto lúdico foi o mais enfatizado pelos que aprovaram a iniciativa. O interesse despertado pelo público envolvido na atividade fez nascer junto ao grupo do Núcleo de Pesquisas em Educação Patrimonial a decisão de criar um programa específico para as escolas da região numa oficina que utiliza a hipermídia para difundir a consciência de preservação dos sambaquis da região sul de Santa Catarina.

Nos depoimentos dos alunos cabe destacar alguns comentários para ilustrar o sentimento dos estudantes. Os alunos da 3^a. Série do Ensino Fundamental Larissa

Gomes Silvério (9 anos), Gabrielle Silva dias (9 anos) e Camila Espíndola Felisardo (10 anos) apontaram o seguinte:

“Gostamos muito, pois aprendemos mais sobre os sambaquis. Gostaríamos de ter uma outra oportunidade. O nosso muito obrigado. E parabéns pela iniciativa.”

A aluna Gabriela Casagrande Costa (14 anos) da 7^a. Série do Ensino Fundamental acrescentou:

“eu achei muito interessante, pois tinha coisas que eu ainda não sabia. Usando o computador fica muito mais fácil aprender estas coisas que as vezes não despertam tanto interesse.”

Manuela G. Marcon (10 anos) da 5^a. Série do Ensino Fundamental enfatizou:

“achei o programa maravilhoso, aprendi muito. Se nós pudéssemos aprender tudo de forma tão dinâmica e legal, seria muito melhor vir para escola.”

Francisca Souza da Silva (15 anos) da 7^a. Série do Ensino Fundamental relatou o seguinte:

“eu achei muito bom, pois me tirou várias dúvidas, e também me ensinou várias outras coisas que eu não sabia. Agora eu sei bem melhor sobre sambaquis. Eu também gostei muito de trabalhar no computador e gostaria que na nossa escola tivesse informática, pois poderíamos aprender muito mais usando computador e aprendendo uns programas inteligentes como esses.”

Várias manifestações orais dos alunos e de professores confirmaram a motivação que o programa gerou para a discussão desta temática. Segundo a professora Márcia Boppré Phillipi, alunos que normalmente se apresentavam apáticos diante das atividades escolares, estavam naquele momento destacando-se junto aos demais, argumentando e defendendo posições diante da preservação dos sambaquis da comunidade de Mato Alto, onde moram com suas famílias. Isto confirma as hipóteses em torno da importância da motivação para a postura preservacionista dos estudantes frente aos sambaquis.

CONCLUSÃO

As questões aqui levantadas, relativas à necessidade urgente de preservação dos sítios arqueológicos do tipo sambaqui, não têm o objetivo, em nenhum momento, de esgotar discussões no tocante às formas empregadas para a preservação dos mesmos. Antes, faz parte de um esforço para ampliar os horizontes no sentido de se pensar em formas mais eficientes, de fácil divulgação, minimizando custos e agregando comunidades acadêmicas e locais no compromisso conjunto de preservação e conservação desse patrimônio arqueológico tão vasto, apesar dos níveis de destruição. Ao aplicar o *software* em parte deste trabalho, foi possível verificar ser opção viável, que poderá ser melhor explorada na preservação de outros tipos de sítios arqueológicos, de outra natureza e em outros lugares.

Algo debatido neste trabalho e que não pode ser perdido de vista, é a necessidade urgente de ampliar a difusão do resultado da pesquisa arqueológica junto às comunidades pesquisadas, o que, na verdade, justifica o papel social da Arqueologia. Foi perceptível a deficiente relação da pesquisa arqueológica com o reconhecimento das comunidades locais o seu patrimônio histórico. Insistimos neste aspecto por entender que os moradores próximos aos sítios têm as melhores possibilidades de contribuir para que o processo de destruição seja evitado. O sucesso na preservação dos sítios arqueológicos depende, por conseguinte, da ação conjunta e respeitosa entre os órgãos

competentes, os pesquisadores e as comunidades locais. A não cooperação de alguma das partes diminui significativamente o sucesso do empreendimento.

Apesar de o processo de destruição não ter sido estacionado, a redução do ataque ao patrimônio arqueológico na região mostra que as iniciativas de educação patrimonial, o aumento da difusão das pesquisas e coibição legal, se ainda não estão resolvendo, amenizam o impacto das ações de vândalos. Por outro lado, temos que ter clareza de que a via educacional, talvez a mais eficiente, não é imediata e passa por um processo de “aprendizagem cultural”: reconhecer este patrimônio como seu. A identificação do indivíduo com o patrimônio é necessária à preservação. É fundamental que represente algo e não seja apenas uma “obra monumental” declarada como patrimônio.

Concluindo, é necessário frisar que as pretensões aqui abordadas façam parte de um processo que deverá contribuir para a reflexão.

REFERÊNCIAS

ABREU, Sílvio Fróes de. **A importância dos sambaquis no estudo da pré-história do Brasil.** Revista da Sociedade Geográfica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1932.

ABREU, Sílvio Fróes de. **Sambaquis de Imbituba e Laguna.** Revista da Sociedade Geográfica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1928b.

AFONSO, Marisa Coutinho. **As Exposições de Arqueologia e o trabalho interdisciplinar.** In: Ciências em Museus, São Paulo, 1992.

AFONSO, Marisa Coutinho; DE-BLISIS, Paulo A. **Aspectos da formação de um grande sambaqui:** alguns indicadores em Espinheiros II, Joinville. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 1994.

APPLE, Michael W. **Conhecimento Oficial:** a educação democrática numa era conservadora. Petrópolis: Vozes, 1997.

ARAÚJO, Rubens Vidal. **Os jesuítas dos 7 Povos.** Porto Alegre, 1986.

BACKHEUSER, Everardo. **A faixa litorânea do Brasil Meridional de ontem e hoje.** Rio de Janeiro, Berbard Frires, 1918.

BAIOTO, Rafael et al. **São Luiz Gonzaga e São Lourenço Mártir.** Porto Alegre: Martins Livreiro, 1998. (ver esta)

BARBOSA, Márcia. Reconstituição espacial de um assentamento de pescadores-coletores-caçadores pré-históricos no Rio de Janeiro. In: TENÓRIO, Maria Cristina. (org.). **Pré-História da Terra Brasilis, Rio de Janeiro**, Ed. UFRJ, 1999. (ver)

BARBOSA, Márcia et al. **A organização espacial das estruturas habitacionais e distribuição dos artefatos no sítio Ilha da Boa Vista I, Cabo Frio, RJ.** Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 1994

BARRETO, Cristiana. **A construção de um passado pré-colonial:** uma breve história da Arqueologia no Brasil. Revista da USP, São Paulo, 2000.

BATE, Luis Felipe. **El Proceso de investigación en Arqueología.** Barcelona: Crítica, 1998.

BECK, Anamaria. Os sambaquis da região do litoral de Laguna – SC, In: DUARTE, Paulo. (ed.) **O Homem Antigo na América**. São Paulo: Instituto de Pré-História, USP, 1971.

BECK, Anamaria. **A variação do conteúdo cultural dos sambaquis litoral de Santa Catarina**. (tese de doutorado). UFSC: Florianópolis, 1972.

BECKER, Ítala I. Basile. **Os Índios Charrua e Minuano na Antiga Banda Oriental do Uruguai**. Dissertação (Mestrado em História), Curso de Pós-Graduação em História/Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 1982.

BELTRÃO, Maria da Conceição de M. Coutinho; KNEIP, Lina Maria. **Arqueologia dos Estados do Rio de Janeiro e Guanabara, linhas de pesquisas**. Pesquisas (Antropologia), São Leopoldo, 1969a.

BELTRÃO, Maria da Conceição de M. Coutinho; KNEIP, Lina Maria. **Escavações estratigráficas no Estado da Guanabara**. Pesquisas (Antropologia), São Leopoldo, 1969b.

BELTRÃO, Maria da Conceição M. Coutinho; FARIA, Edina G. **Acampamento tupiguarani para a coleta de moluscos**. Revista do Museu Paulista, São Paulo, 1970.

BERNARDI, Mansueto. **Missões, Índios e Jesuítas**. Vol. 7, Porto Alegre: Livraria Sulina, 1982.

BERNARDI, Mansueto. **O Primeiro Caudilho Rio-Grandense Fisionomia do Herói Missioneiro Sepé Tiaraju**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

BEZERRA, Francisco O. da Silva; GOMES, Antônio Francisco Teixeira Machado & SARAIVA, Francisco Luiz L. **Sambaqui Arapuan (Magé, RJ) Nota Prévia**. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Arqueologia, 1979.

BIGARELLA, João José. **A propósito da bibliografia dos sambaquis de Santa Catarina**. Boletim Paranaense de Geografia, Curitiba, 1966.

BIGARELLA, João José. **Contribuição ao estudo dos sambaquis no estado do Paraná**. I Regiões adjacentes às baías de Paranaguá e Antonina. Arqueologia, Biologia e Tecnologia, Curitiba, 1951.

BIGARELLA, João José. **Nota Prévia sobre a composição dos sambaquis do Paraná e Santa Catarina**. Arqueologia, Biologia e Tecnologia, Curitiba, 1949.

BIGARELLA, João José. **Nota prévia sobre os depósitos conchíferos da pedra de Guaratiba, Distrito Federal**. Arqueologia, Biologia e Tecnologia, Curitiba, 1952.

BIGARELLA, João José. **O sambaqui da Ilha dos Ratos**. Anhembi, São Paulo, 1959.

BIGARELLA, João José. **O sambaquis na evolução da paisagem litorânea sul-brasileira**. Boletim Geográfico, Rio de Janeiro, 1962.

- BIGARELLA, João José. **Os sambaquis na evolução da Paisagem litorânea.** Arqueologia, Biologia e Tecnologia, Curitiba, 1954.
- BIGARELLA, João José. **Variações Climáticas do Quaternário Superior do Brasil e sua datação radiométrica pelo método Carbono 14.** Paleoclimas, São Paulo, 1971.
- BINFORD, Lewis R. **Archaeology as Anthropology.** American Antiquity, Vol. 28. Salt Lake City, 1962.
- BINFORD, Lewis R. **En Busca del Pasado:** descifrando el registro arqueológico, Barcelona: Editorial Crítica, 1988.
- BISCHOFF, Theodoro. **Sobre os sambaquis do Estado do Rio Grande do Sul.** Revista do Archivo Público do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1928.
- BLATTNER, M. M. , Dannenberg, R. M. **Multimedia interface design.** New York : ACM Press and Addison-Wesley Publishing Company, 1992.
- BOLLE, Willi. Texto I. Ciclo de Palestras Cultura Patrimônio e Preservação. 11-23. In: ARANTES, Antônio Augusto (org.). **Produzindo o Passado:** estratégias de construção do patrimônio cultural. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BRASIL, Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília,DF: Senado, 1988. (**ARTIGO 126**)
- BRASIL. Lei Federal 3924 de 1961.
- BRASIL. Relatório DNPM 818.388, 1968.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Terceiro e Quarto ciclos: apresentação dos Temas Transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** História e Geografia. Brasília, MEC/SEF, 1997.
- BROCHADO, José Proenza et al. **Arqueologia brasileira em 1968:** um relatório preliminar sobre o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, 1969.
- BRUNO, Maria Cristina. **A museologia a serviço da preservação do patrimônio arqueológico.** Revista de Pré-História, São Paulo, 1984.
- BRUNO, Maria Cristina; NEVES, Walter Alves. **Ossos Para o Ofício:** Proposta, Execução e Avaliação de uma exposição temporária. In: Ciências em Museus, São Paulo, 1989.
- BRUXEL, Arnaldo. **Os Trinta Povos Guaranis.** 2º Ed. Porto Alegre: Est, Nova Dimensão, 1987.

CAGNONE, L.G. et al. **Exposion arqueologico-didactica “Carcaraña conoce su pasado?”** In: ENCONTRO DE ARQUEOLOGIA DEL LITORAL. Fray Bentos. Anais, Fray Bentos, 1996.

CAMARGO, Haroldo L. **Turismo e patrimônio cultural no Brasil:** impasses para a construção de uma “metodologia nacional” para o inventário de atrativos culturais. In. IV JORNADAS NACIONALES DE INVESTIGACIÓN Y EXTENSIÓN EN TURISMO, 2001, Posadas/Misiones (ARG), 2001.

CAPANEMA, Guilherme Schuch. **Os sambaquis.** Ensaios de Sciencia por Diversos Amadores, Rio de Janeiro, 1876.

CARDIM, Fernão. **Tratado de terra e gente do Brasil.** Rio de Janeiro: Ed. J. Leite e Cia, 1925.

CASTANHO, Maria Eugênia L. R. Da discussão e do debate nasce a rebeldia. 89-101. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Técnicas de Ensino:** por que não? (org.). 7ª ed. Campinas: Papirus, 1998. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)

CATALDO, D. M. (org.). **Geografia do Brasil – Grande Região Sul.** Rio de Janeiro: Biblioteca Geográfica Brasileira – IBGE, 4(18). 1963.

CAVELLINI, Suzana. Arqueologia y educacion: experiencias y reflexiones. In: CONGRESSO NACIONAL DE ARQUEOLOGIA URUGUAYA, 8. Montevideo. Anais, Montevideo, 1994.

CHAUÍ, Marilena. Política cultural, cultura política e patrimônio histórico. 37-46. In: **O direito à memória:** patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: Departamento de Patrimônio Histórico, 1992.

CHAVES, E. P. C. **Multimídia :** conceituação, aplicações e tecnologia. Campinas, SP : People Computação, 1991.

CHILDE, Gordon. **Introdução à Arqueologia.** 2 ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 1977. (Coleção Saber).

CLARK, G. **A identidade do homem:** uma exploração arqueológica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural.** Florianópolis: Ed.UFSC, 1999.

COLLINS, A. M., LOFTUS, E. **A spreading-activation theory of semantic processing.** Psychological Review. p. 407-428,1975.

COSTA, A. **Introdução à Arqueologia Brasileira e História.** 4 ed. Rio de Janeiro: Cia. Ed. Nacional, Série Brasiliana, 1938.

CREMA, Roberto & D’AMBRÓSIO, Ubiratan. **Rumo à nova transdisciplinaridade:** sistemas abertos de conhecimento - 2. ed. São Paulo: Summus, 1993.

CUNHA, E. M.; CUNHA, M. S. **Abrasões dentárias no homem dos sambaquis.** Revista Sindicato de Odontologia do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1960.

CUNHA, E. Salles. **Patologia Alvéolo dentária do homem dos sambaquis de Vitória.** Revista de Farmácia e Odontologia, Rio de Janeiro, 1963.

CUNHA, E. Salles. **Patologia odonto maxilar do homem dos sambaquis.** Revista Brasileira de Odontologia, Rio de Janeiro, 1959.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Educação matemática: da teoria à prática - 3. ed.** Campinas: Papirus, 1997.

DE-BLISIS, Paulo A. et al. **Padrões de Assentamento e formação de sambaquis em Santa Catarina.** Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 1998a.

DE-BLISIS, Paulo A. et al. **Some references for the discussion of complexity among the sambaqui moundbuilders from the southern shores of Brazil.** Revista de Arqueologia Americana, Rio de Janeiro, 1998b.

DE-BLISIS, Paulo A. et al. **Projeto Arqueológico do Camacho (Padrões de Assentamento e formação de sambaquis em Santa Catarina):** As campanhas de 1998 e 1999. PROCESSO FAPESP Nº 98/8114-3, Relatório Final, São Paulo. 1999.

DE-BLISIS, Paulo. A.; GASPAR, Maria Dulce. **Registro arqueológico e paleonutrição em sambaquis.** In: CONGRESSO LATINO AMERICANO DE ANTROPOLOGIA BIOLÓGICA, 3. Rio de Janeiro. Resumos, Rio de Janeiro, 1994.

DEMARTINI, Célia Maria Cristina. **Arqueologia e comunicação:** algumas propostas para o Baixo vale do Ribeira. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), FFLCH – USP, 1997.

DMITRUK, Hilda Beatriz. **Material para a Série Interdisciplinar do Centro de C. Humanas e Sociais.** In: I CONGRESSO SUL BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL. Tubarão. Anais, Tubarão – SC, 2001.

DUARTE, Paulo. **Os sambaquis visto através de alguns sambaquis.** Pré-História Brasileira. Instituto de Pré-História da USP. SP. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA PELO PROGRESSO DA CIÊNCIA, 19. Anais, São Paulo, 1968.

EMPERAIRE, J.; Emperaire A. **Sambaquis brésiliens et amas de coquiles fuégiens.** 165-178. In: Miscelania Paul Rivet Octogenário Dicata, Mexico: Universidade Nacional Autônoma, 1958.

EMPERAIRE, Joseph & EMPERAIRE, Anette. **Indústria da pedra dos sambaquis.** Arqueologia, Curitiba, 1959.

FARIA, Luis de Castro. **A formulação do problema dos sambaquis.** In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS, 31. São Paulo. Anuário Anhembi, São Paulo, 1955.

FARIA, Luis de Castro. **Dez anos após a primeira Reunião Brasileira de Antropologia**. Revista do Museu Paulista, São Paulo, (14):19-37. 1963.

FARIA, Luis de Castro. **Domínios e fronteiras do saber: a identidade da arqueologia**. Dédalo, São Paulo, 1989.

FARIAS, Deisi Scunderlick Eloy de. **Arqueologia e Educação: uma proposta de preservação para os Sambaquis do sul de Santa Catarina (Jaguaruna, Laguna e Tubarão):** Dissertação (Mestrado em História), Curso de Pós-Graduação em História/Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

FARIAS, Deisi Scunderlick Eloy de. **Arqueologia e Educação: uma proposta de preservação para os sambaquis do Sul de Santa Catarina (Jaguaruna, Laguna e Tubarão)**. Porto Alegre, PUC-RS. Dissertação de Mestrado, 2000.

FARIAS, Deisi Scunderlick Eloy de; SCHWENGBER, Valdir Luiz. **Educação Patrimonial: Experiência de uma itinerância**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS IBERO-AMERICANOS, 4. PUC-RS, Anais, Porto Alegre, 2000.

FARIAS, Deisi Scunderlick Eloy de. **O trabalho de Educação Patrimonial no contexto arqueológico**. In: I CONGRESSO SUL BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL. Tubarão. Anais, Tubarão – SC, 2001.

FARIAS, Kelson Adriani de. **Estado Novo, ideologia e memória: um estudo de caso do monumento a Getúlio Vargas, Laguna/SC**. Monografia (Graduação em História) Centro de Ciências Humanas de Letras e de Artes, Universidade do Sul de Santa Catarina, UNISUL, 2000.

FERNANDES, J. R. O. **Educação Patrimonial e Cidadania: uma proposta alternativa para o ensino de História**. Revista Brasileira de História, São Paulo, 1993.

FIGUTI, Levy. **O homem pré-histórico, o molusco e o sambaqui: considerações sobre a subsistência dos povos sambaquieiros**. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 1993.

FIGUTI, Levy. **Sambaquis: quando um monumento não parece um monumento**. Debates Sócio Ambientais, São Paulo, 1999.

FIGUTI, Levy. Economia/alimentação na pré-história do litoral de São Paulo. In: TENÓRIO, Maria Cristina. (org.). **Pré-História da Terra Brasilis**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1999.

FLORES, Moacyr. **Colonialismo e Missões Jesuíticas**. Porto Alegre: Est, 1983.

FLORES, Moacyr. **Reduções Jesuíticas dos Guaranis**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

FOSSARI, Teresa Domitila. **A Indústria óssea na Arqueologia Brasileira: estudo piloto do material de Enseada – SC e Tenório – SP**. Dissertação (Mestrado em

Arqueologia), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985.

FRANCH, José Alcina. **Arqueología Antropológica**. Madri: Akal, 1989.

FREIRE, Cristina. **Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo**. São Paulo: SESC/Annablume, 1997.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia – saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREITAS, Décio. **O Socialismo Missioneiro**. Porto Alegre: Movimento, 1982.

FUNARI, Pedro Paulo de Abreu. Brazilian Archaeology: a reappraisal. In: **Archaeology in Latin America**. London and New York: Routledge, 1999.

FUNARI, Pedro Paulo de Abreu. Como se tornar arqueólogo no Brasil. In: **Antes de Cabral: Arqueologia Brasileira – I**. Revista da USP, São Paulo, 2000.

FURET, F. **A Oficina da História**. Barcelona: Gradiva, 1975.

GADOTTI, Moacir. **Diversidade Cultural e educação para todos**. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

GARCIA, C. del R. Levantamento ictiológico em jazidas pré-históricas. In: DUARTE, Paulo (ed.). **Estudos de Pré-História Geral e Brasileira**. São Paulo: Instituto de Pré-História. Universidade de São Paulo, 1969.

GASPAR, Maria Dulce. **O “homem” e o ambiente: um estudo de caso**. In: SIMPÓSIO DE ECOSSISTEMAS DA COSTA BRASILEIRA – SUBSÍDIOS A UM GERENCIAMENTO AMBIENTAL, 3. São Paulo. Anuário Acadêmico de Ciências SP, São Paulo, 1993b.

GASPAR, Maria Dulce. **Espaço e tempo no processo de ocupação dos coletores, pescadores e caçadores que ocuparam o litoral do Rio de Janeiro**. In: REUNIÃO CIENTÍFICA DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA, 7. João Pessoa, Resumos, João Pessoa, 1994a.

GASPAR, Maria Dulce. **Pescadores, coletores e caçadores pré-históricos do litoral sudeste do Brasil: organização social e adaptação ambiental**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS ANTROPOLÓGICAS Y ETNOLÓGICAS, LAS DIMENSIONES CULTURALES Y BIOLÓGICAS DEL CAMBIO GLOBAL, 13. México. Resúmenes, México, 1993a.

GASPAR, Madu. **Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, (Descobrimos o Brasil). 2000.

GASPAR, Maria Dulce. Aspectos da organização social de um grupo de pescadores coletores e caçadores que ocupou o litoral do Estado do Rio de Janeiro. In: ARAÚJO, A. J. G. & FERREIRA, L. F. (org). **Paleontologia e Paleoepidemiologia**. Estudos Multidisciplinares, Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, Série Panorama, 1992.

GASPAR, Maria Dulce. **Considerations of the sambaquis of the Brazilian coast**. Antiquity, Separata, 1998.

GASPAR, Maria Dulce. **Construção de Sambaqui**. In: REUNIÃO CIENTÍFICA DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA, 6. Rio de Janeiro, Resumos, Rio de Janeiro, 1991.

GASPAR, Maria Dulce. **Espaço, Ritos Funerários e identidade Pré-Histórica**. In: REUNIÃO CIENTÍFICA DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA, 7. João Pessoa. Anais Revista de Arqueologia, João Pessoa, 1994b.

GASPAR, Maria Dulce. **Os senhores da costa brasileira**. In: Encontros Lusófonos, Tóquio, Centro de Estudos Luso-Brasileiros, Universidade de Sofia, 2000.

GASPAR, Maria Dulce. Parâmetros Demográficos para a ocupação pré-histórica dos pescadores coletores e caçadores. In: BELTRÃO, M. C. M. C. (org), **Coletânea sobre a Pré-História do Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria de Justiça do Estado, 1995.

GASPAR, Maria Dulce; AFONSO, Marisa Coutinho; DE-BLISIS, Paulo A.; FISH, Paul; FISH Suzanne. How to Build a Landmark with dead people & shell?. In: ANNUAL MEETING OF THE SOCIETY FOR AMERICAN ARCHAEOLOGY, 64. Chicago, Abstract, 1999a.

GASPAR, Maria Dulce et al. **Uma breve História do Projeto de Pesquisa “Padrão de assentamento e formação de sambaquis: arqueologia e preservação em Santa Catarina”**. Revista do CEPA, v. 23. nº 29, Santa Cruz do Sul, 1999b. (ver)

GASPAR, Maria Dulce; BARBOSA, Débora; BARBOSA, Márcia. Análise do Processo Cognitivo de Construção do Sambaqui da Ilha da Boa Vista I. CLIO, Recife, 1994.

GASPAR, Maria Dulce; TENÓRIO, Maria Cristina. Amoladores e polidores fixos do litoral brasileiro. In: REUNIÃO CIENTÍFICA DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA, 5. Santa Cruz do Sul, Revista do CEPA, Santa Cruz do Sul, 1990.

GIANNINI P. C. F. **Sistemas deposicionais no quartenário costeiro entre Jaguaruna e Imbituba – SC**. Tese (Doutorado em Geologia Sedimentar), Programa de Pós Graduação em Geologia sedimentar, Universidade de São Paulo, Instituto de Geociências, V.1. São Paulo, 1993.

GIANNINI P. C. F.; SUGUIO, K. **Diferenciação entre gerações de depósitos eólicos quaternários na costa centro sul de Santa Catarina**. Geologia do Quartenário. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA, 38. Balneário Camboriú, Anais, Balneário Camboriú, 1984.

GIDDENS, A. **Para além da esquerda e da direita**. São Paulo: Editora da UNESP, 1996.

GLENN, B. T., CHIGNELL, M. H. **Hypermedia**: design for browsing. In : Hartson, H.R, Hix, D. *Advances in Human-Computer Interaction*. Nerwood, New Jersey : Ablex Publishing Corporation, v.3, 1992.

GOLIN, Tau. **Sepé Tiaraju**. Porto Alegre: Tchê, 1985.

GOMES JÚNIOR, Francisco Caruso. Geologia do Cenozóico de Santa Catarina. In: SILVA, Luiz Carlos da; BORTOLUZZI, Carlos Alfredo (eds.). **Texto Explicativo para o Mapa Geológico do Estado de Santa Catarina**. Florianópolis: 11º Distrito do DNPM. Coordenadoria de Recursos Minerais da Secretaria da Ciência e Tecnologia, Minas e Energia, 1987.

GRUPERH. **Estudo de circulação d'água e de dispersão de poluentes no complexo lagunar Sul Santa Catarina**. Tubarão, 2001.

GUALBERTO, Luiz. **Os Casqueiros de Santa Catarina ou Sambaquis**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, 1927.

GUERRA, Antônio Teixeira. **Apreciações sobre o valor dos sambaquis como indicadores de variação do nível dos oceanos**. Boletim Geográfico, Rio de Janeiro, 1950.

GUERRA, Antônio Teixeira. **Notas a propósito de depósitos conchíferos de São Lourenço, Boa Vista e Chácara Vintém (Niterói, Estado do Rio de Janeiro)**. Boletim Geográfico, Rio de Janeiro, 1955.

GUERRA, Antônio Teixeira. **Notas sobre alguns sambaquis e terraços do Litoral de Laguna (Santa Catarina)**. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, 1951.

GUERRA, Antônio Teixeira. **Significado Geomorfológico do Sambaqui de Sernambetiba**. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, 1962.

GUIDON, Niéde; PALLESTRINI, Luciana. **Indústria da Indústria do Sambaqui de Mar Casado**. Anhembi, São Paulo, 1962.

GUTIERREZ, Ramón. **Arquitetura Latino-Americana**. Textos para reflexão e polêmica. São Paulo: Nobel, 1989.

HANSEL, José. **A Pérola das Reduções Jesuítica**. Porto Alegre : Martins Livreiro, 1988.

HARTT, Carlos. F. **Sambaquis do Amazonas**. Contribuições para a etnologia do vale do Amazonas. Arquivos do Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1885.

HAUBERT, Maxime. **Índios e Jesuítas no Tempo das Missões: XVII - XVIII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

HEREDIA, Osvaldo Raimundo et al. **Pesquisa arqueológica no sambaqui do Amorins**. Arquivo do Museu de História Natural, Belo Horizonte, 1982.

HEREDIA, Osvaldo Raimundo; GATTI, Marcelo Paiva ; GASPAR, Maria Dulce; BUARQUE, Ângela M. G. Assentamentos pré-históricos nas ilhas do litoral centro-sul brasileiro: o sítio Guaíba (Mangaratiba – RJ). *Revista de Arqueologia*, Rio de Janeiro, 1984.

HODDER, Ian. **Interpretación en Arqueología: corrientes actuales**. Barcelona: Editorial Crítica, 1990.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. **A aventura dos museus**. In: ENCONTRO DE MUSEUS DO MERCOSUL, São Miguel das Missões. Anais, São Miguel da Missões, 1995.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. **Educação Patrimonial II**. S/d. mimeografado.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. **Educação Patrimonial**. S/d. mimeografado.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. **Museus e Turismo**. In: ORCALC-UNESCO/ICOM. Venezuela, 1995.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. **Teatro da memória**. *Revista do IPHAN*, Rio de Janeiro, 1987.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUMBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN/Museu Imperial, 1999.

HURT, W. R. **The preceramic occupations of Central and Southern Brazil**. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS, 37. Buenos Aires, Atas y Memorias, Buenos Aires, 1968.

IBGE. **Geografia do Brasil**. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Diretoria de Geociências. Rio de Janeiro: 1990.

IHERING, Hermann Von. **A civilização pré-histórica do Brasil Meridional**. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, 1895.

IHERING, Hermann Von. **A origem dos sambaquis**. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, São Paulo, 1903.

IPHAN. **Processo Tombamento da Coleção Pe. Rohr**. Pastas 13, 32, 59, 61, 62.

ITAQUI, José. **Educação Patrimonial. A Experiência da 4ª Colônia**. José Itaquí e María Angélica Villagrán. Santa Maria, Pallotti, 1998.

JACOBUS, Andre Luiz. A utilização de animais e vegetais na pré-história do RS. 63-88. In: KERN, Arno Alvarez (org.) et al. **Arqueologia Pré-histórica do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

JAGUARUNA. Lei Orgânica Municipal, 1990.

KERN, Arno Alvarez (org.) et al. **Arqueologia Pré-histórica do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

KERN, Arno Alvarez. **A arqueologia e o sítio-escola de pós-graduação em História da PUCRS**. Vértas, Porto Alegre, 1994.

KERN, Arno Alvarez. **Aplicação dos métodos estratigráficos e de decapagem no sítio litorâneo de Itapeva (Torre, RS)**. Revista de Pré-história. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1984.

KERN, Arno Alvarez. **Escavações em sambaquis no Rio Grande do Sul**. Estudos Leopoldenses. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 1970.

KERN, Arno Alvarez. **Fronteiras culturais: impactos e contatos na descoberta e colonização do Brasil**. Estudos Ibero-Americanos. Porto Alegre, Edição Especial – Brasil: 500 anos, 2000.

KERN, Arno Alvarez. **Missões: Uma Utopia Política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

KERN, Arno Alvarez. **Os textos teóricos sobre a história: análise crítica e interpretações**. Revista da Associação dos Pós-Graduandos em História – PUCRS, Porto Alegre, 2001.

KERN, Arno Alvarez. **Paleopaisagens e povoamento pré-histórico do Rio Grande do Sul**. 13-61. In: KERN, Arno Alvarez (org.) et al. **Arqueologia Pré-histórica do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

KERN, Arno Alvarez. **Pescadores-coletores pré-históricos do litoral norte do Rio Grande do Sul**. Arqueologia do Rio Grande do Sul Brasil, Documentos, São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1989.

KERN, Arno Alvarez (org.) et al. **Arqueologia Pré-histórica do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

KERN, Arno Alvarez. **Sondagem do sítio arqueológico de Xangrilá: uma experiência didática em arqueologia de salvamento**. Revista do IFCH. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1985.

KERN, Arno Alvarez. **Utopias e Missões Jesuíticas**. Porto Alegre: UFRGS, 1994.

KERN, Arno Álvarez; LA-SALVIA, Fernando e NAUE, Guilherme. **Projeto Arqueológico do litoral setentrional do Rio Grande do Sul: o sítio arqueológico de Itapeva, município de Torres, RS**. Vértas, Porto Alegre, 1985.

KNEIP, Lina Maria. Pré- História de Saquarema – RJ. In: TENÓRIO, Maria Cristina (org.). **Pré-História da Terra Brasilis**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

KNEIP, Lina Maria. **Pescadores e coletores do litoral:** sugestões para um projeto de pesquisa. Revista do Museu Paulista, São Paulo, 1971.

LACERDA, João Batista de. **A morfologia craneana do homem dos Sambaquis.** Revista de Antropologia Brasileira, Rio de Janeiro, 1882.

LACERDA, João Batista de. **O homem dos sambaquis – contribuição para a arqueologia brasileira.** Arquivos do Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1885.

LAMING, Anette. **Novas perspectivas sobre a pré-história do sul do Brasil.** Anhembi, São Paulo, 1960.

LAMING-EMPERAIRE, Anette. **Missions archéologiques françaises au Chili Austral et au Brésil Méridional:** datations de quelques sites par le radiocarbone. Jornal da Sociedade de Americanistas, Paris, 1968.

LAMING-EMPERAIRE, Anette. **Travaux archéologiques en Amériques du Sud.** Objects Mons, Paris, 1962.

LAVINA, Rodrigo. **Os Xokleng de Santa Catarina:** uma etnohistória e sugestões para os arqueólogos. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas – UNISINOS, 1994.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** 4. ed. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1996.

LE MOS, Carlos A. C. **O que é Patrimônio histórico.** 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos: 51).

LEONARDOS, O. H. **Concheiros naturais e sambaquis.** Avulsos (Serviço de Fomento a Produção Mineral), Rio de Janeiro, 1938.

LESSA, Barbosa. **São Miguel da Humanidade:** Uma Proposição Antropológica. Porto Alegre: SAMRIG, 1984.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência, o futuro do pensamento na era da informática.** Rio de Janeiro: 34, 1993.

LEZAMA, Antônio. **Arqueología, Patrimonio y gestión del territorio.** In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS IBERO-AMERICANOS, 4. Porto Alegre, PUC-RS. Anais, Porto Alegre, 2000.

LIMA, Tânia Andrade de. **Em busca dos frutos do mar:** os pescadores-coletores do litoral centro sul do Brasil. Revista da USP, São Paulo, 2000.

LOEFGREN, Alberto. **Os sambaquis.** Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, São Paulo, 1908.

LOFGREN, Alberto. **Contribuições para a archeologia paulista:** os sambaquis de São Paulo. Boletim Comissão de Geografia de São Paulo, São Paulo, 1893.

LUGON, Clóvis. **A República Comunista Cristã dos Guaranis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

MALLMANN, Alfeu Nilson. **Retrato sem Retoque das Missões Guaranis**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1986.

MARTIN, L.; SUGUIO, K.; FLEXOR, J. **Informações adicionais fornecidas pelos sambaquis na reconstrução de paleolinhas de praia quartenária: exemplos da costa do Brasil**. Revista de Pré-História, São Paulo, 1984.

MARX, Karl. **O 18 brumário de Luiz Bonaparte**. Coimbra: Nosso Tempo, 1971.

MEGGERS, Betty J. **Advances in Brazilian Archeology, 1935-1985**. American Antiquity, 50(2). 1985.

MEGGERS, Betty J. **América Pré-Histórica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MENEZES, Ulpiano T . Bezerra de. **O discurso museológico: um desafio para os museus**. In: Ciências em Museus, São Paulo, 1992.

MORLEY, Edna June. Como preservar os sítios arqueológicos brasileiros. In: TENÓRIO, Maria Cristina (org.). **Pré-História da Terra Brasilis**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1999.

MURATÓRI, Ludovico Antonio. **O Cristianismo Feliz nas Missões Jesuíticas**. Santa Rosa: Instituto Educacional Dom Bosco, 1993.

NIELSEN, J. **Hypertext and hypermedia**. New York : Academic Press, 1990.

NEUMANN, Eduardo. **O Trabalho Guarani Missioneiro no Rio da Prata Colonial, 1640/ 1750**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1996.

NEVES, W. A.; UNGER, P.; SCARAMUZZA, C. A. M. **Incidência de cáries e padrões de subsistência no litoral norte de Santa Catarina – Brasil**. Revista de Pré-História, São Paulo, 1984.

OLIVEIRA, Mário Sérgio de. **Os sambaquis da planície costeira de Joinville, litoral Norte de Santa Catarina: geologia, paleogeografia e conservação in situ**. Florianópolis, UFSC-SC. Dissertação de Mestrado, 2000.

OLIVEIRA, Simoni Lima de. **Destruição e Preservação dos sambaquis de Jaguaruna de 1959 à 1969**. Monografia (Graduação em História), Centro de Ciências Humanas de Letras e de Artes. Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, 1999.

PALACIOS, Silvio; ZOFFOLI, Ena. **Gloria y Tragedia de Las Misiones Guaranies**. Mensajeiro, 1991.

PALLESTRINI, Luciana. **Jazida litorânea de Piaçaguera, Cubatão, Estado de São Paulo**. Revista do Museu Paulista, São Paulo, 1:357-379. 1964.

PAOLI, Maria Célia. Memória, história e cidadania: o direito ao passado. In SÃO PAULO (cidade). Secretaria Municipal de Cultura/Departamento do Patrimônio Histórico. **O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania**. São Paulo: DPH, 1992.

PENNA, Ferreira. **Breve notícias sobre os sambaquis do Pará**. Arquivos do Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1876.

PERRENOUD, Philippe. **Dez Novas Competências para Ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PESEZ, J., História da Cultura Material. In: LE GOFF, J. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

PIAZZA, Walter Fernando. **As fontes primárias da História: fontes arqueológicas catarinenses**. In; SIMPÓSIO DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA. 3. Franca. Anais, Franca, 1967a.

PIAZZA, Walter Fernando. **Dados à arqueologia do litoral norte e do planalto de Canoinhas**. Publicações avulsas do Museu Goeldi, Belém, 1974.

PIAZZA, Walter Fernando. **Estudos de Sambaquis: o sambaqui de Ponta das Almas**. Instituto de Antropologia (Série Arqueologia), Florianópolis, 1966a.

PIAZZA, Walter Fernando. **Nota preliminar sobre o PRONAPA no estado de Santa Catarina**. Publicações avulsas do Museu Goeldi, Belém, 1967b.

PIAZZA, Walter Fernando. **Os sítios arqueológicos do litoral catarinense**. Estudos Históricos, Marília, 1966b.

PIAZZA, Walter; EBLE, A. B. **Considerações preliminares sobre a arqueologia do sul-catarinense: relatório**. Universitas, Salvador, 1977.

PINTO, Edgar Roquette. **Os indígenas do nordeste**. São Paulo: Editora Nacional, Série Brasileira 44, 1935.

POPKEWITZ, Thomas S. **Reforma Educacional: uma política sociológica - poder e conhecimento em educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

PORTO, Aurélio. **História das Missões Orientais do Uruguai**. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1954.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JAGUARUNA. **Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Santa Catarina**. Plano de Desenvolvimento Municipal de Jaguaruna. Jaguaruna: PMJ, 1999.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. **Educação Patrimonial: relatório 1996-1998**. 1999.

PREISS, Jorge Hirt. **A Música nas Missões Jesuíticas nos Séculos XVII e XVIII.** Porto Alegre: Martins Livreiro, 1988.

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira.** Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1992.

PROUS, André. **Les sculptures zoomorphes du sud bresilien et de l'Uruguay.** Cahiers d'Archeologie d'Amérique du sud. Paris. N° 5, 1977.

PROUS, André. **Os moluscos e a arqueologia brasileira.** Arquivo do Museu de História Natural, Belo Horizonte, 1990.

PROUS, André. **Os objetos zoomorfos do litoral do sul do Brasil e do Uruguai.** Anais do Museu de Antropologia, Florianópolis, 1972.

QUEVEDO, Júlio. **A Guerra Guaranítica.** São Paulo: Ática, 1996.

RATH, C. F. **Etnologia sobre um povo que já habitou a costa do Brasil, bem como o seu interior, antes do Dilúvio Universal.** Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, 1871.

RATNER, Carl. **A Psicologia Sócio-Histórica de Vygotsky: aplicações contemporâneas.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

RAUTH, J. W. W. **Nota prévia sobre a escavação do Sambaqui do Godo.** Publicações Avulsas do Museu Goeldi, Belém, 1969b.

RAUTH, J. W. W. **Nota prévia sobre as escavações do rio São João.** Publicações Avulsas do Museu Goeldi, Belém, 1969a.

REMOND, René. **O Século XIX. 1815/1914.** Cultrix, São Paulo, 1976.

RIBEIRO, Antônio J. **Sambaquis.** Boletim Geográfico, Rio de Janeiro, 1944.

RIBEIRO, Pedro Mentz. **Manual de Introdução à Arqueologia.** Porto Alegre: Editora Sulina, 1977.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. M., **Arqueologia em Perspectiva: 150 anos de prática e reflexão no estudo de nosso passado.** Revista da USP, São Paulo, 2000.

ROHR, João Alfredo. **Sítios arqueológicos de Santa Catarina.** Anais do Museu de Antropologia, Florianópolis, 1984.

ROHR, João Alfredo. **A pesquisa arqueológica no Estado de Santa Catarina.** Dédalo, São Paulo, 1973.

ROHR, João Alfredo. **Escavações de salvamento no sítio arqueológico da Praia das Laranjeiras.** Balneário Camburiú – SC. In: JORNADA BRASILEIRA DE ARQUEOLOGIA. 1. Rio de Janeiro, Resumos, Rio de Janeiro, 1978.

ROHR, João Alfredo. **Levantamento dos sítios arqueológicos em Jaguaruna.** In: SIMPÓSIO DE ARQUEOLOGIA DA ÁREA DO PRATA, 2. São Leopoldo, Anuário de Pesquisas, São Leopoldo, 1968.

ROHR, João Alfredo. **O sítio arqueológico de Armação do Sul Ilha de Santa Catarina.** In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA., 26. São Paulo. Resumos Ciência e Cultura, São Paulo, 1974.

ROHR, João Alfredo. **O sítio arqueológico Pântano do Sul SC-F-10.** Florianópolis, Imprensa Oficial, 1977.

ROHR, João Alfredo. **Os paleo-ameríndios.** Notícias, Porto Alegre, 1971a.

ROHR, João Alfredo. **Os sítios arqueológicos no município Sul-catarinense de Jaguaruna.** Pesquisas (Série Antropologia), São Leopoldo, 1969.

ROHR, João Alfredo. **Pesquisas arqueológicas em Santa Catarina.** I – Exploração sistemática do sítio Praia da Tapera. II – Os sítios arqueológicos do município de Itapiranga. Pesquisas (Série Antropologia), São Leopoldo, 1966.

ROHR, João Alfredo. **Pesquisas paleo-etnográficas na Ilha de Santa Catarina e sambaquis do litoral sul-catarinense.** Pesquisas (Série Antropologia), São Leopoldo, 1962.

ROHR, João Alfredo. **Pesquisas Paleo-etnográficas da ilha de Santa Catarina.** E notícias prévias sobre sambaquis da Ilha de São Francisco do Sul, III – 1960. Pesquisas (Série Antropologia), São Leopoldo, 1961.

ROHR, João Alfredo. **Santa Catarina, antes de Cabral, antes de Colombo, antes de Cristo.** Revista Catarinense, Florianópolis, 1971b

ROULETT, Florencia. **La Resistencia de Los Guarani Del Paraguay a la conquista Española (1537- 1556).** Universidad Nacional de Misiones, 1993.

SANTA CATARINA. Secretaria do Estado de Educação e do Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina:** Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Disciplinas Curriculares, Florianópolis, COGEN, 1998.

SANTOS, Adriana V. G..**Projeto Tambá- Ki (A importância da preservação de nossos sambaquis).** In: I CONGRESSO SUL BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL. Tubarão. Anais, Tubarão – SC, 2001.

SANTOS, Julio Ricardo Quevedo dos. **Rio Grande do Sul Aspectos das Missões.** Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.

SANTOS, Milton. **Um mundo sem fronteiras: o território como limite.** Conferência. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 20. Florianópolis, UFSC, 25 a 30 de julho de 1999. Florianópolis.

SCARAMELLA, N.; SCARAMELLA, G; BARBOSA, D.R.; GASPAR, M. D. **Resultado da análise do material lítico do sítio do meio, Cabo frio, Rio de Janeiro.** In: REUNIÃO CIENTÍFICA DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA, 5. Santa Cruz do Sul. Revista do CEPA, Santa Cruz do Sul, 1990.

SCHALLENBERGER, Erneldo. **A Integração do Prata no Sistema Colonial: Colonialismo Interno e Missões Jesuíticas do Guairá.** Toledo, 1997.

SCHIAVINI, Alceri Luiz & RHONEDS, Aldora Rodrigues. **Sambaquis e lençóis conchíferos Naturais do Litoral Sul-Catarinense: Novos enfoques interpretativos.** In: REUNIÃO CIENTÍFICA DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA, 8. Porto Alegre. Anais, Porto Alegre, 1995.

SCHMITZ, Pedro Inácio et al. Escavações arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr, S.J. O sítio arqueológico de Armação do Sul. Instituto Anchietano de Pesquisas. Pesquisas (Série Antropologia), São Leopoldo, 1992.

SCHMITZ, Pedro Inácio. A Construção do sambaqui. A instalação dos sítios litorâneos Itararé em Santa Catarina. In: REUNIÃO CIENTÍFICA DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA, 6. Rio de Janeiro, Resumos, Rio de Janeiro, 1991.

SCHMITZ, Pedro Inácio. Caçadores e coletores da Pré-História do Brasil. Instituto Anchietano de Pesquisas, São Leopoldo, 1984.

SCHWENGBER, Valdir Luiz. **A utilização da informática na Arqueologia.** Contribuição para a Educação Patrimonial. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS IBERO-AMERICANOS, 4. Porto Alegre, Anais, Porto Alegre, PUC-RS. 2000.

SERRANO, Antônio. **Arqueologia brasileira: subsídios para a arqueologia do Brasil Meridional.** Revista de Arqueologia do Município de São Paulo, São Paulo, 1937.

SERRANO, Antônio. **La cultura lítica del sur brasileño.** In: CONGRESSO SUL-RIOGRANDENSE DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA, 3. Porto Alegre, Anais, Porto Alegre, 1940b.

SERRANO, Antônio. **La cultura lítica del sur brasileño.** Revista Geográfica Americana, Buenos Aires, 1938a.

SERRANO, Antônio. **Lineas Fundamentales de la Arqueologia del litoral.** Revista do Instituto Antropológico, Cordoba, 1972.

SERRANO, Antônio. **Los sambaquis o concheros brasileños.** Revista do Instituto Antropológico, Buenos Aires, 1938b.

SERRANO, Antônio. **Los sambaquis y otros ensayos de arqueologia brasilenã.** In: CONGRESSO SUL-RIOGRANDENSE DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA, 3. Porto Alegre, Anais, Porto Alegre, 1940a.

SERRANO, Antônio. **Los sambaquis.** Revista Geográfica Americana, Buenos Aires, 1941.

SERRANO, Antônio. **El precerâmico en la Republica Argentina y Paises Vecinos.** Revista do Instituto Antropológico, Cordoba, 1968.

SERRANO, Antônio. **The sambaquis of the Brazilian Coast. 401-407.** In: Stewart, J. H. (ed.) Handboock of South American Indians. Washington, Smithsonian Institute, Bureau of American Ethnology, 1946.

SEVERAL, Rejane da Silveira. **A Guerra Guaranítica.** Porto Alegre: Martins Livreiro, 1995.

SHEEL, Rita; GASPAR, Maria Dulce & YBERT, Jean-Pierre. **A Anatomia dos carvões pré-históricos.** Ciência Hoje, Rio de Janeiro, 1996.

SILVA, Maria Beatriz Setúbal de Rezende. **Preservação na gestão das cidades.** Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n.24, p.165-174, 1996.

SILVA, Regina Coeli Pinheiro da. **Compatibilizando os instrumentos legais de preservação arqueológica no Brasil:** o Decreto-Lei nº 25/37 e a Lei nº 3924/61. Revista de Arqueologia, Sociedade de Arqueologia Brasileira, Rio de Janeiro, 1996.

SIMON, Mário. **Os Sete Povos das Missões.** Porto Alegre: Martins Livreiro, 1987.

SOARES, André Luis R. Guarani: **Organização Social e Arqueologia.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

SOARES, André Luis. **Interface para a valorização da Memória e Identidade Cultural de São Martinho da Serra, RS: um programa de Educação Patrimonial.** In: I CONGRESSO SUL BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL. Tubarão. Anais, Tubarão – SC, 2001.

SOUZA, Alfredo Mendonça. **História da Arqueologia Brasileira.** Pesquisas, São Leopoldo, 1991.

SUGUIO, K.; MARTIN L.; BITTENCOURT, A. C. S. P.; DOMINGUEZ, J. M. L.; FLEXOR, J. M.; AZEVEDO, A. E. G. **Flutuações do nível relativo do mar durante o quartenário superior ao longo do litoral brasileiro e suas implicações na sedimentação costeira.** Revista Brasileira de GeoCiências, São Paulo, 1985.

TAVARES, Regina Márcia Moura. **Os trabalhos extra-muros:** problemas e perspectivas. In: Ciências em Museus, São Paulo, 1992.

TENÓRIO, M. C.; GASPAR, M. D.; BULÇÃO, S. M. R. **Pesquisas Arqueológicas na praia de Geribá.** Revista do CEPA, Santa Cruz do Sul, 1990.

TENÓRIO, Maria Cristina. Os fabricantes de machado da Ilha Grande. In: TENÓRIO, Maria Cristina. (org.). **Pré-História da Terra Brasilis**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1999.

TENÓRIO, Maria Cristina. (org.). **Pré-História da Terra Brasilis**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1999.

TENÓRIO, Maria Cristina. **A importância da coleta de vegetais no advento da agricultura**. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

TENÓRIO, Maria Cristina; FRANCO, Teresa Cristina.(org.). **Seminário para a implantação da temática pré-história brasileira no ensino de 1º, 2º e 3º graus**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/MN, 1994.

TENÓRIO, Maria Cristina; GASPAS, Maria Dulce. **A vida no litoral brasileiro há 6 mil anos**. Revista Ecologia e Desenvolvimento, Rio de Janeiro, 1992.

TEODORO, Maria Aparecida N. **Educação Patrimonial e sambaquis**: estudo de caso na comunidade de Mato Alto - Tubarão/SC. Monografia (Graduação em História) Centro de Ciências Humanas de Letras e de Artes, Universidade do Sul de Santa Catarina, UNISUL, 2001.

THOMPSON, Edward P. **Tradición, revuelta y consciencia de clase**. 3 ed. Barcelona: Editorial Crítica, 1989.

TIBURCIO, Adilson. **Análise da percepção da paisagem de dunas pelas comunidades litorâneas do município de Jaguaruna**. Monografia (Especialização em Administração em Recursos Naturais), UNIVALI, Itajaí, 1996.

TIBURTIUS, Guilherme. **Arquivos de Guilherme Tiburtius**. Joinville: Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville, 1996.

TIBURTIUS, Guilherme. **O Sambaqui da Conquista (NR-9)**. Boletim Paranaense de Geografia, Curitiba, 1966.

TREVISAN, Armindo. **A Escultura dos Sete Povos**. Porto Alegre: Movimento, 1978.

TRIGGER, B. G. **Além da História**: os métodos da Pré-História. São Paulo: EDUSP, 1973.

TRIGGER, B. G. **Historia del pensamiento arqueológico**. Barcelona: Crítica, 1992.

UCHÔA, Doroth Pinto. **Arqueologia de Piaçaquera e Tenório**: análise de dois sítios pré-cerâmicos do litoral paulista. Tese (Doutorado em Arqueologia). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, Rio Claro, 1973.

UCHÔA, Doroth Pinto. **Sinopse do “arcaico” do litoral de São Paulo**. Anuário de Divulgação Científica, Goiânia, 1980.

UCHÔA, Doroth Pinto; FRANCISCO, M. **Subsídios para o estudo morfológico de mandíbulas e observações dentárias:** o sambaqui de Maratuá, São Paulo. Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ANATOMIA, 10. São Paulo, Resumos, São Paulo, 1974.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. O seminário como técnica de ensino socializado. In (ver)

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Técnicas de Ensino:** por que não? (org.). 7 ed. Campinas: Papirus, 1998. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

VIEIRA, Elaine & VOLQUIND, Léa. **Oficinas de Ensino:** o quê? Por quê? Como?. 3 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

VYGOTSKY, L. S. **estudos sobre a história do comportamento:** símios, homem primitivo e criança. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

WESOLOSKY, Verônica. Práticas funerárias pré-históricas do litoral de São Paulo. 189-196. In: TENÓRIO, Maria Cristina. (org.). **Pré-História da Terra Brasilis.** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1999.

WIENER, Carlos. **Estudos sobre os sambaquis no Sul do Brasil.** Arquivos do Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1876.

WOLKMER, Antonio Carlos. **Direito e Justiça na América Indígena:** Da Conquista à Colonização. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 1998.

ZORTEA, A. S. **Arqueologia em unidades de conservação:** o caso do parque estadual de Itapuã e o sítio arqueológico do morro da fortaleza: Dissertação (Mestrado em História), Curso de Pós-Graduação em História/Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)